

4 2

MAIO - JUNHO - 1957

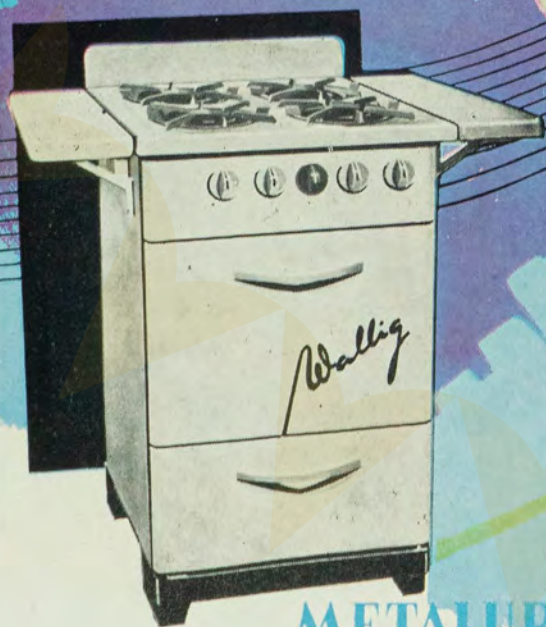
Arquitetura e Artes no Brasil

HABITAT



WALLIG produz hoje

o fogão do futuro!



Há 53 anos um símbolo de qualidade em:

Fogões domésticos e industriais a gás, lenha, carvão, óleo e eletricidade - Fogareiros a gás, querosene e eletricidade - Caldeirões - Cafeteiras - Fervedores de leite - Frigideiras - Pias - Fritadeiras - Bifeteiras - Máquinas de descascar batatas - Máquinas de moer carne - Preparadores de água quente - Máquinas de lavar roupa de diversas capacidades - Máquinas centrífugas - Secadores de roupa - Calandras - Caldeiras de alta e baixa pressão - Planejamento de instalações completas.

METALURGICA WALLIG S.A.

PÔRTO ALEGRE: Rua Voluntários da Pátria, 2213
FILIAIS: CURITIBA: Rua Lourenço Pinto, 219 - SÃO PAULO: Rua
Conselheiro Crispiniano, 57 - RIO DE JANEIRO: R. Uruguiana, 141 - BELO HORIZONTE: Av. do Contorno, 459
- RECIFE: Cais de Santa Rita, 396 - LA PAZ, Bolívia.

Para que pagar mais?

Compare nosso tecido e comprove ser
nosso preço o mais barato.

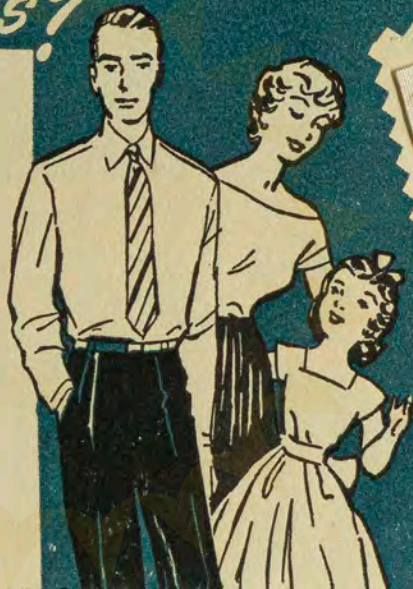
E não precisa sair de casa para fazer
sua compra.

Aproveite melhor esse seu tempo e eco-
nomise o dinheiro da condução.

Disque **33-9302** e seu pedido será
entregue em casa.

Tecido de superior qualidade para:

camisas, camisolas, combinações,
calcinhas, cuecas, blusas, vestidinhos, etc.



Larg. 80 cm.



KNOEDLER

Established 1846



Chaim Soutine (1894 - 1944), "Duas crianças na estrada," 24 $\frac{3}{4}$ " x 17 $\frac{1}{2}$ ".

OLD MASTERS
AMERICAN PAINTING
FRENCH IMPRESSIONISTS
CONTEMPORARY PAINTING

Framing

Prints

Restoring

NEW YORK CITY

14 East 57th Street

LONDON

14 Old Bond Street

PARIS

22 Rue des Capucines



Revestimento mosaico vidroso "Vidrotil"

MOSAICO VIDROSO VIDROTIL

VENDAS:

SÃO PAULO: S/A DECORAÇÕES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300 - Telefone, 32-2326
RIO DE JANEIRO: ARTHUR P. KRUG - Rua Prefeito João Felipe, 382 - Fone, 34-9177
SALVADOR (Bahia): GERALDO GONZAGA - Rua Alvares Cabral, 8 - 1.º andar - Fone, 2850
BELO HORIZONTE: BITTENCOURT & CIA. LTDA. - Rua da Bahia, 1.072 - Fone, 2-6354
FORTALEZA: RAIMUNDO MATTOS JUNIOR & CIA. - Rua do Rosário, 300 - Fone, 1-3395
RECIFE: ODILON AGUIAR - Edifício Phoenix Pernambucana - 9.º and. - Fones, 6428, 7671 e 7681 - Ram. 46
FLORIANÓPOLIS: ATEX LTDA. - Rua Tenente Silveira, 29 - Fone, 5271

Resolvido o seu
problema de espaço!



POLTRONA **CAMABEL**

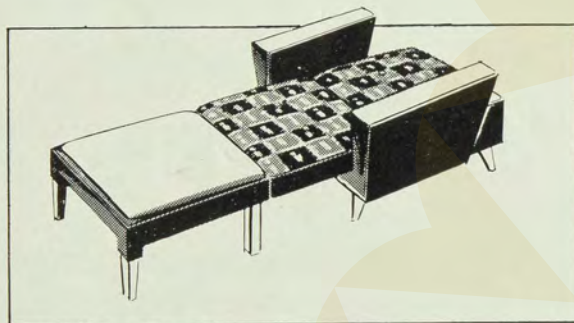
UM PRODUTO

Probel

Sem o aspecto de poltrona-cama! Atraente, elegante, de linhas moderníssimas. Revestimentos originais e variados. Combina com os melhores ambientes! Braços anatômicos. Pés torneados. É uma cama prática e confortável, facilíma de abrir — é

só puxar o encôsto! Molejo de molas No-Sag em toda sua extensão, para proporcionar repouso perfeito... sem os inconvenientes das poltronas-camas comuns! Dobradiças embutidas de funcionamento perfeito, absolutamente silenciosas.

PROCURE SEU REVENDEDOR
e adquira a Poltrona Camabel por
muito menos que V. pensa!



Ótima cama, com molejo nas
3 almofadas, proporciona perfeito repouso.



Modelo
sem braços, de
desenho simples
e funcional

ARMAÇÕES DE AÇO **PROBEL S. A.**

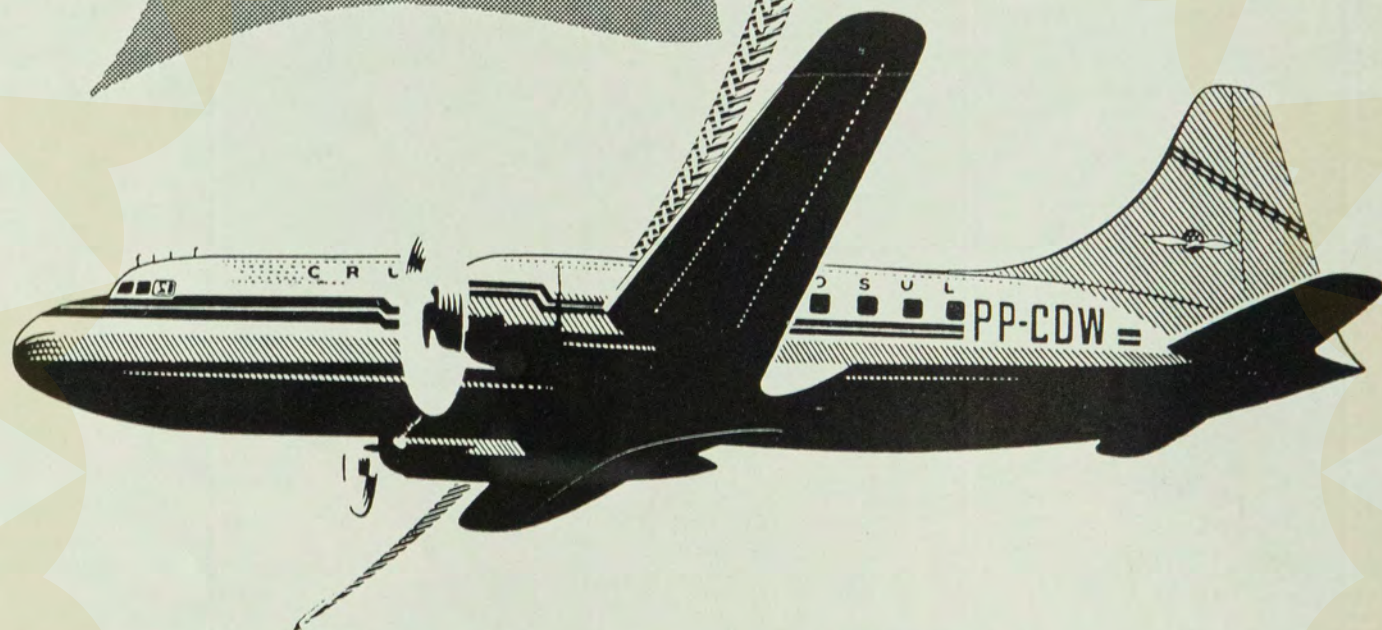


Pioneira da Industrialização do Conforto no País

Rua Vilela, 307 (Tatuapé) — Tel.: 9-0927 (P.B.X.) — Cx. Postal 1711 — São Paulo

aviões
CONVAIR
340

Modernos e rápidos
possantes e
confortáveis



da CRUZEIRO DO SUL S.A.

Os possantes e modernos CONVAIR-340
da CRUZEIRO DO SUL, proporcionam
as mais confortáveis e rápidas viagens
aéreas.

a negócio ou a passeio prefira sempre

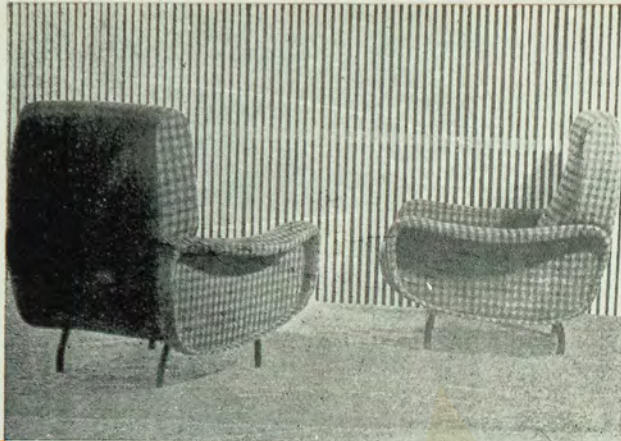


SERVIÇOS AÉREOS

CRUZEIRO DO SUL S.A.

Av. Rio Branco, 128 - Tel. 42-6060
Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tel. 32-7000





MÓVEIS EXCLUSIVOS

POLTRONAS DESENHADAS PELO ARQ.º
MARCO ZANUZO, ITÁLIA

TECIDOS EXCLUSIVOS

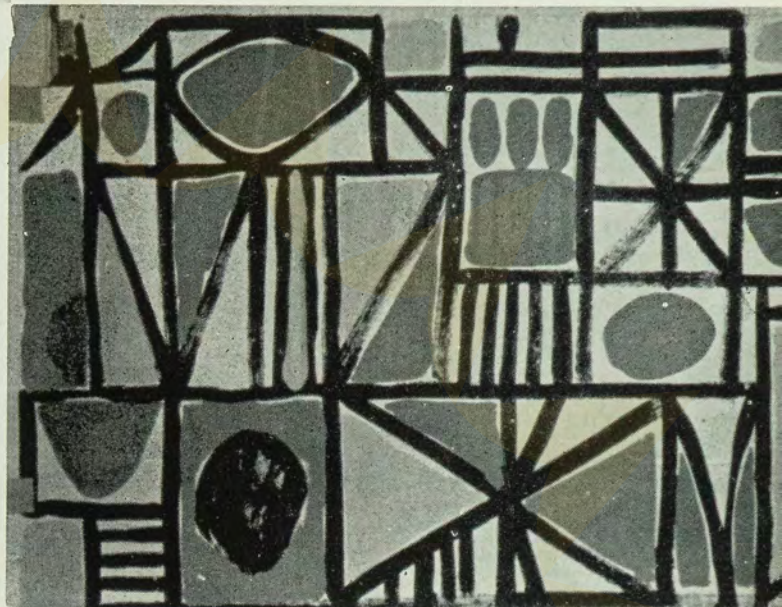
DESENHO E ESTAMPADO A MÃO DE PAULO BECKER

TAPEÇARIA MURAL

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS DO ARTESANATO DE
GENARO DE CARVALHO (BAHIA)

PROJETOS DE DECORAÇÃO

FABRICAÇÃO PRÓPRIA



ambiente

ind. e com. de móveis s.a.

rua martins fontes, 205 - são paulo - fone: 37-8248



ganha espaço e dá beleza

Se V. precisa de mais espaço, para ganhar salas mais amplas ou dividir dependências — MODERNFOLD resolve o seu problema. E V. terá mais lugares para dispor móveis. Seu escritório se enriquecerá com mais espaços úteis, com mais harmonia e com mais beleza decorativa.



modernfold se adapta a todos os ambientes

Homens de negócios também apreciam MODERNFOLD, porque nos escritórios, nas lojas ou nas salas de reuniões e conferências, MODERNFOLD propicia espaços economicamente... e graças à beleza de suas côres, atrai mais freguêses. Em qualquer parte — escolas, hospitais, hotéis ou restaurantes — MODERNFOLD obtém o máximo de espaço aproveitável.

Distribuidor **modernfold**

LOJAS KIRSCH DECORAÇÕES LTDA. - R. Barão de Itapetininga, 124 - 5.º and. - Fone: 32-6041

Fabricadas por



home fittings do Brasil s. a. Rua Maria Marcolina, 848 - Fones: 9-7507 e 9-7508 - São Paulo

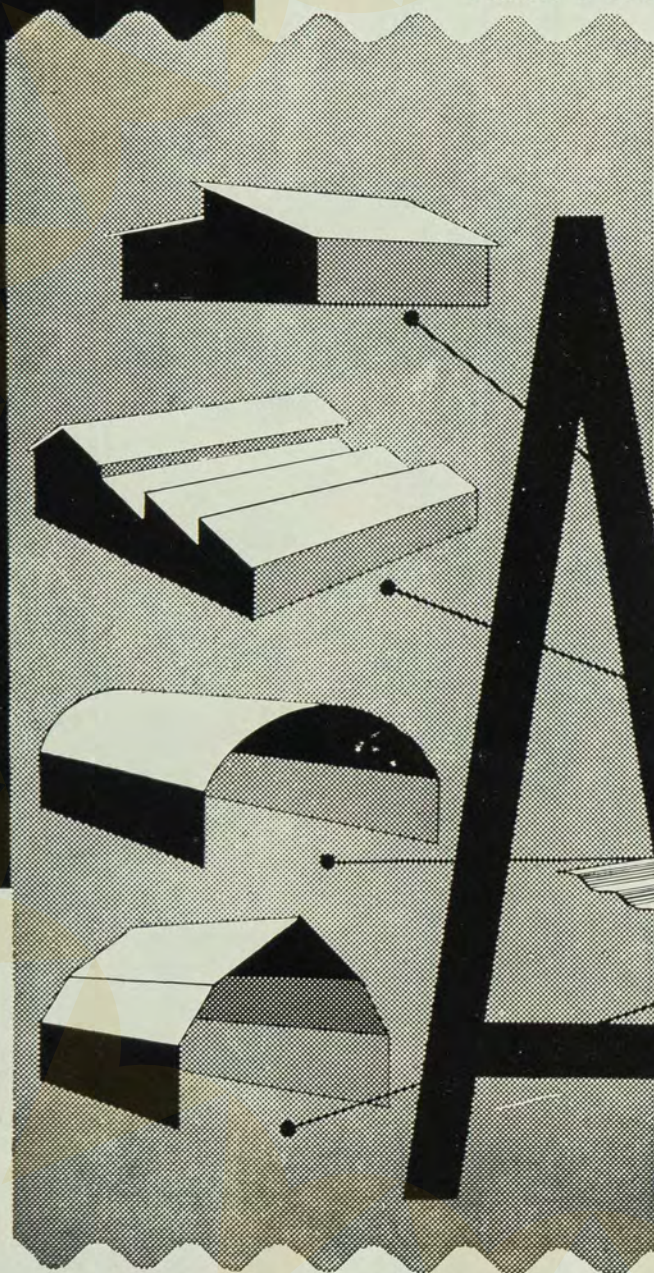
cubra melhor com

CHAPAS DE ALUMÍNIO EXTRA-DURO



As chapas onduladas de alumínio extra-duro CBA proporcionam inúmeras vantagens na cobertura de fábricas, galpões, depósitos, garagens, escolas, residências e outras quaisquer coberturas, porque:

- São de baixo custo
- Têm valor permanente como matéria-prima
- São de baixo peso específico - 1,5 kg por m², possibilitando grande economia nas estruturas, no transporte e na mão de obra.
- Oferecem extraordinária resistência mecânica, mantendo-se intactas diante das mais bruscas variações de temperatura e não estão sujeitas à corrosão ou ação de forças dinâmicas
- Elevado poder de reflexão do calor radiante, apresentando diferenças até 15.°C, entre a temperatura do ambiente interno e externo.
- Duração permanente. Existem coberturas perfeitas de alumínio com mais de 40 anos.



promotivos

**Alumínio
EXTRA
DURO**



Consulte-nos sem compromisso

COMPANHIA BRASILEIRA DE ALUMÍNIO

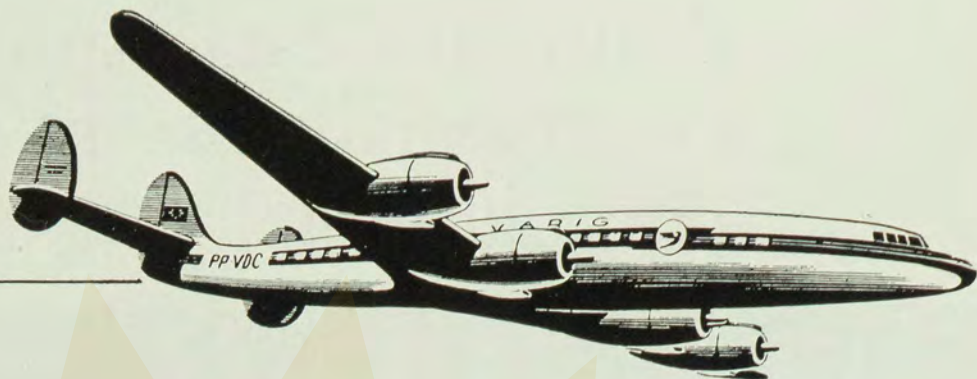
São Paulo - Rua Rizkallah Jorge, 50 (esq. Av. Anhangabaú) - 11.º andar
Tels : 35-1655 - 36-3100 - 35-9100 - End. Telegr.: ALUMÍNIO



**PARQUE
BALNEÁRIO
HOTEL**

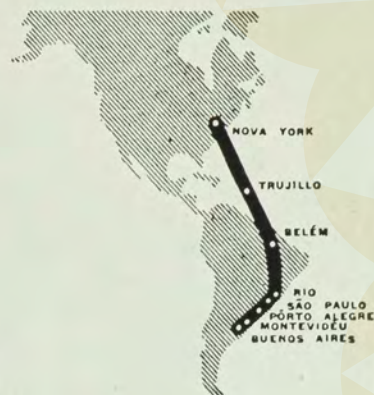
**TROPICAL GARDEN
TENIS·BAR·BOITE
BRIDGE CLUBE -**

AR CONDICIONADO



*a mais luxuosa
aeronave comercial na rota da amizade*

Rumo a **NOVA YORK**



Viajando a Nova York pela VARIG
você irá pelo caminho mais curto
e no menor tempo de voo.
Conheça de passagem Ciudad Trujillo,
sobrevoadando o lendário Mar das Caraíbas.
A bordo do Super G Constellation
você terá as mais variadas formas de conforto
e serviços especiais oferecidos nesta rota.



- três luxuosas cabines
- ar condicionado e pressão regulada
- saleta de estar artisticamente decorada
- quatro toaletes com toucador e água corrente
- cozinha a bordo para serviço de lanches quentes e frios e preparo dos mais finos e apetitosos pratos do cardápio internacional.
- esmerado serviço de bar.

Reserve sua passagem
com antecedência



VARIG



um serviço aéreo tradicional

Reunimos esta equipe
de especialistas em acústica
... para servi-lo!



Êstes homens formam uma equipe altamente especializada em acústica, e foram por nós reunidos exclusivamente para estudar o tratamento acústico dos seus projetos e construções. Habitue-se a consultar-nos, sempre que se defrontar com problemas de som e ruído. Sejam êles de edifícios de apartamentos, escritórios, auditórios, hospitais, escolas, cinemas ou de fábricas, os seus problemas serão resolvidos com precisão científica e com presteza, sem qualquer despesa ou compromisso de sua parte. Visite, chame ou escreva-nos: o importante é não deixar de consultar-nos!

Departamento Técnico de Engenharia

EUCATEX / S.A. - INDÚSTRIA E COMÉRCIO

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 530 - Tel.: 51-9108

Rio de Janeiro: Av. Pres. Vargas 435 - s/ 902 - Tel.: 43-2838

Pôrto Alegre: Rua Santo Antônio, 120 - Tel.: 5332

Belo Horizonte: Rua Rio de Janeiro, 282 - 10 andar - s/ 1.006 - Tel.: 2-3904

ÚNICA FABRICANTE NA AMÉRICA LATINA DA LINHA COMPLETA DE CHAPAS DE FIBRA DE MADEIRA: ISOLANTES, ACÚSTICAS E DURAS.

Ponto de Interrogação

POLYGONIA INTERROGATIONIS



Beleza

Na Natureza há poucas criaturas que se comparem à borboleta quanto às cores e ao encanto que empresta a qualquer cena de exterior.

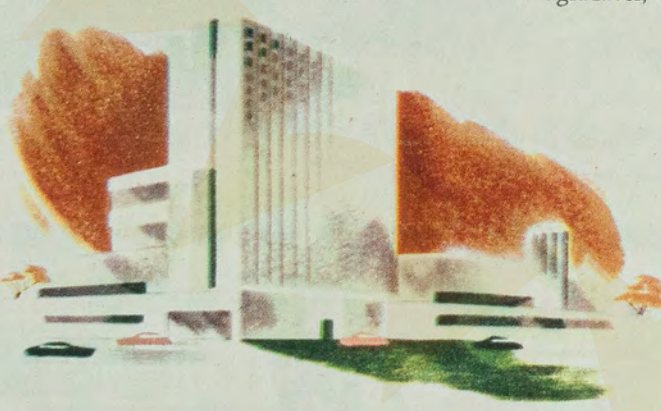
A borboleta "Ponto de Interrogação" vive na floresta. Seu nome se explica pelas manchas coloridas que tem sob as asas. Ela é encontrada nas regiões orientais da América do Norte, do Canadá ao México. É muito procurada pelos colecionadores, em virtude de sua beleza e perfeição.

No mundo das matérias-primas, há poucos metais que se comparem ao alumínio ALBRA pela sua facilidade em combinar-se com ambientes exteriores ou interiores. O alumínio em estado natural é de um cinza prateado, lustroso e agradável, com grande refletividade.

Pode-se obter uma infinidade de interessantes efeitos decorativos com o alumínio ALBRA, através de processos de acabamento semelhantes àqueles usados para outros metais.

Alguns dos processos especiais de acabamento também oferecem proteção contra a corrosão, aumentam o poder de reflexão da superfície e dão maior resistência à abrasão.

Consulte seu fornecedor especializado, ou a nós diretamente, para a solução de qualquer problema que envolva a utilização do alumínio ALBRA. Dispomos de um Departamento Técnico com engenheiros capazes, pronto a atendê-lo com a máxima presteza, sem compromisso de sua parte.



Beleza

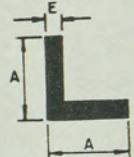
Entre os variados usos do alumínio ALBRA para maior valor decorativo e vantagens práticas em edifícios comerciais, industriais e residenciais, recomendam-se os perfis extrudados em portas e esquadrias, tubos para mobília e corrimãos, grades, chapas para paredes e telhados industriais etc.

ALUMÍNIO DO BRASIL, S.A.

SÃO PAULO: Largo Paissandu, 51 — 8.º and. ● RIO DE JANEIRO: Rua México, 21 — 6.º and.



CATÁLOGO DE EXTRUDADOS



Classe 4 Tipo A
CANTONEIRA COM ABAS IGUAIS SEM RÁIO

N.º Perfil	A		E		PESO		Fator- Seção
	pol.	mm	pol.	mm	lb./pés	kg/m	
B — 10.035	0,394	10	0,059	1,5	0,052	0,075	31
B — 10.053	1/2	12,7	1/16	1,59	0,070	0,102	29
B — 10.007	1/2	12,7	1/8	3,18	0,128	0,191	16
B — 10.036	0,591	15	0,078	2	0,101	0,151	23
B — 10.054	3/8	15,87	1/8	3,18	0,164	0,245	15
B — 10.055	3/8	19,05	1/16	1,59	0,105	0,157	28
B — 10.006	3/8	19,05	1/8	3,18	0,201	0,300	15
B — 10.016	1/8	22,22	1/8	3,18	0,238	0,354	15
B — 10.056	1	25,4	1/16	1,59	0,142	0,211	28
B — 10.057	1	25,4	1/8	3,18	0,274	0,409	15
B — 10.022	1	25,4	3/16	4,76	0,397	0,592	10
B — 10.037	1	25,4	1/4	6,35	0,512	0,762	8
B — 10.058	1,18	30	0,197	5	0,498	0,742	10
B — 10.021	1 1/4	31,75	1/8	3,18	0,348	0,518	15
B — 10.059	1 1/4	31,75	3/16	4,76	0,507	0,755	10
B — 10.060	1 1/2	38,1	1/8	3,18	0,423	0,630	14
B — 10.061	1 1/2	38,1	3/16	4,76	0,617	0,919	10
B — 10.062	2	50,8	1/8	3,18	0,567	0,845	14
B — 10.063	2	50,8	3/16	4,76	0,836	1,245	10
B — 10.064	2	50,8	1/4	6,35	1,095	1,632	8
B — 10.065	2 1/4	57,15	3/16	4,76	0,947	1,412	10
B — 10.066	2 1/2	63,5	1/4	6,35	1,387	2,063	8

OBSERVAÇÕES: LIGA PADRÃO: ALBRA 505
TAMBÉM DISPONÍVEL EM ALBRA 655



ALUMÍNIO DE ALTA QUALIDADE

ESCREVA-NOS
Se o Sr. deseja receber um folheto contendo instruções e informes completos sobre o Alumínio ALBRA, escreva-nos ou preencha o cupom ao lado, remetendo-o para a Caixa Postal 8039 — São Paulo.

ALUMÍNIO DO BRASIL, S. A. — Cx. Postal 8039 — São Paulo
Desejo receber o Catálogo ALBRA

NOME _____

FIRMA _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____ ESTADO _____

Conjuntos Sanitários CELITE

em

AZUL HORTÊNCIA



Doria Ass.

Representantes CELITE

Anápolis: José de Camillo, Comercial Hotel — Belém: Saunders & Cia. Ltda., Rua Gaspar Viana, 81 — Belo Horizonte: Ferreira Pinto, Representações Ltda., Rua Guajajaras, 740 — Curitiba: Mario Bassoi, Rua Pôrto Alegre, 200 — Florianópolis: Gondim & Cia., Rua Cons. Mafra, 33-1.º — Fortaleza: Representações Macedo Ltda., Rua Floriano Peixoto, 175 — João Pessoa: Claudio Pereira & Cia., Rua Barão do Triunfo, 277-1.º — Juiz de Fora: Arlindo L. da Costa, Rua Oscar Vidal, 97 — Maceió: Alberto Fontan, Rua do Comércio, 453 — Manaus: Mattos Areosa & Cia. Ltda., Rua Marechal Deodoro, 290 — Natal: Cesar & Cia. Ltda., Rua Dr. Barata, 209 — Parnaíba: Poncion Rodrigues & Cia., S. A., Rua São Vicente de Paula, 182 — Pelotas: J. Trilho Otero & Cia., Praça 20 de Setembro, 340 — Pôrto Alegre: Martins de Lima & Cia. Ltda., Rua Uruguai, 35 - s. 336/38 Recife: A. Dantas da Silva & Cia. Ltda., Rua Nova, 306 - s. 301 — Rio de Janeiro: Representações Olivério de Araújo Cid S/A, Rua da Assembléia, 11 - 9.º and. — Salvador: Custódio Mascarenhas, Rua Visconde do Rosário, 1-1.º andar — São Luiz: José M. Travassos & Cia., Av. D. Pedro II, 238 — Vitória: Buaiz S/A, Indústria e Comércio, Rua Presidente Florentino Avidos, 411.

máximo em qualidade e bom gosto!

Também em outras lindas e modernas tonalidades



Fabricados com primorosa perfeição técnica, em linhas modernas e nas cores mais encantadoras, os conjuntos sanitários CELITE definem tendências e são indispensáveis nos ambientes de requintado bom gosto!

CERÂMICA SANITÁRIA PORCELITE S. A.

Rua Itapura, 626 — Fone 9-1183 — Cx. Postal 2818
End. Teleg. "Porcelite" — São Paulo

marfim

azul-pastel

verde-jade

amarelo-candor

verde-esmeralda

rosa-arquidica

PROCURE NO REVENDEDOR DE SUA CIDADE OS CONJUNTOS SANITÁRIOS CELITE

ARTE-DECORAÇÕES

HENRIQUE LIBERAL S/A

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL DE



JANSEN

PARIS

AVENIDA IMPERIAL, 73 - ITAIM - FONE 8-3664 - S. PAULO

**HABITAT EDITÔRA
LTDA.**

ESTABELECIMENTO GRÁFICO

REVISTAS - CATÁLOGOS
FOLHETOS - ALBUNS
TESES - JORNAIS
IMPRESSOS EM GERAL

R. LAVAPÊS, 538
TEL. 36-3689

S. PAULO
BRASIL

NO

STUDIUM

do Hotel

J

ARAGUÁ

JANTARES DANSANTES

ao som do conjunto harmonioso de

BETINHO

Ar condicionado perfeito
Rua Major Quedinho, 40.
Telefone 37-5121

COCKTAILS-DRINKS

NO

CLUB

"550"



Melodias de **JEAN TRANCHANT**

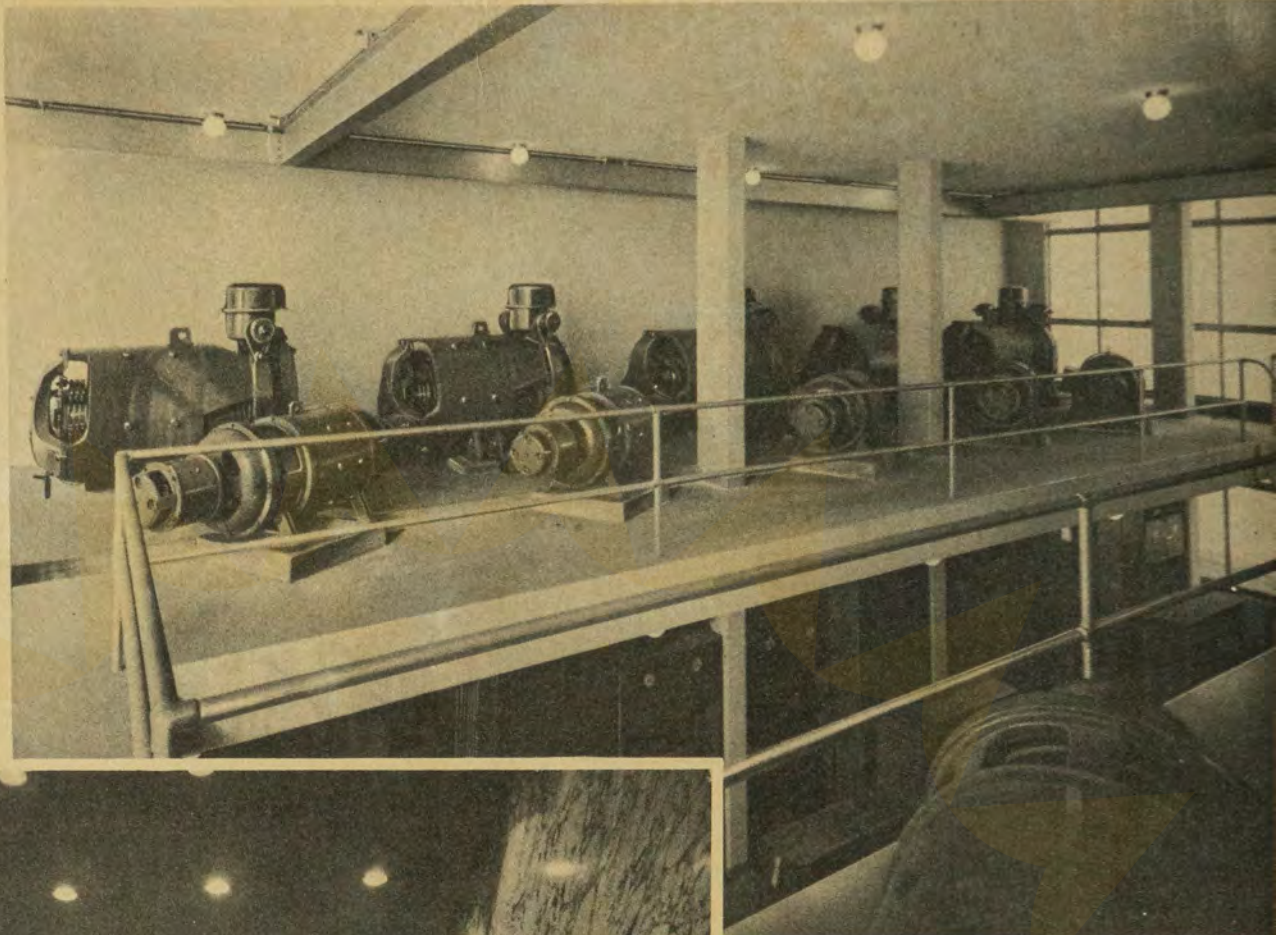
AR CONDICIONADO
Aberto das 11 hs. da manhã
Praça da República, 146



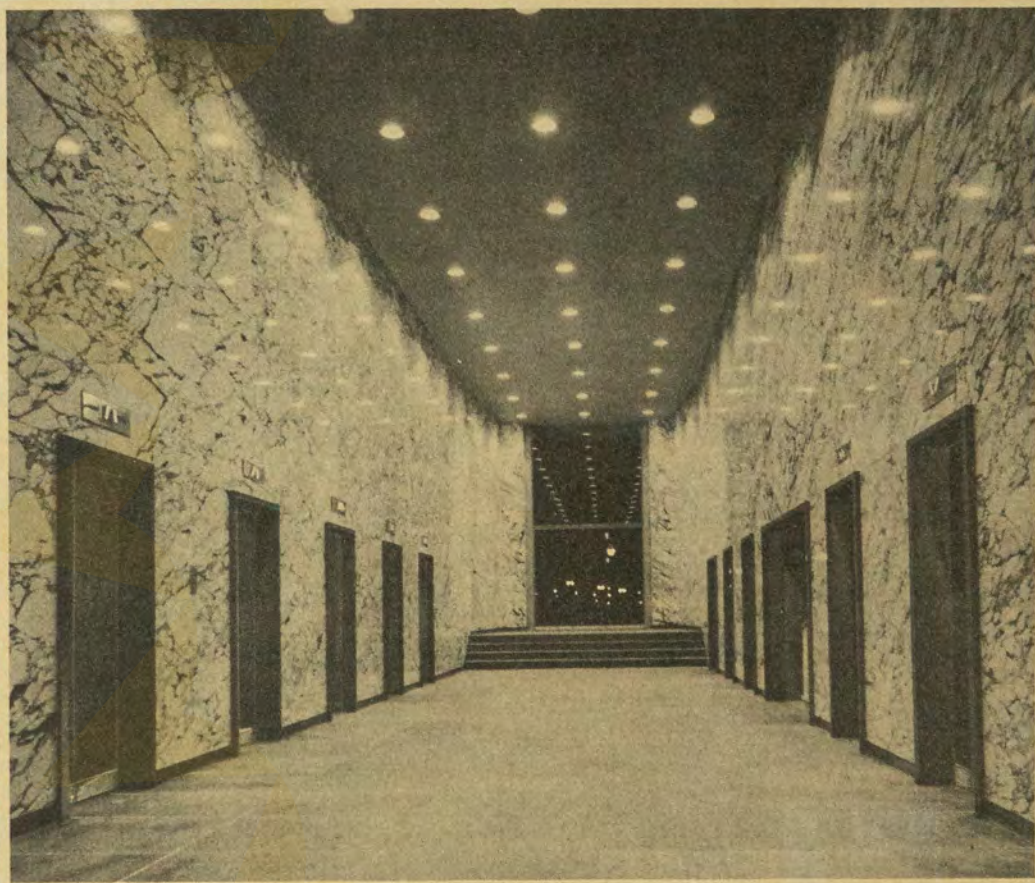


SÃO PAULO

VITÓRIA
RIO CLARO
DISTRITO FEDERAL
CONCEPCION
UBERABA
LA PAZ
NATAL
HAVANA
CURITIBA
JOINVILLE
PIRACICABA
CÁRDENAS
PALMA SORIANO
SANTOS
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
RECIFE
CAMPINAS
CIEGO DE ÁVILA
TEREZINHA



Casa de máquinas dos elevadores, de dimensões e disposição excepcionais.



PRÉDIO "CONDE DE PRATES"

São Paulo

Incorporação da
SEGURANÇA IMOBILIÁRIA S. A.

Construção da
CONSTRUTORA ALFREDO MATHIAS S. A.



O suntuoso hall dos elevadores na entrada do prédio.

De amplas proporções, este hall é ideal à perfeita movimentação da grande população do prédio, e à boa ordem na utilização dos elevadores.

Com capacidade de 20 pessoas, e velocidade de 210 metros por minuto – com comando "Selectomatic Control" – os 9 elevadores ATLAS deste prédio proporcionam tráfego rigorosamente perfeito.

MEXICO
LIVRAMENTO
SANTIAGO
MACEIO
BELEM
SÃO BERNARDO DO CAMPO
BEBEDOURO
BOTUCATU
GOIÂNIA
BAURU
MANAUS
FLORIANÓPOLIS
SÃO JOÃO DEL REI
MARILIA
PELOTAS
SALVADOR
URUGUAIANA
VOLTA REDONDA
JUIZ DE FORA
PÓRTO ALEGRE
SÃO VICENTE
PRESIDENTE PRUDENTE
CAXIAS DO SUL
ARARAS
RIBEIRÃO PRETO
SÃO LUIZ
VALPARAISO
FORTALEZA
CAMPO GRANDE
GUARUJÁ
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
SOROCABA
JUNDIAÍ
LA PAZ
ARARAQUARA
JOÃO PESSÓA

Portas de enrolar onduladas, articuladas, grades e Aparelhos suspensores elétricos e manuais. Perfilados de todos os tipos. Moldados a frio. Serralheria industrial



PINATEL S.A.
MANUFATURAS METÁLICAS

AL. CLEVELAND, 648/68 - C. P., 1894 TEL.: 51-6564 - END. TEL. «PINATEIS» - S. PAULO

BANCO TIETÊ

DIRETORES:

DR. ANTONIO WEY
Diretor-Presidente

FERNANDO HERACLIO SILVA
Diretor-Gerente

ESTEVAO GROSS
Diretor-Superintendente

DR. LUIZ TREVISANI
Diretor-Tesoureiro

TODAS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

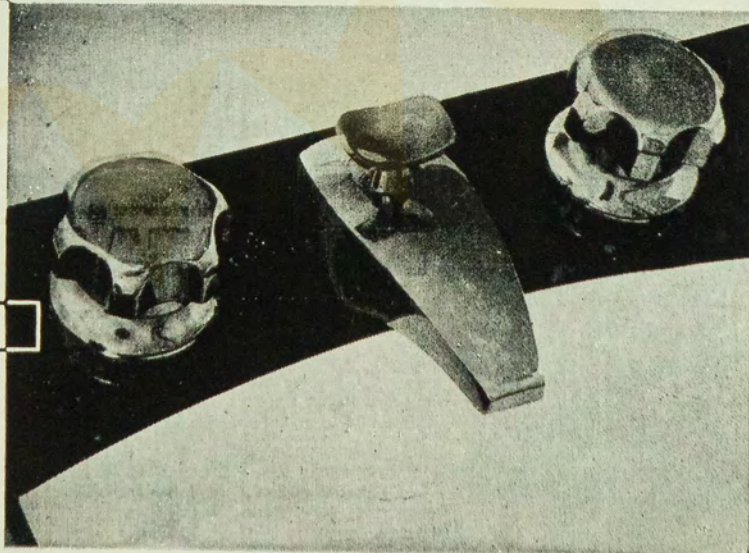
Matriz: RUA BÔA VISTA, 87 — FONES: 37-1692 e 34-8579
Agência Lapa: RUA DRONSFIELD, 136 — FONE: 5-0425 — S. PAULO

prumo

comércio e representações lida.

louça sanitária
metais de todas as marcas
material de encanamento
e congêneres

apresenta

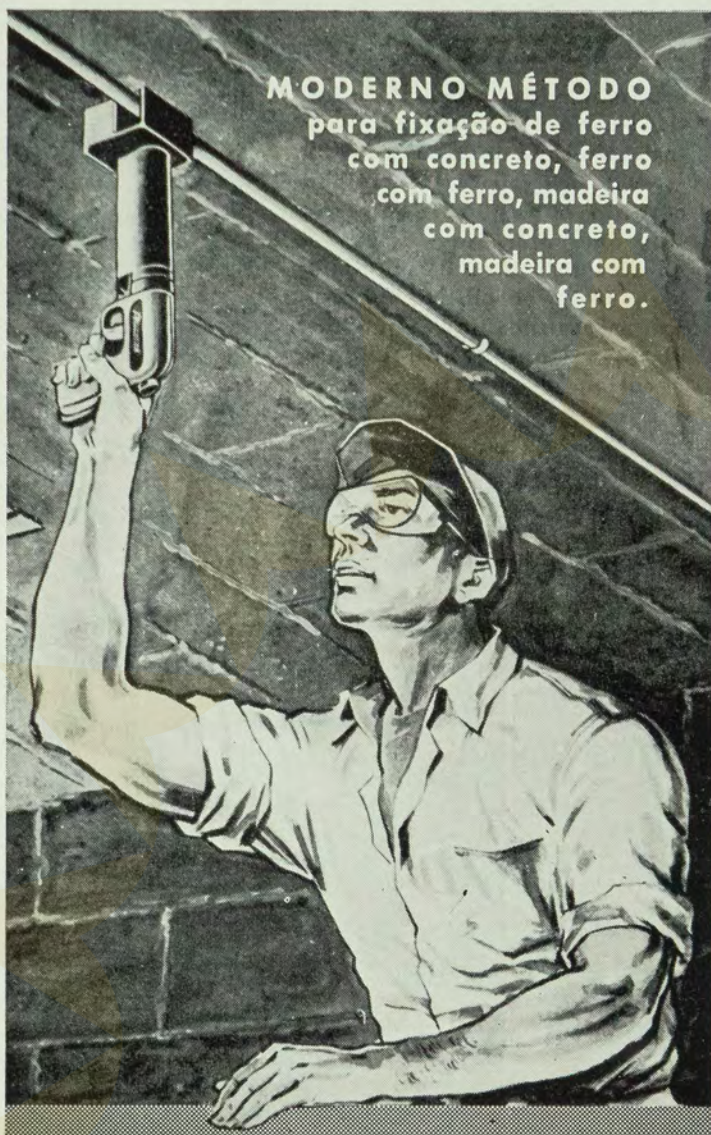


os modernos



metais tecno
metalúrgica mibielli e barbara lida

são paulo - rua barão de itapetininga, 255 - s/812 fone 35.0982



MODERNO MÉTODO
para fixação de ferro
com concreto, ferro
com ferro, madeira
com concreto,
madeira com
ferro.

HABITAT EDITÔRA LTDA.

ESTABELECIMENTO GRÁFICO

REVISTAS - CATÁLOGOS
FOLHETOS - ALBUNS
TESES - JORNAIS
IMPRESSOS EM GERAL



MONTANA SA
ENGENHARIA E COMERCIO

Apresenta o
Ramset

A ferramenta mais moderna e aperfeiçoada até hoje conhecida para os mais variados trabalhos de fixação.

Mais rápido que a mão, o RAMSET representa uma economia de 70 a 90% de mão de obra na fixação de conduites e isoladores em construções, ar condicionado, sinalização de trânsito, batentes de portas e janelas, etc.

Unicos distribuidores:

MONTANA SA
ENGENHARIA E COMERCIO

Rio de Janeiro: Rua Visc. de Inhaúma, 64
São Paulo: Rua 7 de Abril, 71

Porto Alegre: Rua Pinto Bandeira, 528
Belo Horizonte: Avenida Afonso Pena, 526

Produto de: RAMSET FASTENERS INC.
Ramset Division, Olin Mathieson Industries, Inc.

Representantes no Brasil:

MATHIESON QUIMICA LTDA.
Lgo. Paissandu, 72 - 4.º conj. 40 - Fone: 33-9413

Peca...

A visita de um vendedor, que sem compromisso demonstrará as inúmeras aplicações de Ramset.

R. LAVAPÊS, 538
TEL. 36-3689

S. PAULO
BRASIL



Nenhum é mais sêco
ou mais seguro
do que o FREON



Os gases refrigerantes Freon não são inflamáveis, tóxicos ou corrosivos. Não oxidam nem corroem os sistemas de refrigeração, por estarem absolutamente livres de ácidos, umidade ou ar. Na verdade, encontram-se 10 partes de umidade para cada milhão de partes de Freon! Eis porque o custo de manutenção é tão baixo, nos sistemas que funcionam com Freon. Se o Sr. fabrica ou vende aparelhos de ar condicionado, exija também Freon — os gases refrigerantes preferidos no mundo há mais de 25 anos!

Peça-nos literatura completa

Grátis!

sobre as vantagens e as possibilidades do Freon, nas instalações de ar condicionado e na refrigeração. Preencha e remeta o cupom abaixo:

À Du Pont do Brasil S.A. - Indústrias Químicas - Cx. Postal 8112 - S. Paulo

NOME: _____

RUA: _____ N.º _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

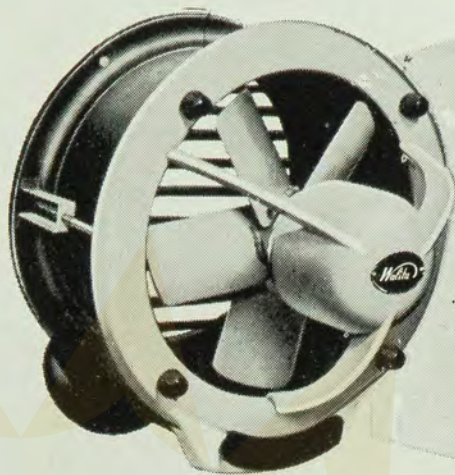
67.133

FREON

Marca registrada dos refrigerantes de hidrocarbonetos fluorados



Coisas melhores para viver melhor... graças à química



PARA PAREDES DE 1/2 E 1 TIJOLO

Ultra-silencioso! Especial para ambientes com fumaça, gordura e calor

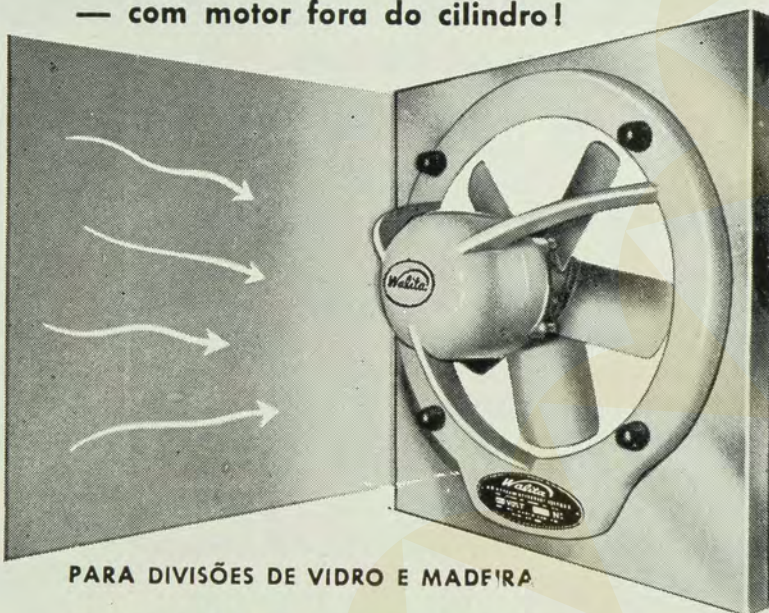
EXAUSTOR DOMÉSTICO

Com gavetinha para depósito de gordura e e aparador de resíduos colocado do lado externo.

Walita

DUPLO RENDIMENTO!

— com motor fora do cilindro!



PARA DIVISÕES DE VIDRO E MADEIRA

EXAUSTOR P/ VITRAUX

Ultra-silencioso!
Especial para ambientes com ar viciado, fumo, excesso de temperatura...

Walita



Produtos garantidos pela

ELETRO-INDÚSTRIA WALITA S. A.

Rua Dr. Álvaro Alvim, 76 —

Cx. Postal 4386 — São Paulo

À venda com facilidades de pagamento nos Revendedores Walita.



Painel executado com Pastilhas VIPAX ESPECIAL

PASTILHAS DE VIDRO:

VIPAX ESPECIAL

VIPAX ESTANDARD

REFLEX

MASSA VIDRAX

VIDROBRÁS

INDÚSTRIAS REUNIDAS VIDROBRÁS LTDA.

Sede: **SÃO PAULO** - Praça D. José Gaspar, 30 - 7.º e 8.º and. - Tel. 34-6745 - Caixa Postal, 5623
End. Tel. "VIDROPLANO" e "VIDROBRÁS"

Filial: **RIO DE JANEIRO** - Rua Debret, 23 - 14.º and. - Tel. 22-5076

HABITAT

ARQUITETURA E ARTES NO BRASIL

DIR. RESPONSÁVEL: GERALDO N. SERRA

7.º ANO - MAIO-JUNHO DE 1957 - N.º 42

PROPRIEDADE DE HABITAT EDITORA LTDA.

REDATOR-CHEFE: GERALDO N. SERRA
REDATOR: RODOLFO KLEIN
ARTES PLÁSTICAS: JOSÉ GERALDO VIEIRA
ARQUITETURA: GERALDO FERRAZ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA 7 DE ABRIL, 230; 8.º AND.; CONJ. 837/8
TELEFONE: 35-2837; SÃO PAULO — BRASIL

SUMÁRIO

Ética profissional	1
Plano Piloto da nova Capital do Brasil — arqs. M.M.M. Roberto e equipe	2
A Igreja de São Nicolau, Oostduinkerke, Bélgica — Paul Dony	25
Quatro Pintores Abstratos de Nova Iorque — Sanson Flexor	28
Reis, juizes e profetas	32
O expressionista Johann Gütligh	34
Um paisagista urbano	36
A Donzela de Domrémy	38
O chão das doze tribos	40
Constantin Brancusi — José Geraldo Vieira	41
Desenhos de Flávio de Carvalho	44
A celulose dos trapeiros	46
A IV.ª Bienal de São Paulo	49
Testemunhos próximos	50
Gerda Brentani	52
Artistas argentinos — Sigwart Blum	54
Tamar de Létay — Yvonne Jean	58
O 5.º Congresso Brasileiro de Arquitetos — Regulamento	59
Instituto Brasileiro de Acústica	60

DISTRIBUIDORES:

RIO DE JANEIRO e DISTRITO FEDERAL:
Brasiloto Ltda. Av. Alm. Barroso, 54, térreo.

ARGENTINA: Dr. Carlos Hirsch, Florida, 165, Buenos Aires.

URUGUAI: Ibana S/A, Convención, 1488, Montevideo.

PORTUGAL: Aricie Ltda., Av. Almirante Reis, 106, 1.ª esq., Lisboa.

IMPRESSO NO ESTABELECIMENTO GRÁFICO DA HABITAT EDITORA LTDA., RUA DOS LAVAPÊS, 536-538 - TEL.: 36-3689 - SÃO PAULO

Ética profissional

A oportunidade dos discursos sobre a ética parece-nos nestes dias, mais do que evidente e, ainda, mais do que necessária. Atravessamos difíceis tempos de corrupção, de superficialidade no que respeita às convicções, de transigências de toda ordem, e há que resguardar, de tais transbordamentos niveladores, algumas das qualidades de participação na vida cotidiana, essa brutalidade diária das emulações do sucesso a qualquer preço. Num pequeno manual, redigido num momento de grande e grave inspiração, pelo arquiteto italiano Gio Ponti, encontramos entre as “três atitudes ou vocações soberanas: o Mestre, o Médico, o Arquiteto”. Soldados, sacerdotes, políticos, não se confundem com aquelas três vocações, que o autor explica como adstritas a uma única “política” de configuração não política, fazendo sobreviver em sua fidelidade e confiança a direta e razão de ser dos Santos, dos Utopistas, dos Profetas, do Bom Povo... No texto de Gio Ponti “Sopravvive nella mostra fiducia una sola politica: quella diretta ed impolitica dei Santi, degli Utopisti, dei Profeti, del Buon Popolo”. Os políticos são diferentes, assinala o autor de “L’Architettura è un cristallo”, por que de sua missão fizeram uma habilidade, de um fim de civilização mundial fizeram uma competição de interesses, uma prática de cinismo.

E a impiedosa análise assume o significado duma advertência a registrar, quando se trata, efetivamente, de “construir para os outros”, sim, mas nisso “conservar íntegro tudo o que seja possível, espelhando nas moradias o tesouro da vida, a honra dos homens, intelectual e moralmente considerada”. Então Gio Ponti conclui que não se trata, no caso, de uma profissão, mas de uma graça. Nunca deverá por isso ocorrer ao arquiteto a transação profissional. Rigorosamente, o título dêste argumento é um título errado: não se trata de ética de uma profissão, senão, no caso dos arquitetos, do procedimento, da conduta que informa o homem que abraçou a carreira, a missão. Difícil, árdua, sacrificadora missão! A tarefa que o arquiteto tem pela frente, possui duas escalas: a individual e a coletiva e em ambos os rumos à responsabilidade de tal tarefa se estende do físico ao fisiológico, da higiene ao plano psicológico. Não se trata, apenas, da defesa do homem num abrigo, mas de todas as condicionantes de sua vida ativa. Na arquitetura se encontram as soluções para organizar o espaço em que se produzam as atividades humanas. Respeitamos no Arquiteto essa soma enorme de responsabilidades.

Não poderão, assim, os arquitetos transigir com o lucro, a competição dos baixos interesses, as transações inconfessáveis, toda a vez que lhes cabe decidir, sòzinhos, perante as solicitações que visem envolvê-los e transviá-los. Infelizmente, a sociedade dos homens não favorece ao Arquiteto a liberdade que uma consciência profissional, imbuida de sua missão histórica, de progresso e responsabilidade no desenvolvimento qualitativo da vida humana, deveria fruir na tessitura da orientação. De tal maneira, é contra os preconceitos, as tentações, as insinuações mercantilizadoras nas portas do templo, que o Arquiteto precisa agir e usar a sua recusa. Pois a missão que ele tem a cumprir não lhe autoriza negócios menosprezadores de sua intervenção nos acontecimentos.

Arquitetura e arquitetura moderna como a entendemos é vida; a tal ponto ela interfere nas atividades culturais, intelectuais, vitais do indivíduo e da coletividade. Só se serve à vida dos homens com verdade. É a verdade como regra das ações aquela oculta força que nos mantém diante de todos os descabros e corrupções, certos de que o dia de amanhã será melhor do que o de hoje, porque há homens que acreditam e praticam a verdade. Quanto ao Arquiteto, a sua função harmonizadora na vida não poderá jamais misturar a mentira num projeto: ele servirá à verdade com a verdade. Nunca um pensamento oculto, uma intenção cavilosa poderá estar escondida nas linhas de um desenho, com o fim de, ardilosamente, enganar e mentir. Admiti-lo, será tornar possível a desoladora perspectiva de que os valores morais desertaram da vida, através do crime com que se mata e elimina a esperança. Nunca um projeto, feito à sombra de tais pensamentos, na caliginosa umidade do subterrâneo da má fé, terá o direito de erguer-se a luz do sol, cristalizar-se na pureza das formas, viver com grandeza a hora maior marcada pela dignidade da criação. Um projeto assim baseado em contrafações emerge morto através de uma inspiração necrosada.

Plano Pilôto da nova Capital do Brasil

Arqs. M. M. M. Roberto (Antonio A. Dias, arq. ass., Ellida Engert, arq. chefe e eng. Paulo Novaes. Planejamento agrícola: Fernando Segadas Vianna, eng. agr.)

Cooperação dos arqs. Estephania R. Paixão, Marcello Campello, Marcello Fragelli e Sérgio A. Rocha, dos engs. H. J. P. Linnemann, Ivo Magalhães, J. M. Azevedo Neto, J. R. Rego Monteiro e N. A. Gaspar; do estatístico Antonio A. Teixeira de Freitas; do atuário João Lyra Madeira e do escultor Alfredo Ceschiatti.

I - A Metrópole

Um plano de urbanização que pretende ser mais que um esquema abstrato deve estar relacionado com uma comunidade de características definidas. A base do Plano é a análise da comunidade a ser estabelecida no novo Distrito Federal, tendo em vista assegurar as melhores condições sociais e econômicas compatíveis com as nossas aspirações e potenciais.

A Capital e o Distrito Federal

A necessidade de uma Capital decorre da existência de um governo centralizado, com jurisdição sobre um amplo território. A Capital é a sede desse governo central, onde funcionam os órgãos essenciais do poder temporal. Além das suas qualidades meramente funcionais, a capital também tem uma qualidade simbólica: representa a cultura nacional. É através de sua arquitetura, tomando o termo no seu sentido mais alto, que a capital pode exprimir os ideais da cultura nacional.

A maioria das grandes capitais, Paris, Moscou, Berlim, Buenos Aires, Madrid, Washington e mesmo o Rio de Janeiro, são reminiscências de ideais barrocos. A sua arquitetura preocupou-se com detalhes de exibição do poderio civil e militar. São um cenário para o governo e o poder econômico, cercado com uma massa de população desorganizada e sem condições adequadas para uma vida urbana satisfatória.

A capital que projetamos é a capital para uma nação que coloca os verdadeiros valores da vida humana acima da pura exibição monumental ou do gosto da complicação mecânica. É uma cidade para cidadãos e não para escravos ou máquinas. Não é uma imitação de outras capitais, pois nos parece que é necessário olhar para as nossas realidades e para o futuro, mais do que nos determos numa pura reprodução do passado.

O Plano teria, necessariamente, de considerar a articulação da Urbs, propriamente dita, com a região circundante. Por isso, demos especial atenção ao equilíbrio de todo o Distrito Federal. A área indicada, infelizmente, é uma figura geométrica arbitrária, e não corresponde a uma realidade natural. Dentro

das limitações impostas não era possível uma solução ideal.

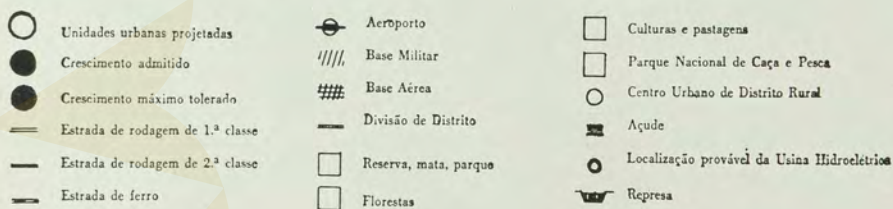
Dimensionamento básico

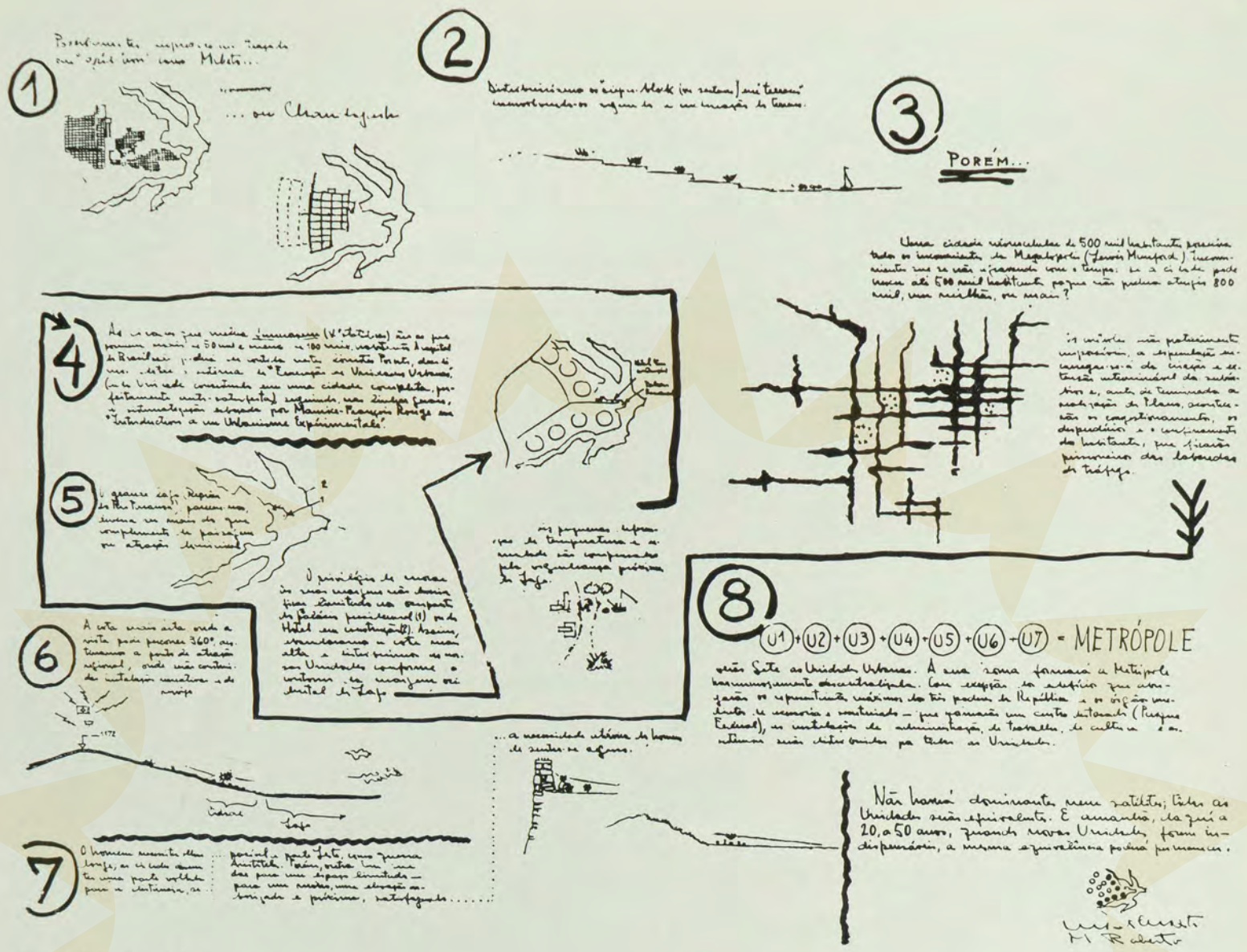
Uma cidade deve ser um todo equilibrado, proporcionado. Uma vez determinado o seu tamanho apropriado, não é possível alterá-la sem destruir a harmonia do conjunto. Procuramos encontrar as dimensões ideais para a Capital do Brasil, mas, na situação atual, dado o crescimento rápido de nossa população, seria impossível projetar uma cidade absolutamente estável. Por isso, imaginamos uma estrutura que permitisse até um aumento de 100% sem destruição das características básicas.

Tomadas as precauções adequadas, essa capacidade de crescimento deverá ser suficiente para, pelo menos, 50 anos, e possivelmente um século. Pareceu-nos que previsões mais distantes não se justificam.

O problema do controle da expansão, ou da manutenção da estabilidade estrutural da cidade, é fundamental. O crescimento inicial, muito rápido, deve ser controlado para que se atinja a composição de população adequada, por estágios equilibrados. Uma vez

PRANCHA N.º 1 — Esquema geral do Distrito Federal.





A solução (Metrópole)

1 — Poderíamos ter empregado um traçado em «grid-iron», como Mileto... ou Chandigarh. 2 — Distribuiríamos os «super-bloc» ou «secteur» em «terraces», desenvolvendo o segundo a inclinação do terreno. 3 — Porém... Uma cidade monocelular de 500 mil habitantes possuirá todos os inconvenientes do Megalopolis (Lewis Mumford). Inconvenientes que se irão agravando com o tempo: se a cidade pode crescer até 500 mil habitantes, porque não poderá atingir 800 mil, um milhão ou mais? Os controles serão praticamente impossíveis, a especulação encarecerá-se a criação e extensão interminável dos subúrbios e, antes de determinada a realização do Plano, acontecerão os congestionamentos, os desperdícios e o confinamento dos habitantes, que ficarão prisioneiros das labaredas do tráfego. 4 — As cidades que melhor funcionam são as que possuem mais de 50.000 e menos de 100.000 habitantes. (v. Estatísticas). A Capital do

Brasil não poderá ser contida nestes limites. Por isto, decidimos adotar o sistema de «Federação de Unidades Urbanas», (cada Unidade consistindo em uma cidade completa, perfeitamente auto-satisfeita), seguindo, nas linhas gerais, a sistematização esboçada por Maurice-François Rouge em «Introduction a un Urbanisme Expérimentale». 5 — O grande lago (Represa do Rio Paranoá), pareceu-nos, deveria ser mais do que completamente da paisagem ou atração dominical. O privilégio de morar às suas margens não deveria ficar limitado aos ocupantes do palácio presidencial (1) ou do Hotel em construção (2). Assim abandonamos a cota mais alta e distribuímos as nossas Unidades conforme o contorno da margem ocidental do Lago. 6 — A cota mais alta, onde a vista pode percorrer 360°, destinamos a ponto de atração regional, onde serão construídas instalações recreativas e de serviço. 7 — O homem necessita olhar longe; as cidades devem ter uma parte voltada

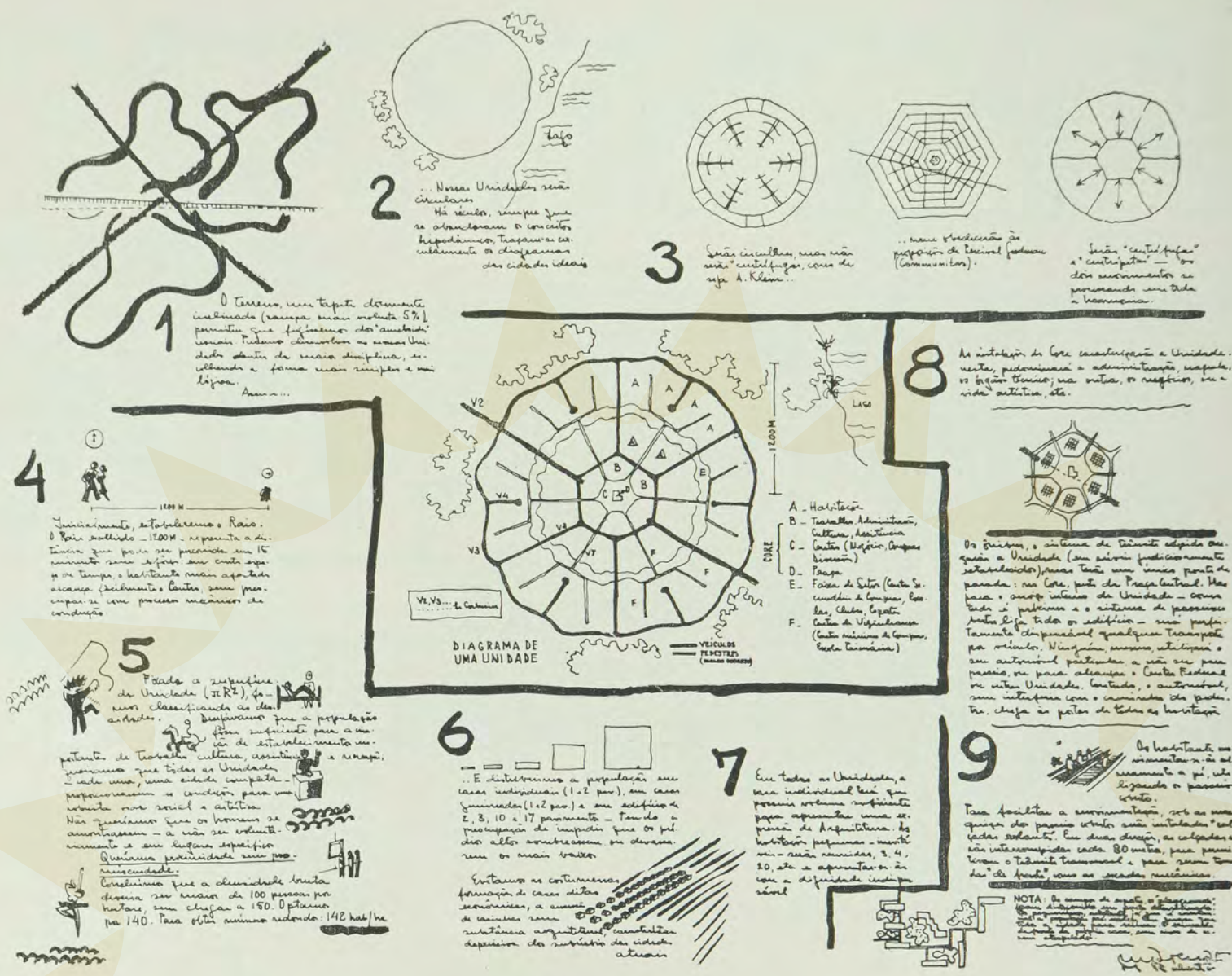
para a distância, se possível a parte Leste, como queria Aristóteles. Porém, outra tem que dar para um espaço limitado — para um morro, uma elevação arborizada e próxima, satisfazendo a necessidade atávica do homem de sentir-se seguro. 8 — Serão sete as Unidades Urbanas. A sua soma formará a Metrópole harmoniosamente descentralizada. Com exceção dos edifícios que abrigarão os representantes máximos dos três poderes da República e os órgãos auxiliares de memória e memória — que formarão um centro distando (Parque Federal), as instalações de administração, de trabalho, de cultura e de recreio serão distribuídas por todas as Unidades. Não haverá dominantes, nem satélites; todas as Unidades serão equivalentes. E amanhã, daqui a 20, a 50 anos, quando novas Unidades forem indispensáveis, a mesma equivalência poderá permanecer.

atingido o equilíbrio inicial na época que denominamos «inauguração», o crescimento ainda será bastante rápido até a época da «cidade completa». Dessa época em diante, o crescimento vegetativo da população já se torna mais que suficiente, e será necessária uma política demográfica e territorial destinada a distribuir os excessos de população urbana por novas cidades. Essa política, aliás; é urgente a todas as nossas grandes cidades, e é de esperar que antes do fim da construção da Capital já seja uma realidade prática. Como ponto de partida para o dimensionamento, é preciso considerar as necessidades do Governo Federal para o estabelecimento do seu funcionalismo.

O núcleo essencial do Governo

O núcleo essencial do Governo é constituído pelos órgãos centrais dos três poderes, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. Os órgãos do poder executivo, aqueles que agem em conjunto nas decisões políticas, são a Presidência da República e o Ministério. Consideramos o Ministério como sendo o Secretariado de Estado do Presidente da República. É intenção do plano dar ênfase a essa unidade do poder Executivo, como órgão central da administração pública. O número de Ministros e a natureza de suas funções, isto é, o conjunto de atividades da administração pública, deverá certamente sofrer modificações nas próximas décadas, e parece-nos pre-

ferível tratar o problema unificando o conjunto dos órgãos de direção central, que traçam as grandes linhas políticas e administrativas, e separando-o dos órgãos de execução. O total de funcionários aos órgãos centrais do Executivo foi calculado em 5.700. O Legislativo Federal, compreendendo o Congresso e o Tribunal de Contas, representa uma massa aproximada de 2.200 pessoas. Os órgãos centrais do Judiciário Federal, compreendendo o Supremo Tribunal Federal, o Tribunal Federal de Recursos, o Supremo Tribunal Militar, o Tribunal Superior Eleitoral e o Tribunal Superior do Trabalho, abrangem 1.900 pessoas. Para a possibilidade de funcionamento normal do governo, há ainda necessidade imprescindível de um certo número de órgãos



A Solução (Unidade)

1 — O terreno, um tapete docemente inclinado (rampa mais violenta: 5%), permitiu que fugissemos dos «ameboides» usuais. Pudemos desenvolver as nossas Unidades dentro da maior disciplina, escolhendo a forma mais simples e mais lógica. Assim... 2 — ... Nossas Unidades serão circulares. Há séculos, sempre que se abandonam os conceitos hipodâmicos, traçam-se circularmente os diagramas das cidades ideais. 3 — Serão circulares, mas não serão «centrípetas», como deseja Klein... nem obedecerão às proposições de Percival Goodman (Comunistas). Serão «centrípetas» e «centrípetas» — dois movimentos se processando em toda a harmonia. 4 — Inicialmente estabelecemos o Raio. O Raio escolhido — 1200 m — representa, as distâncias que pode ser percorrida em 15 minutos sem esforço; em curto espaço de tempo, o habitante mais afastado alcança facilmente o Centro, sem preocupar-se com processos mecânicos de condução. 5 — Fixada a superfície da Unidade (H2) fomos classificando as densidades. Desejávamos que a população fosse suficiente para a criação de estabelecimentos importantes de trabalho, cultura, assistência e recreação; queríamos que todas as Unidades — cada uma, uma cidade completa

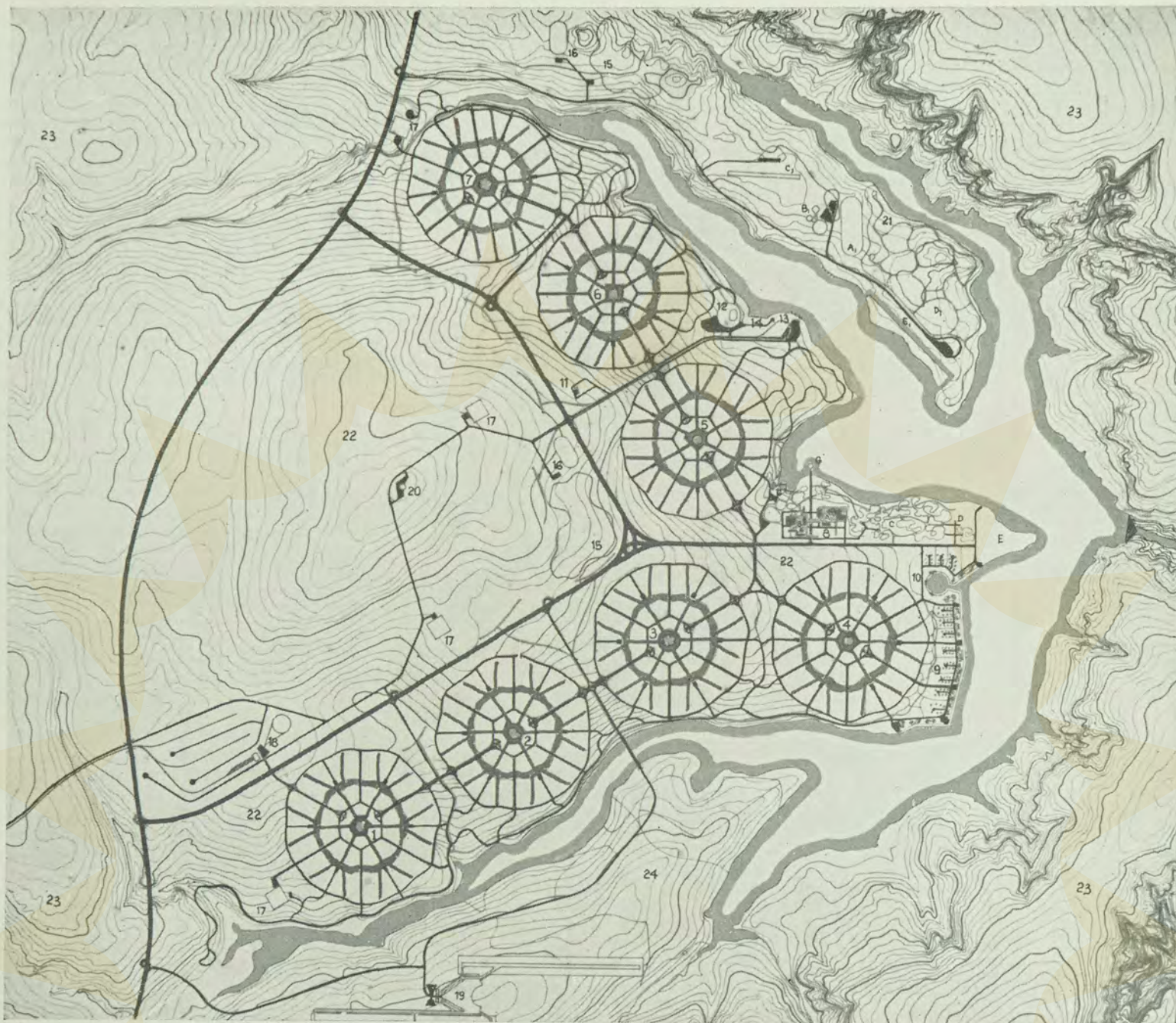
— proporcionassem as condições para uma robusta vida social e artística. Não queríamos que os homens se amontoassem — a não ser voluntariamente e em lugares específicos. Queríamos proximidade sem promiscuidade. Concluímos que a densidade bruta deveria ser maior de 100 pessoas por hectare, sem chegar a 150. Optamos por 140. Para obter números redondos: 142 hab./ha. 6 — ... E distribuímos a população em casas individuais (1 e 2 pav.), em casas geminadas (1 e 2 pav.) e em edifícios de 2, 3, 10 e 17 pavimentos — tendo a preocupação de impedir que os prédios altos sombreassem, ou deviassem os mais baixos. Evitamos as costumeiras formações de casas ditas econômicas a sucessão de caixinhas sem substância arquitetural, características depressivas dos subúrbios das cidades atuais. 7 — Em todas as Unidades, a casa individual terá que possuir um volume suficiente para apresentar uma expressão de Arquitetura. As habitações pequenas — inevitáveis — serão reunidas, 3, 4, 20, etc. e apresentar-se-ão com dignidade indispensável. 8 — As instalações do Core caracterizam a Unidade; nesta, predominará a administração, naquela, os órgãos técnicos; na outra, os negócios, ou a vida artística, etc.. Os

ônibus, o sistema de trânsito rápido cruzarão a Unidade (em níveis judiciosamente estabelecidos), mas terão um único ponto de parada: no Core, perto da Praça Central. Mas para o serviço interno da Unidade — como tudo é próximo e o sistema de passeios cobertos liga todos os edifícios — será perfeitamente dispensável qualquer transporte por veículos. Ninguém mesmo utilizará o seu automóvel particular a não ser para passeio, ou para alcançar o Centro Federal ou outras Unidades. Contudo, o automóvel, sem interferir com caminho do pedestre, chega às portas de todas as habitações. 9 — Os habitantes movimentar-se-ão calmamente a pé, utilizando os passeios cobertos. Para facilitar a movimentação, sob as marquises dos passeios cobertos serão instaladas «calçadas rolantes». Em duas direções, as calçadas serão interrompidas cada 80 metros, para permitirem o trânsito transversal e para serem tomadas de «frentes», como as escadas mecânicas. Nota: Os campos de esportes, os «playgrounds», foram distribuídos em pontos determinados, entretanto, já que é substancial a população pré-escolar, têm quase que toda a cidade para brincar. E brincarão defronte da própria casa, sem risco de serem atropelados.

auxiliares para assegurar, por exemplo, a publicação dos atos oficiais, a segurança do Governo, etc. O mínimo necessário de pessoal para esses fins foi calculado em 2.000 pessoas. O total encontrado, de 11.800 funcionários, refere-se ao ano de 1956. Admitiu-se um crescimento anual de 2%, tendo em vista que se trata de órgãos centrais e não de execução. Para os órgãos de execução conviria tomar 4%. O resultado da aplicação da taxa de crescimento pode ser observado no quadro seguinte:

Ano	Núcleo mínimo de funcionários federais
1956	11.800
1957	12.036
1958	12.277
1959	12.523
1960	12.773
1961	13.028
1962	13.289
1963	13.555
1964	13.826
1965	14.103
1966	14.385
1967	14.673

Esse quadro nos permitiu determinar o mínimo absoluto de funcionários para a «Inauguração». Para o funcionamento normal do Governo será preciso acrescentar os Departamentos Nacionais do Executivo. Uma análise detalhada do Serviço Público Federal, e do seu desenvolvimento provável levou-nos a prever um total de aproximadamente 80.000 funcionários sediados na Capital Federal, dentro dos próximos 20 anos. Esse número representa um mínimo de acréscimo com a orientação preconizada de evitar a concentração metropolitana.



PRANCHA N.º 3 — A Capital.

1 — UU1 Administração do Distrito Federal, 2 — UU2 Comunicações, 3 — UU3 Finanças, 4 — UU4 As artes, 5 — UU5 Ciências e Letras, 6 — UU6 Bem estar social, 7 — UU7 Produção, 8 — Parque Federal: A — Praça dos Três Poderes, B — Praça da Cultura, C — Bosque da História, D — Residência de hóspedes oficiais. E —

Parque da residência presidencial, F — Auditório ao ar livre, g — Farol, 9 — Embaixadas, grandes hotéis, grandes residências, 10 — Iate Clube, 11 — Hospital federal, 12 — Estádio, 13 — Estação de barcas, 14 — Clubes de remo, 15 — Campo de golfe, 16 — Clube de hipismo e polo, 18 — Porto ferroviário e rodoviário, 19 —

Aeroporto, 20 — Belvedere, restaurante, torres de rádio e televisão, 21 — Parque da península: A — Hipódromo, B — Parque de diversões, arena, exposições industriais, C — Aeroclube, D — Zoo e jardim botânico, E — Estádio de remo, 22 — Parques, Reserva, 23 — Floresta, 24 — Agricultura.

A População conveniente para a área do Distrito Federal

Estudou-se a porcentagem máxima que os funcionários federais poderiam representar na população, examinando diversas possibilidades de composição, e adotou-se a taxa de 37%, que foi julgada a mais elevada compatível com a existência de serviços adequados para o conjunto da população, eliminando toda a atividade industrial que não fôsse de manutenção ou artesanato de consumo local. Chegou-se assim a estabelecer a população mínima necessária, que é de 630.000 habitantes. De acordo com o Plano, a população se distribui da seguinte forma:

Capital	504.000 habitantes
Distritos Rurais	104.000 habitantes
Estabelecimentos Isolados ..	22.000 habitantes

O esquema geral do Distrito Federal, de acordo com o Plano, está apresentado na Prancha 1. A população da Capital está dividida em Unidades Urbanas de 72.000 habitantes. Os Distritos Rurais têm, em média, 10.400 habitantes. A densidade populacional do Distrito Federal, com a população recomendada, de 630.000 habitantes, será de 126 hab/Km², o que é aproximadamente o nível ótimo para as condições ecológicas locais. No entanto, será difícil estabilizar exatamente nesse total a população. Pode-se admitir um crescimento até 900.000 habitantes embora represente uma comunidade de menor eficiência que anterior. O limite máximo a que pode atingir a população, segundo nossos cálculos, é de 1.260.000 habitantes. Essa população representa uma densidade de 252 hab/Km² e acima

dêsse limite será a desordem. O quadro seguinte resume essas indicações.

População normal recomendada	
7 unidades de 72.000	504.000
Pop. circundante	126.000
	630.000
Densidade = 126 hab/Km ²	
População máxima admitida	
10 unidades de 72.000	720.000
Pop. circundante	180.000
	900.000
Densidade = 180 hab/Km ²	
População limite	
14 unidades de 72.000	1.008.000
Pop. circundante	252.000
	1.260.000
Densidade = 252 hab/Km ²	

Composição da população

A Composição da população foi estudada para que se tenha uma comunidade equilibrada e dela se deduzem as necessidades de habitação e de serviços. Os coeficientes utilizados estão baseados nas médias brasileiras, alteradas de acordo com as tendências previsíveis, mas guardando uma linha conservadora, sem variações muito grandes em relação aos índices atuais.

A porcentagem de população dedicada à agricultura é bastante baixa, porque não se trata de zona de produção agrícola, como não se trata de zona de produção industrial. No entanto, é suficiente para o abastecimento local previsto e está equilibrada com os recursos agrícolas disponíveis. Uma população rural maior implicaria numa baixa de nível de vida para esse grupo.

Um certo número de produtos agrícolas deverá ser importado, assim como quase todos os artigos de produção industrial. Para evitar essa importação, seria possível aumentar a população dos distritos e criar estabelecimentos industriais, mas não nos pareceu aconselhável, depois de pesar todas as consequências. Levando em conta todos esses fatores chegamos à seguinte composição:

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL - 7 Unidades Urbanas no Capital, 10 Distritos Rurais.

	Unidades Urbanas	Distritos Rurais	Isolada	Total
Pré-escolar	109.494	22.600	1.520	133.614
Primária	65.520	13.500	910	79.930
Ginasial	25.200	5.200	350	30.750
Colegial	5.040	520	70	5.630
Universitária	1.134	100	107	1.341
Doméstica	99.792	20.800	1.400	121.992
Inativa	12.600	3.120	4.000	19.720
Funcionários federais nos Cores	52.038	—	—	52.038
Funcionários federais no Parque Federal	25.578	—	—	25.578
Comércio e Serviços nos Cores	29.736	—	—	29.736
Comércio e Serviços dos Setores	25.830	—	—	25.830
Comércio e Serviços das Vizinhanças	26.334	4.160	1.843	32.337
Trabalhadores avulsos e fora das Unidades Urbanas	12.348	1.040	500	13.888
Pessoal de Obras	11.466	1.040	500	13.006
Militares	1.890	—	10.833	12.690
Agricultores	—	31.920	—	31.920
TOTAL	504.000	104.000	22.000	630.000

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO DE UMA UNIDADE URBANA: — 6 Setores. 12 Vizinhanças. 11.922 habitantes em cada Setor e 468 habitantes no Core.

Pré-escolar	15.642
Primário	9.360
Ginasial	3.600
Colegial	720
Universitária	162
Doméstica	14.256
Inativa	1.800
Funcionários federais no Core	7.434
Funcionários federais no Parque Federal	3.654
Comércio e Serviços no Core	4.248
Comércio e Serviços dos Setores	3.690
Comércio e Serviços das Vizinhanças	3.762
Trabalhadores avulsos e fora da Unidade	1.764
Pessoal de Obras	1.638
Militares	270
TOTAL	72.000

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO DE UM SETOR: — 3 Vizinhanças. 3.966 habitantes em cada vizinhança e 24 habitantes no Centro de Setor.

Pré-escolar	2.607
Primária	1.560
Ginasial	600
Colegial	120
Universitária	27
Doméstica	2.376
Inativa	300
Funcionários federais no Core	1.239
Funcionários federais no Parque Federal	609
Comércio e Serviços no Core	630
Comércio e Serviços do Setor	615
Comércio e Serviços das Vizinhanças	697
Trabalhadores avulsos e fora da Unidade	294
Pessoal de Obras	273
Militares	45
TOTAL	11.922

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO DE UMA VIZINHANÇA: — 3.960 habitantes em residências e 6 habitantes no Centro da Vizinhança.

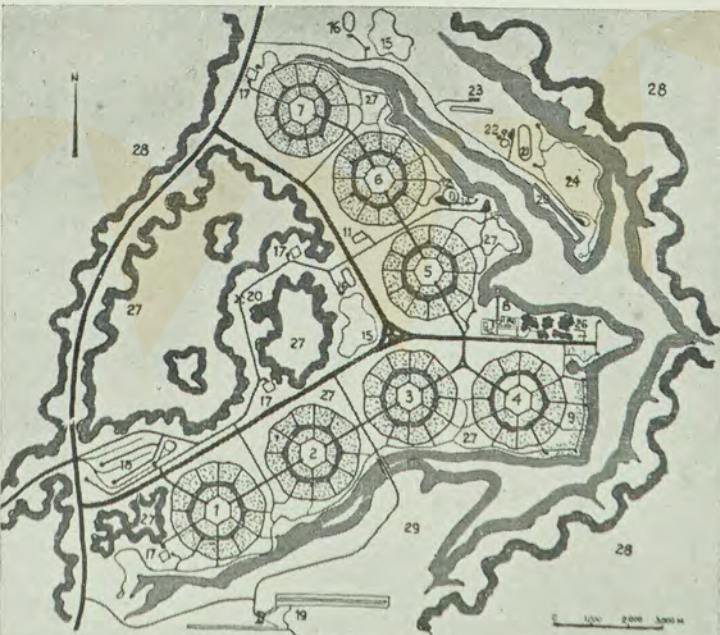
Pré-escolar	869
Primária	520
Ginasial	200
Colegial	40
Universitária	162
Doméstica	792
Inativa	100
Funcionários federais no Core	413
Funcionários federais no Parque Federal	203
Comércio e Serviços no Core	210
Comércio e Serviços do Setor	197
Comércio e Serviços da Vizinhança	209
Trabalhadores avulsos e fora da Unidade	98
Pessoal de Obras	91
Militares	15
TOTAL	3.964

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO ISOLADA: — 14.000 habitantes na Base Militar. 2.800 habitantes na Base Aérea. 1.200 habitantes nos estabelecimentos isolados. 4.000 habitantes internados em estabelecimentos penais, sanatórios, hospitais, etc.

Pré-escolar	1.520
Primária	910
Ginasial	350
Colegial	70
Universidade	107
Doméstica	1.400
Inativa	4.000
Comércio e Serviços	1.843
Trabalhadores avulsos	500
Pessoal de obras	500
Militares	10.800
TOTAL	22.000

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO DE UM DISTRITO RURAL: — 8.800 habitantes nas Vizinhanças Rurais e 1.600 habitantes na Zona Urbana.

Pré-escolar	2.203
Primária	1.350
Ginasial	520
Colegial	52
Universitária	10
Doméstica	2.080
Inativa	312
Comércio e Serviços	416
Trabalhadores avulsos	104
Pessoal de Obras	104
Agricultores	3.192
TOTAL	10.400



A CAPITAL

- 1 Administração do Distrito Federal; 2 Comunicações; 3 Finanças; 4 As Artes; 5 Ciências e Letras; 6 Bem-Estar Social; 7 Produção; 8 Parque Federal; 9 Embaixadas, Grandes Hotéis, Grandes Residências; 10 Iate Clube; 11 Hospital Federal; 12 Estádio; 13 Estação de Barcas; 14 Clubes de Remo; 15 Campo de Golfe; 16 Clube de Hipismo e Polo; 17 Cemitério; 18 Porto Ferroviário e Rodoviário, Terminal, Desvios e Pátios de Carga da Estrada de Ferro, Armazem de Mercadorias, Armazens Frigoríficos, Depósitos de Materiais de Construção e de Inflamáveis, Silos e Moinhos de Cereais, Serrarias, Matadouro, Fábrica de Concreto e Pré-Moldados, etc); 19 Aeroportos; 20 Belvedere (Ponto Culinante, Torre de Rádio, Televisão, Restaurante); 21 Hipódromo; 22 Parque de Diversões, Arena, Exposições Industriais; 23 Aeroclube; 24 Zoo e Jardim Botânico; 25 Estádio de Remo; 26 Bosque da História; 27 Parques Reserva; 28 Floresta; 29 Agricultura.

O Plano Diretor

O urbanista joga com quatro variáveis: a população, o espaço, os recursos econômicos e o tipo cultural da comunidade.

A distribuição correta da população pelo espaço permite obter as variações de densidade adequadas às diferentes necessidades da vida humana, desde a convivência social intensa até a possibilidade de isolamento e intimidade. Uma vida social rica e variada tanto exige locais onde se formem aglomeração densas como espaços onde o homem possa se isolar, ou renovar o contato com a natureza. Todas essas possibilidades devem estar ao alcance de todos os habitantes, sem excessivo dispêndio de tempo e deslocamentos.

A utilização adequada dos recursos econômicos satisfatórios, em ocupações compatíveis com uma vida moral e fisicamente saudável. É preciso não malbaratear os recursos disponíveis em complicações mecânicas na estrutura da comunidade. Um planejamento adequado da utilização do espaço permitirá um mínimo de inversões de capital.

O respeito às aspirações e à cultura característica da comunidade deve conduzir a uma possibilidade de realizações dos ideais individuais e coletivos. A satisfação racional de todas as necessidades do homem, individualmente e nos seus grupos naturais, deve encontrar um quadro apropriado na organização prevista pelo urbanista.

Todos esses elementos foram considerados no estudo do Plano apresentado.

Utilização da terra

O esquema geral de utilização da área do Distrito Federal está representado na Prancha 1 e pode ser resumido no seguinte quadro:

	Km ²	%
Áreas urbanizadas .		
Vias de comunicação, faixas de serviço público	76	1.52
Pastagens	2.067	41.34
Cultivo	1.075	21.50
Parques, matas e áreas de reserva e proteção	1.782	35.64
TOTAL	5.000	100.00

As áreas urbanizadas compreendem:

	m ²
7 Unidades Urbanas	35.451.542
Parque Federal	3.000.000
Estabelecimentos na área da Capital, fora das Unidades	3.000.000
Zonas urbanas de 10 Distritos Rurais	1.418.000
Aeroporto	3.000.000
Base aérea	3.000.000
Base Militar	3.000.000
Vias de comunicação e faixas de serviços públicos	24.130.458
TOTAL	76.000.000

Área da Capital

A Capital é uma Metrópole polinuclear, sendo cada núcleo uma Unidade Urbana completa de 72.000 habitantes. Qualquer crescimento futuro far-se-á pela construção de novas Unidades Urbanas semelhantes, e não pela expansão das existentes.

É necessário manter nítidos os limites das zonas edificadas. Os interstícios entre as Unidades serão utilizados para parques e matas, não se permitindo nêles qualquer construção residencial. Esses parques e matas podem ser cortados por estradas turísticas e utilizados como área de recreação, mas não deverão nunca servir para a formação de subúrbios das Unidades.

A área da Capital compreende, além das Unidades Urbanas, uma zona onde está localizada a sede do Governo, denominada Parque Federal, e uma série de instalações de uso metropolitano, fora das Unidades Urbanas. A disposição geral está esquematizada na Prancha 3.

As Unidades Urbanas estão analisadas no Capítulo III. Passaremos a examinar as áreas metropolitanas, situadas fora das Unidades.

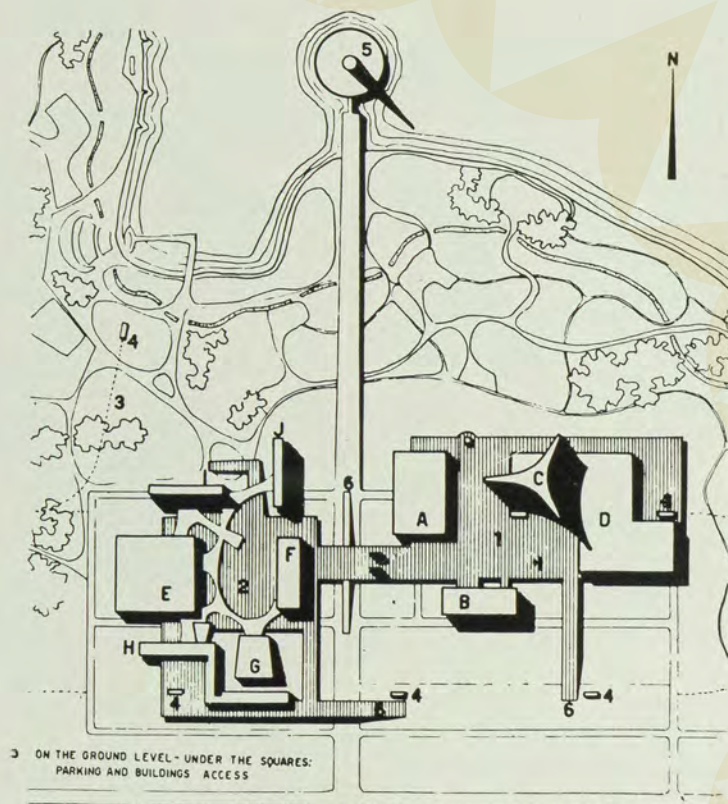
Parque Federal

É na área que denominamos Parque Federal que estão situados os órgãos supremos do Governo Federal. A sua composição, tal como se apresenta no Plano, é o resultado final de estudos e considerações que nos levaram a percorrer toda uma série de possibilidades até nos fixarmos na solução apresentada.

Inicialmente, parecia conveniente localizar todo o funcionalismo federal metropolitano numa área concentrada, de modo a permitir um conjunto monumental e facilidades de intercomunicação. Essa solução, porém, levava

lidade administrativa pública é outra. O Ministério, como é denominado habitualmente, é um agrupamento de funções governamentais de natureza semelhante. O conjunto geral dessas funções está em contínua expansão e transformação. Quando o agrupamento existente já não satisfaz, criam-se novos arranjos, e o conjunto dos Ministérios é alterado. Essas modificações são constantes e planejar para o futuro distante, com base nos Ministérios existentes atualmente, projetando um edifício para cada um, por exemplo, seria puerilidade.

No nosso Plano não figuram expressamente agrupamento ministeriais, apenas agrupamentos funcionais, porque esse sistema nos pareceu muito mais flexível e adaptável à realidade. Os departamentos localizados nas Unidades Urbanas estão mencionados no Capítulo III.



PRANCHA N.º 4 — Parque Federal.

1. Praça do governo:

- A. Poder legislativo
- B. Poder judiciário
- C. Poder executivo

2. Praça da cultura:

- D. Economia, trabalho, defesa.
- E. Galeria nacional e museu
- F. Livraria

- G. Teatro
- H. Ciência
- I. Secretariado
- J. Internacional.

3. Subterrâneo

4. Estação subterrânea

5. Usina

6. Rampa

No Parque Federal ficarão:

	m ²	Func.
Palácio (residência)	6.000	128
Edifício do Congresso	60.000	4.000
Edifício do Executivo	105.000	7.200
Edifício da Justiça	45.000	3.000
Edifício da Defesa	30.000	2.200
Edifício da Economia	45.000	3.000
Edifício do Trabalho	30.000	2.600
Edifício Internacional	28.500	1.000
Edifício da Cultura	53.000	2.100
Palácio dos Hóspedes	9.000	100
Quartel da guarda	3.000	250
TOTAL	414.000	25.578

O prédio do Congresso reuniria as instalações para o Senado, a Câmara e o Tribunal de Contas.

No prédio do Executivo seriam localizados o Gabinete da Presidência da República, os Gabinetes dos Ministérios, os serviços administrativos dos ministérios, o DASP, os Con-

a restabelecer todos os defeitos clássicos da Metrópolis: criação de um super-centro, com todos os seus problemas de tráfego, separação acentuada entre os locais de trabalho e de residência, etc.

As vantagens da intercomunicação são ilusórias além de uma certa escala na organização. Não há nenhuma vantagem em alcançar uma grande proximidade entre os escritórios de todos os órgãos da Administração Pública.

Preferimos limitar os órgãos sediados no Parque Federal àqueles que realmente tivessem participação na direção, na determinação de diretrizes gerais, ou que tivessem uma grande importância simbólica.

Estamos habituados, não só no Brasil, como em muitos outros países, a considerar a administração pública dividida em Ministérios, e a ver cada um desses Ministérios como um grande edifício, onde trabalha o Ministro cercado de seus auxiliares. No entanto, a rea-

selhos e Comissões Nacionais de orientação geral da Administração Pública, os órgãos gerais de divulgação e publicidade, a Procuradoria Geral da República, etc.

No prédio da Justiça ficariam os tribunais superiores de todos os ramos do judiciário, e os seus órgãos auxiliares.

O prédio da Defesa seria a sede dos Estados Maiores das forças armadas, dos seus órgãos administrativos centrais.

O prédio da Economia concentraria os conselhos e comissões orientadoras das atividades econômicas, e as sedes centrais das entidades autárquicas federais com responsabilidade sobre o desenvolvimento econômico de regiões ou setores da produção.

O prédio do Trabalho seria a sede dos Conselhos e Comissões orientadores do bem estar social e das entidades supremas da vida sindical.

O conjunto da Cultura compreende um centro cultural com Teatro, Auditório, Biblioteca Nacional, Museu, Galerias de Arte, e um Secretariado onde se localizariam as Comissões e Conselhos Nacionais de atividades culturais.

O prédio Internacional foi previsto tendo em conta que é provável venha a Nova Capital a ser sede de uma das numerosas agências internacionais das Nações Unidas ou Organização dos Estados Americanos. Além dessa função principal, deveria também abrigar os escritórios no Brasil dos diferentes organismos internacionais que trabalham junto ao Governo Federal, e os órgãos nacionais de ação internacional.

A disposição do Parque Federal está apresentada na Prancha 4.

Estabelecimentos diversos fora das Unidades Urbanas

Destaca-se primeiramente a área que denominamos Porto, e onde se localizam os terminais da Estrada de Ferro, os antepostos, armazéns, depósitos de materiais de construção, e instalações industriais de beneficiamento de matérias primas. As principais instalações seriam:

Terminal de passageiros da E. de Ferro
Desvios e pátio de cargas da E. de Ferro
Armazéns de mercadorias
Entrepósito de gêneros deterioráveis
Depósito de madeira, ferro e material de construção em geral
Depósitos de inflamáveis
Silos e moinhos de cereais
Serrarias
Fábrica de concreto e de peças pre-moldadas
Matadouro

A área prevista no Plano é amplamente suficiente para essas instalações.

A segunda área a considerar é o Parque da Península, situado ao norte da Capital. Nêle situamos um hipódromo, um grande parque de diversões, uma pista para regatas, pavilhões para exposições e feiras, o Jardim Botânico e Zoológico, um Country-Club e um bosque natural para passeios e pique-niques. O acesso ao parque da Península se fará por ferry-boats e por estrada de rodagem.

O Estádio Municipal estará situado à margem da lagoa, em lugar de fácil acesso pelo sistema de trânsito rápido. Na sua proximidade estarão instalações para hipismo e golf. Como estabelecimentos não incluídos nas Unidades estão assinalados ainda: um hospital federal, os cemitérios, os reservatórios de água e a estação de tratamento de esgotos, as estações de Rádio e Televisão.

Áreas urbanizadas fora da Capital

Essas áreas compreendem: as sedes dos Distritos Rurais, o aeroporto civil, a base aérea militar, a base militar, a Penitenciária e pequenas áreas correspondentes a instalações hidráulicas e hidro-elétricas. As sedes dos Distritos Rurais estão analisadas em conjunto com o Distrito Rural para melhor entendimento.

Áreas agrícolas e de reserva

Como trabalho preliminar para o planejamento rural e consequente distribuição das culturas destinadas a alimentar o Distrito Federal e à delimitação dos Distritos Rurais, procedeu-se à classificação das terras de acordo com o sistema internacional, com ligeiras modificações, de capacidade de uso da terra. A determinação da capacidade de uso das terras foi baseada nas propriedades físico-químicas dos solos, na topografia local e na cobertura vegetal, suplementadas pela análise da utilização atual da terra. A inclusão de uma área em uma dada classe depende, em última instância, do papel que exerce no controle das características mesológicas regionais. Uma área com possibilidades agrícolas em virtude do seu solo, por exemplo, mas situada nas cabeceiras de um rio importante ou de seus afluentes, será classificada como área de proteção dos mananciais e não deverá ser em hipótese alguma, cultivada.

As classes internacionais de capacidade de uso da terra foram ligeiramente modificadas quanto a sua amplitude, tendo em vista as características regionais e as necessidades inerentes ao projeto.

Utilização das terras agrícolas

De acordo com a capacidade de uso e as necessidades alimentares da população do Distrito Federal foram as áreas agrícolas distribuídas em oito classes. Adotou-se o sistema de policultura por ser o que menos riscos oferece, não só ao agricultor, mas também ao consumidor de uma cidade isolada, apesar de ser o sistema de monocultura o que melhores possibilidades oferece para a exportação. Acresça-se o fato de que a região que circunda a Capital tem por fundo primordial a alimentação da Capital e não a produção de alimentos exportáveis, os quais, no entanto, poderão ser cultivados fora dos limites de unidade.

Além do método de policultivo adotou-se o sistema, sempre que possível, de se fazer agricultura e pecuária concomitantemente, o que sobremodo diminui o risco do agricultor e do consumidor, além de facilitar o pequeno crédito rural.

O controle das quotas de produção para cada área deverá ser feito através das cooperativas distritais e comissão de planejamento rural. O mesmo deverá ocorrer quanto à mecanização e eletreficação rural.

Utilização das áreas não agrícolas

As florestas existentes nas terras não agrícolas, devidamente marcadas no mapa, deverão ser mantidas e protegidas, qualquer que seja o seu status: climax, secundárias, úmidas de varzea ou úmidas em galeria. As existentes nas terras agrícolas deverão ter a sua utilização devidamente regulamentadas por força de lei afim de evitar a colmatagem dos açudes e varzeas férteis.

As regiões das cabeceiras dos principais rios deverão ser protegidas por florestas densas, mistas, e de espécies foliosas, tanto quanto possível pertencentes à flora regional. Desta forma evitar-se-á um provável desequilíbrio nas condições mesológicas regionais e em consequência no regime dos rios, fato comum na realização de medidas protetoras dos mananciais levadas a efeito sem um detalhado estudo prévio das interações flora-vegetação-ambiente.

Os cursos de todos os rios e seus afluentes por menor que sejam, situados nas zonas não agrícolas, deverão ser protegidos por meio de florestas mistas, foliosas e constituídas por espécies características das matas galeria da região. Não deverão ser plantadas espécies que normalmente não ocorram em florestas galerias de meia-encosta, tendo em vista evitar-se as terríveis consequências de um desequilíbrio do ecossistema regional.

Um grande número de áreas são destinadas ao plantio de florestas para exploração co-

mercial constituídas, quer de Eucaliptos ou Jacaré, quer por diversas espécies de madeiras de lei. Algumas destas florestas serão federais e sua exploração far-se-á através de controle governamental.

A área florestada situada a oeste da Capital, além de servir primordialmente para a amenização climática e paisagismo, poderá ser explorada comercialmente, desde que a sua exploração processe-se dentro de rígido controle que evite seja o seu poder amenizador diminuído.

A leste da Capital, a área florestada, cuja função principal é de proteção às nascentes dos rios, poderá ser usada como parque de caça e pesca. A fauna existente deverá ser aumentada por processos artificiais e mesmo introduzidas espécies venatórias não existentes na região afim de proporcionar maiores possibilidades de caça e pesca. Os riachos torrentosos e em vales encaixados poderão ser populados por trutas. A extensão do parque permitirá a caça em grande escala de veados mateiros e porcos do mato desde que a sua procriação seja feita em criadouros especiais e sob controle. Outrossim, deverá ser mantido um perfeito controle das populações das espécies venatórias afim de evitar excessos de animais que poderão prejudicar o equilíbrio mesológico. Certo número de áreas agrícolas incluídas dentro do Parque foram destinadas ao plantio de alimento para a fauna silvestre que desta forma não sofrerá grandes flutuações nas populações. Estas áreas tornar-se-ão ao mesmo tempo pontos de condensação e reunião da caça, o que permitirá mais facilmente a sua administração e controle.

Divisão mínima da terra

A classificação das terras agrícolas em classes de divisão mínima tem em vista evitar o incontrolado parcelamento da terra, o que acarretará a existência de lotes ou estabelecimentos agrícolas improdutivos ou impossíveis de serem mantidos economicamente.

As classes de divisão indicam o limite mínimo para o parcelamento da terra, ficando inteiramente livre o tamanho máximo que poderão ter os estabelecimentos agrícolas. A classificação de divisão mínima tem por fim não só evitar o loteamento excessivo por ocasião da ocupação humana, mas também o parcelamento posterior proveniente da subdivisão das terras entre os herdeiros do proprietário falecido.

As áreas mínimas foram estabelecidas na base de um rendimento líquido mínimo atual de quinze mil cruzeiros mensais por família de agricultores, excluída a alimentação, proveniente da própria fazenda. No rendimento líquido previsto incluem-se os novos investimentos, inclusive de mecanização e eletrificação, e as utilidades.

Distritos Rurais

A zona rural do Distrito Federal foi dividida em distritos e em áreas federais. As áreas federais compreendem as regiões florestadas para proteção das cabeceiras e dos cursos dos rios, para amenização climática, as reservas florestais e o Parque de Caça e Pesca. O restante da área, exclusive o sítio da Capital, foi dividida em 10 distritos, cada um com seu centro urbano.

A delimitação dos distritos foi feita de tal modo a que não só tivessem a mesma área, aproximadamente 250 km², mas também economias equivalentes. Desta forma não ocorrerá jamais o fato de um dado distrito se tornar economicamente mais importante que os demais.

Os limites dos distritos são limites geográficos, tanto quanto possível, uma vez que as condições que prevaleceram na sua delimitação foram as de capacidade de produção agrícola, sendo por isso mesmo excluídas do seu âmbito as áreas florestadas a serem administradas pelo Governo Federal. Assim mesmo, pequenas áreas federais ficaram incluídas no âmbito de alguns distritos.

NC

PLANEJAMENTO AGRÍCOLA

AGRICULTURAL PLANNING

CAPACIDADE DE USO DA TERRA

LAND CAPABILITY CLASSES

CLASSE I	TERRAS DE CULTURA APARENTEMENTE SEM PROBLEMAS DE CONSERVAÇÃO	CLASSE V	TERRAS DE PASTAGEM, SEM NECESSIDADE DE REPARAÇÃO ESPECIAL DE CONSERVAÇÃO
CLASSE II	TERRAS DE CULTURA COM PROBLEMAS SIMPLES DE CONSERVAÇÃO DO SOLO	CLASSE VI	TERRAS DE PASTAGEM COM PROBLEMAS SIMPLES DE CONSERVAÇÃO
CLASSE III	TERRAS DE CULTURA COM PROBLEMAS COMPLEXOS DE CONSERVAÇÃO	CLASSE VII	TERRAS DE PASTAGEM COM PROBLEMAS SÉRIOS DE CONSERVAÇÃO
CLASSE IV	TERRAS DE CULTURA, CULTIVÁVEIS EM EXTENSÃO LIMITADA, COM SÉRIOS PROBLEMAS DE CONSERVAÇÃO	CLASSE VIII	TERRAS UTILIZÁVEIS SOMENTE PARA REFORESTAMENTO OU COMO ABRIGO DA FAUNA



PRANCHA N.º 4-A — Planejamento Agrícola. Capacidade de uso da terra.

Classe I: Terras de cultura aparentemente sem problemas de conservação — Classe II: Terras de cultura com problemas simples de conservação do solo — Classe III: Terras de cultura com problemas complexos de conservação — Classe IV: Terras de cultura, cultiváveis em extensão limitada, com sérios problemas de conservação — Classe V: Terras de pastagem, sem necessidade de práticas especiais de conservação — Classe VI: Terras de pastagem ou reflorestamento com problemas simples de conservação — Classe VII: Terras de pastagem ou reflorestamento com problemas sérios de conservação — Classe VIII: Terras utilizáveis somente para reflorestamento ou como abrigo da fauna.

Zona Urbana do Distrito Rural

A Zona Urbana do Distrito Rural conterá:

1 — 320 unidades de habitação

2 — Edifícios grandes

	m ²	Pessoas ocupadas
— Escola (Primária e Ginásio para 400 alunos)	2.000	20
— Igreja para 1.000 pessoas — Conselho Distrital, incluindo polícia, cartórios, coletoria, etc.	2.000	6
— Centro cultural, incluindo cinema, biblioteca e salão de festas	600	30
— Mercado, incluindo lojas de alimentação, jornais, etc.	1.000	12
— Mercado, incluindo lojas de alimentação, jornais, etc.	500	30

3 — Serviços, lojas e oficinas

Posto de Saúde	500	20
Posto de auto-serviço	200	8
Terminal de ônibus	100	4
Cooperativa agrícola	400	10
Ferreiro-serralheiro mecânica	120	8
Carpintaria	120	8
3 Açougues (mais um no mercado)	180	12
3 Armazéns (mais um no mercado)	180	15
3 Armazéns	180	12
Bancos	60	5
5 Bares e Cafés (mais um no mercado)	200	25

6 Barbeiros	180	18
2 Bazaes	120	12
Correios e Telégrafos	60	6
2 Farmácias	120	10
2 Ferragens e material de construção e agrícola	200	12
Jornais, revistas e papelaria (mais um no mercado)	40	2
Leiteria (mais uma no mercado)	60	5
Móveis	80	6
2 Padarias	120	10
2 Quitandas (mais uma no mercado)	80	6
2 Salões de beleza	60	8
Sanatória	40	3
3 Sapateiros	60	6
Telefônica	60	6

4 — Serviços

2 Advogados e despachantes	60	4
Agrônomo	30	1
10 caminhões	—	20
2 Construtores	80	6
Costureira	—	10
Dentista	80	4
Doceria	—	5
Embreçadora doméstica	—	20
Médico	40	2
Parteira	—	2
Obras públicas e limpeza	100	20
Transportes coletivos	—	6

Fora da Zona Urbana:

Cemitério	2
Sub-estação elétrica	2
Reservatório de água	2
Tratamento de esgotos	2

A área da Zona Urbana será utilizada como segue:

Praça Pública	5 000	m ²
Pátio da Igreja	800	"
Playground da escola	1.000	"
Circulação e estacionamento	5 000	"
Comércio e Serviços	10.000	"
Residencial	130.000	"
TOTAL	151.890	m²

A disposição está indicada na Prancha 7. Cada vizinhança Rural deve ter entre 300 e 400 famílias, funcionando, para atendê-las, uma escola primária de 3 classes.

Para as áreas agrícolas determinou-se o tamanho mínimo da propriedade agrícola que possa proporcionar o rendimento suficiente para manter uma família em nível de vida satisfatório.

Densidades

Calculamos as densidades para o conjunto e para cada uma das partes essenciais da área. O resultado pode ser apreciado no quadro seguinte:

Distrito Federal	126 hab/km ²
Área da Capital	50.4 hab/Ha
Unidades Urbanas	142 hab/Ha
Densidade residencial líquida das vizinhanças	251 hab/Ha
Distritos Rurais	43 hab/km ²
Zonas Urbanas dos Distritos Rurais	60 hab/Ha

NC

PLANEJAMENTO AGRÍCOLA
AGRICULTURAL PLANNINGDISTRIBUIÇÃO DAS CULTURAS
DISTRIBUTION OF THE CROPLANDS

- CLASSE I: Terras cujos 2/3 das áreas são destinadas a pastagens e 1/3 à cultura de milho e feijão — CLASSE II: Terras cujos 2/3 das áreas são destinadas a pastagens e 1/3 à cultura de milho e trigo — CLASSE III: Terras cujos 2/3 das áreas são destinadas a pastagens e 1/3 à cultura de milho, mandioca, batata — CLASSE IV: Terras cuja metade das áreas se destina ao cultivo de legumes e metade ao de frutas — CLASSE V: Terras cuja metade das áreas se destina ao cultivo de legumes e metade ao de arroz — CLASSE VI: Terras destinadas ao cultivo de batata e mandioca — CLASSE VII: Terras destinadas a pastagens melhoradas e ao cultivo de forrageiras — CLASSE VIII: Terras destinadas a pastagens de capim gordura.



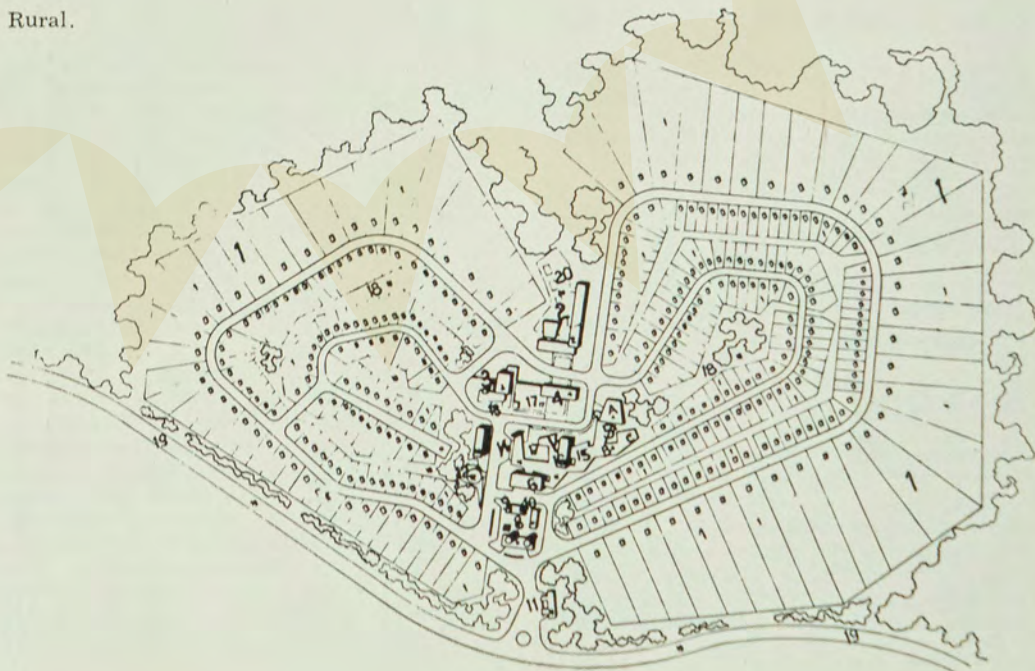
PRANCHA N.º 5 — Planejamento Agrícola. Distribuição das Culturas.

Classe I: Terras cujos 2/3 das áreas são destinados a pastagens e 1/3 à cultura do milho e feijão — Classe II: Terras cujos 2/3 das áreas são destinados a pastagens e 1/3 à cultura de milho e trigo — Classe III: Terras cujos 2/3 das áreas são destinadas a pastagens e 1/3 à cultura de milho, trigo, mandioca, batata — Classe IV: Terras cuja metade das áreas se destina ao cultivo de legumes e metade ao de frutas — Classe V: Terras cuja metade das áreas se destina ao cultivo de legumes e metade ao de arroz — Classe VI: Terras destinadas ao cultivo de batata e mandioca — Classe VII: Terras destinadas a pastagens melhoradas e ao cultivo de forrageiras — Classe VIII: Terras destinadas a pastagens de capim gordura.

PRANCHA N.º 7 — Zona Urbana do Distrito Rural.

- 1 — 320 Unidades de habitação, 2 — Escola, 3 — Igreja e casa paroquial, 1.000 pessoas, 4 — Conselho distrital, 5 — Centro cultural, 6 — Mercado, 7 — Centro de saúde, 8 — Cooperativa agrícola, 9 — Ferreiro, serralheiro, 10 — Carpintaria, 11 — Pôsto de auto serviço, 12 — Local para circo, 13 — Local para quermesse, 14 — Terminal de ônibus, 15 — Lojas e pequenos estabelecimentos, 16 — Escritório e consultório, 17 — Praça, 18 — Parque e alamedas, 19 — Estrada principal, 20 — Jardim de infância.

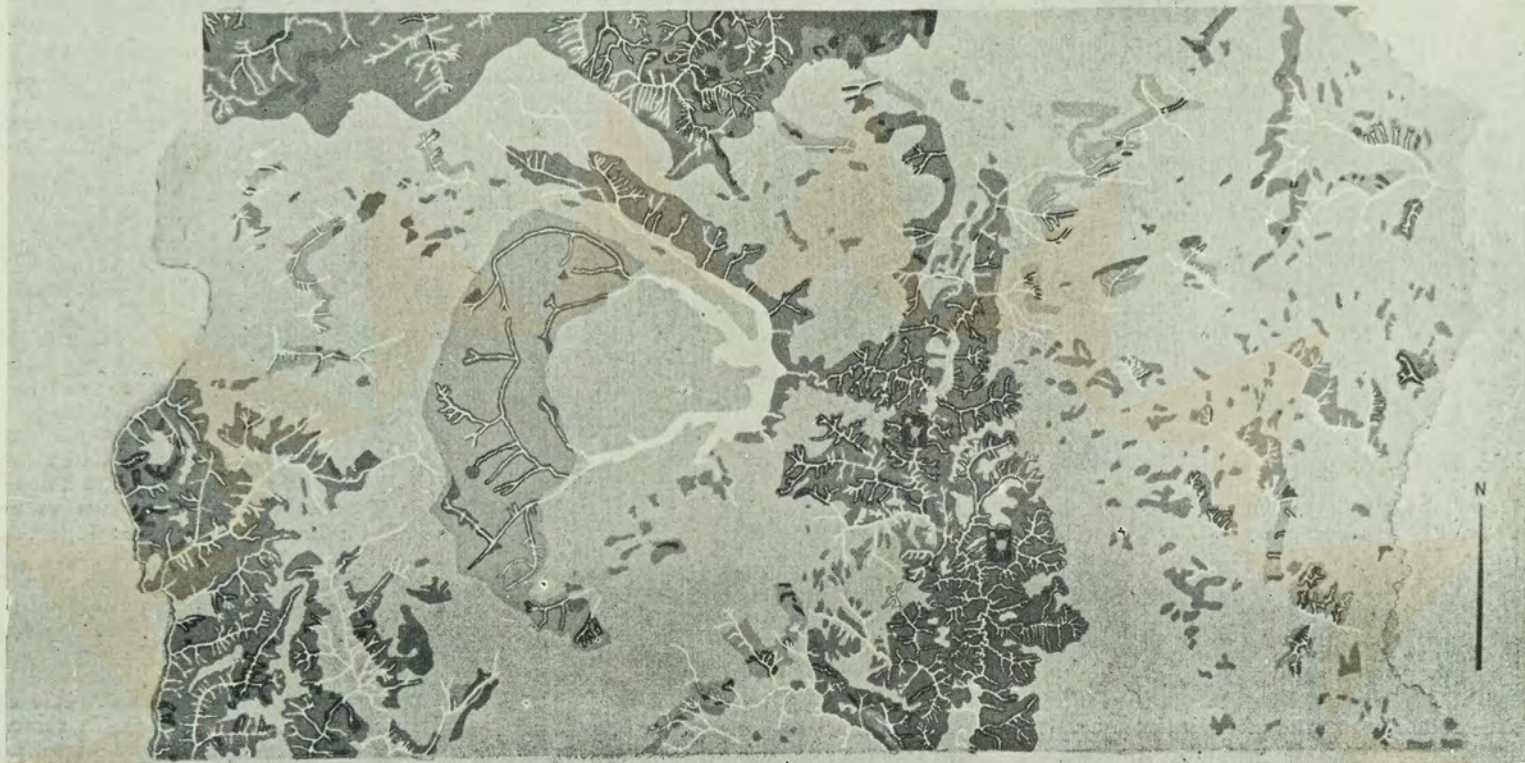
Fora da zona urbana: Cemitério, Sub-estação elétrica, Reservatório de água, Tratamento de esgoto.



NC

PLANEJAMENTO AGRÍCOLA
AGRICULTURAL PLANNING
UTILIZAÇÃO DAS TERRAS NÃO AGRÍCOLAS
UTILIZATION OF THE LANDS NOT SUITED FOR CULTIVATION OR GRAZING

- | | | | |
|------------|--|-------------|---|
| CLASSE I | FLORESTAS CLIMAX EXISTENTES
EXISTING CLIMAX FORESTS | CLASSE V | FLORESTAS MISTAS A SEREM PLANTADAS, DESTINADAS À PROTEÇÃO DOS RIOS E CURSOS D'ÁGUA
MIXED FORESTS TO BE PLANTED ALONG RIVERS AND STREAMS FOR PROTECTION |
| CLASSE II | FLORESTAS SECUNDÁRIAS EXISTENTES
EXISTING SECONDARY FORESTS | CLASSE VI | FLORESTAS MISTAS DE MADEIRA DE LEI, A SEREM PLANTADAS E DESTINADAS À PROTEÇÃO COMERCIAL
MIXED FORESTS OF LEGAL WOODS TO BE PLANTED FOR COMMERCIAL PROTECTION |
| CLASSE III | FLORESTAS ÚMIDAS EXISTENTES
EXISTING HUMID FORESTS | CLASSE VII | FLORESTAS DE EUCALÍPTOS OU JACARÉ, A SEREM PLANTADAS E DESTINADAS À PROTEÇÃO COMERCIAL
EUCALYPTUS AND JACARÉ FORESTS TO BE PLANTED FOR COMMERCIAL PROTECTION |
| CLASSE IV | FLORESTAS MISTAS A SEREM PLANTADAS, DESTINADAS À PROTEÇÃO DAS CABECEIRAS DOS RIOS
MIXED FORESTS TO BE PLANTED AT RIVER HEADS FOR PROTECTION | CLASSE VIII | ÁREAS DESTINADAS AO PLANTIO DE ALIMENTOS PARA A FAUNA, VENATÓRIO
AREAS TO BE PLANTED WITH FOOD PLANTS FOR FAUNA VENATÓRIO |
| | | CLASSE IX | PARQUE DE CAÇA E PESCA
HUNT AND FISHERY PARK |



PRANCHA N.º 6 — Planejamento Agrícola. Utilização das terras não agrícolas.

Classe I: Florestas climax existentes — Classe II: Florestas secundárias existentes — Classe III: Florestas úmidas existentes — Classe IV: Florestas mistas a serem plantadas, destinadas à proteção das cabeceiras dos rios — Classe V: Florestas mistas a serem plantadas, destinadas à proteção dos rios e cursos de água — Classe VI: Florestas mistas de madeira de lei, a serem plantadas e destinadas à exploração comercial — Classe VII: Florestas de eucaliptos ou jacaré, a serem plantadas e destinadas à exploração comercial — Classe VIII: Áreas destinadas ao plantio de alimentos para a fauna venatório — Classe IX: Parque de caça e pesca.

PRANCHA N.º 6-A — Planejamento Agrícola. Divisão mínima da terra.

NC

PLANEJAMENTO AGRÍCOLA
AGRICULTURAL PLANNING
DIVISÃO MÍNIMA DA TERRA
MINIMUM LAND DIVISION

- | | | | | |
|------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| PARCELAMENTO
MÍNIMO 5ha | PARCELAMENTO
MÍNIMO 10ha | PARCELAMENTO
MÍNIMO 20ha | PARCELAMENTO
MÍNIMO 30ha | PARCELAMENTO
MÍNIMO 50ha |
| MINIMUM LAND
DIVISION 5ha | MINIMUM LAND
DIVISION 10ha | MINIMUM LAND
DIVISION 20ha | MINIMUM LAND
DIVISION 30ha | MINIMUM LAND
DIVISION 50ha |



II - A URBE

Para que uma comunidade urbana viva como um todo orgânico e harmonioso não pode exceder certos limites de extensão e população. Além desses limites verifica-se um enfraquecimento excessivo na coesão social. Aparece uma tendência à formação de grupos autônomos, e muitas vezes antagônicos, cuja convivência numa mesma unidade política e administrativa cria problema de estrutura social.

Por outro lado, há vantagens em tornar a comunidade urbana suficientemente grande para que se possa ter um enriquecimento dos serviços especializados de uso geral, e se possibilite a convivência social em quadro amplo e variado.

Na escolha dos limites para o tamanho das Unidades Urbanas também é preciso levar em consideração os problemas do crescimento. A escolha de uma unidade muito grande aumentaria demasiadamente o intervalo entre o início da construção e o seu funcionamento em condições satisfatórias.

Características gerais da unidade urbana

Depois de examinar diversas hipóteses, verificamos que as dimensões — 72 000 habitantes e 5 000 000 m² — traziam as maiores vantagens.

O bom aproveitamento do terreno levou a um desperdício mínimo com os espaços destinados às vias de comunicação e à pura separação entre as unidades domésticas, permitindo alcançar as vantagens de uma densidade suficiente, sem os inconvenientes usuais. As Unidades projetadas tem todas a mesma categoria, não há Unidades suburbanas ou satélites. São cidades com todas as condições para uma vida urbana completa.

Uma vez decidido que a população seria agrupada em Unidades Urbanas de tamanho apropriado, as quais formariam, em conjunto

com o Parque Federal, a Capital propriamente dita, tornou-se necessário determinar a composição espacial de cada unidade.

A subdivisão em vizinhanças seria imperativa, assim como a criação de uma zona de comércio e serviços especializados, para servir ao conjunto. Pareceu-nos também conveniente criar um agrupamento intermediário, entre a Vizinhança e a Grande Unidade que denominamos Setor.

Distribuição do Comércio e Serviços na área da Unidade

Três hipóteses fundamentais se apresentavam: colocar o comércio e os serviços em pontos disseminados; linearmente; ou em centros focais.

A primeira hipótese foi logo abandonada, por defeitos óbvios. A segunda foi examinada com cuidado. Poder-se-ia adotar o sistema das ruas de negócios, atravessando a Unidade, ou periféricas. Pareceu-nos que a diluição do espaço de comércio e serviços conduziria a uma incomodidade para os habitantes, que seriam obrigados a grandes percursos para atingir aos diversos pontos eventualmente desejados. Chegamos a uma solução que consideramos natural. Uma vez determinada a área necessária para o comércio e serviços foi ela distribuída em Centros de Vizinhança, Centros de Setor e no grande centro ou Core da Unidade Urbana.

A análise de cada um desses centros está feita mais adiante.

Os Transportes

O problema dos transportes é hoje um dos mais graves, senão o mais grave, de todas as Metrópoles. Analisando as dificuldades geralmente encontradas verifica-se que há duas causas fundamentais: as grandes distâncias que separam as residências dos locais de trabalho e a utilização de vias não diferenciadas para todos os tipos de tráfego.

A disposição polinuclear e a organização com-

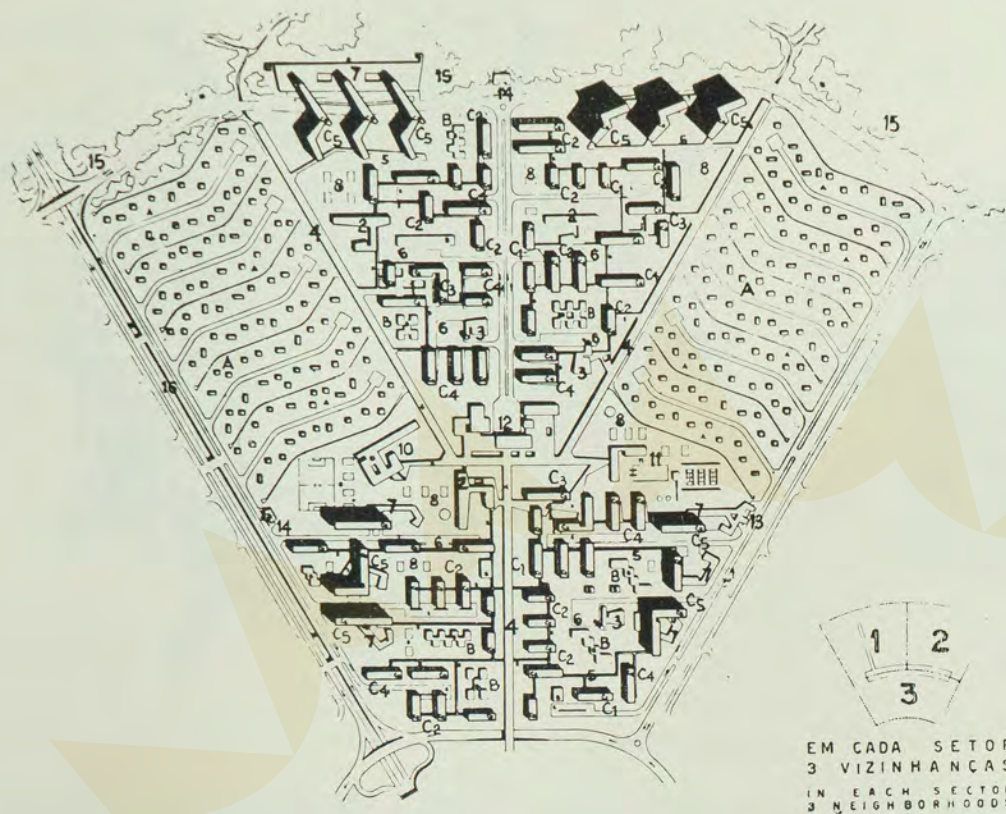
pacta das Unidades Urbanas reduzirá o percurso médio diário em proporções verdadeiramente surpreendentes. Enquanto nas grandes cidades o percurso médio diário é aproximadamente de 6 a 12 km, chegando no caso do Rio 15 km, na Nova Capital o percurso médio diário entre residência e trabalho será exatamente de 1 000 metros, levando em conta as pessoas que trabalham fora das Unidades. A distância média de circulação é, dentro da Vizinhança — 150 metros; dentro do setor — 350 metros; e dentro da Unidade — 600 metros. Tais distâncias eliminam a necessidade de transporte coletivo ou individual em veículos. Verificamos mesmo a impraticabilidade dos veículos de transporte coletivo para circulação dentro da Unidade. Procuramos outra solução para o transporte mecânico em distâncias tão curtas e escolhemos um sistema de calçadas rolantes, em lances de 80 metros aproximadamente. Essas calçadas, funcionando sob abrigos contra o sol e a chuva, e em conjunto com as passagens cobertas ligando os grandes edifícios, formam um sistema de trânsito de grande capacidade e comodidade. O seu custo, de acordo com os estudos a que procedemos, é muito menor, por habitantes servidos, que um sistema de capacidade comparável de onibus ou troleibus. Naturalmente essa comparação tem de ser feita para as distâncias mínimas que devem ser percorridas. Eliminou-se assim uma grande massa de veículos da circulação urbana e tornou-se mais fácil resolver a segunda parte do problema, a separação das vias de tráfego.

A via predominante é a "rua". Não abandonamos a rua, como é desejo de alguns técnicos, porque a consideramos um elemento indispensável no complexo urbano. Em vez de relegá-la ao sub-solo ou suspendê-la no ar, precisamos mantê-la como via de ligação entre os edifícios, ao nível do solo, traçando-a numa escala humana e dela excluindo os elementos de perturbação. As



PRANCHA N.º 9 — Unidade, Urbana.

- 1 — Habitações individuais, 2 — Habitações coletivas, 3 — Centro vicial, 4 — Escola primária, 5 — Igreja, 6 — Centro do setor, 7 — Clube, 8 — Escola secundária, 9 — Passagem coberta e calçada mecânica, 10 — Pôsto de serviço, 11 — Passagem coberta, 12 — Pôsto de serviço e oficina mecânica, 12 — Campos de esporte e playground, 14 — Administração, profissões, cultura, assistência, serviços, 15 — Compras e diversões, 16 — Praça da unidade, 17 — Estacionamento, 18 — Linha de trânsito rápido, 19 — Parque e mata.



PRANCHA N.º 10 — Unidade Urbana.

SETOR

11.922 habitantes — densidade: 157 hab./ha. Total de habitações por vizinhança: 792.

1 — Centro de vizinhança, 2 — Escola primária, 3 — Igreja, 4 — Calçadas mecânicas, 5 — Passagem coberta, 6 — Estacionamento, 7 — Garagem, 8 — Campos de esporte, 9 — Habitações —

Vizinhança 1: A — Habitações individuais, B — Casas geminadas, C — Habitações coletivas;

Vizinhança 2: A — Habitações individuais, B — Casas geminadas, C — Habitações coletivas;

Vizinhança 3: B — Casas geminadas, C — Habitações coletivas; 10 — Escola secundária, 11 — Clube, 12 — Centro de setor, 13 — Auto mecânica-pôsto serviço, 14 — Pôsto de serviço, 15 — Parque e mata, 16 — Leito dos veículos de trânsito rápido.



PRANCHA N.º 11.

"L'Urbanisme à trois dimensions exige la fixation légale des densités. L'Urbanisme en usage actuellement ne s'en préoccupe pas; il s'en désintéresse. Il est à deux dimensions".

LE CORBUSIER

nossas ruas não são estradas para automóveis, nem veredas de jardins, são ruas urbanas, para circulação dos moradores.

As vias para automóveis e caminhões são de seu uso exclusivo, e vão numa graduação precisa, desde a via de acesso às residências e Centros de comércio, até a auto-estrada. A função do veículo auto-motor será principalmente a de transporte de mercadorias. Para o transporte pessoal o automóvel será usado principalmente para recreação ou, excepcionalmente, para transporte entre pontos fora de uma mesma Unidade.

Para o transporte coletivo entre Unidades e para o Parque Federal previmos um sistema de trânsito rápido, que se fará em superfície, em fosso ou elevado sobre cruzamentos e no sub-solo ao atingir ao Core das Unidades e no Parque Federal. Para esse sistema de trânsito rápido parece-nos ser indicada uma instalação do tipo Monorail pelas vantagens que oferece.

Na distribuição das vias de comunicação não houve preocupação de evitar a orientação oeste, porque admitimos que todos os veículos estarão futuramente dotados de dispositivos que evitem o ofuscamento. As ruas

serão naturalmente arborizadas o que já constitui uma proteção natural.

Todo o sistema de transporte mecânico será de preferência operado sem cobrança direta de passagens. Está verificado que todos os sistemas urbanos de transporte coletivo devem ser sustentados, pelo menos em parte, pelos impostos gerais. A abolição da cobrança individual só poderá trazer maior economia de operação.

Diversidade das Unidades Urbanas

Procurou-se dar a cada Unidade um caráter próprio. Assim é que as sete unidades projetadas foram caracterizadas da seguinte forma:

Unidade 1 — *Administração Regional* — Centro da administração regional e metropolitana. Órgãos executivos da estatística federal, escolas e institutos relacionados com a administração e a pesquisa econômica.

Unidade 2 — *Comunicações* — Órgãos diretores dos sistemas nacionais de comunicações e transportes. Centros de estudos técnicos.

Unidade 3 — *Finanças* — Centro financeiro

metropolitano. Órgão fazendários nacionais. Sede de grupos financeiros nacionais.

Unidade 4 — *As artes* — Centro de manifestações artísticas da Metrópole. Grandes teatros e casas de diversões. Artesanato de arte. Escolas de artes plásticas, música e danças, grandes residências, embaixadas.

Unidade 5 — *Ciência e Letras* — Órgãos nacionais de educação e da cultura. Reitorias das Universidades. Escolas e Institutos de ciências e letras. Educação física.

Unidade 6 — *Bem estar social* — Centros de pesquisas e estudos médicos e sociais. Órgãos de assistência e proteção social. Organizações sindicais.

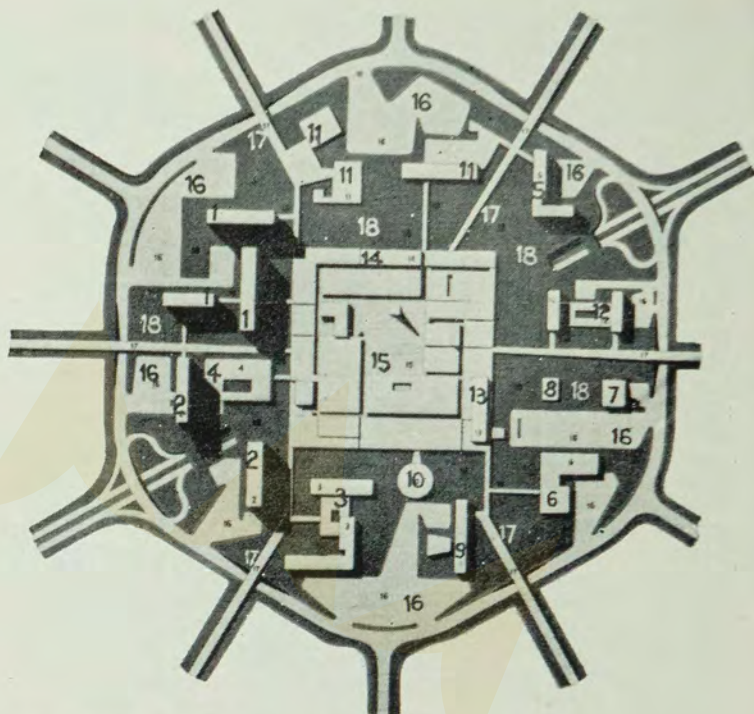
Unidade 7 — *Produção* — Órgãos nacionais de auxílio à produção. Planejamento econômico. Defesa dos recursos naturais. Institutos e comissões concernentes aos diversos setores econômicos.

Apesar do caráter marcado de cada unidade, haverá suficiente variedade de interesses para não torná-la monótona. Os moradores da Unidade ocupam toda uma escala completa de atividades urbanas e não constituem um grupo profissional estreito.



PRANCHA N.º 12 — Unidade Urbana.

1 — Prefeitura federal, 2 — Cia. urbanizadora, 3 — Ipase, 4 — Hospital da unidade, 5 — IBGE e serviço nacional de recenseamento, 6 — Fundação Getúlio Vargas e escolas de administr. e economia, 7 — Garagem e oficina dos transportes municipais, 8 — Catedral e administração eclesiástica, 9 — Corpo de bombeiros, 10 — Sub-estação de energia elétrica, 11 — Hotel — 50 quartos, 12 — Escritórios, 13 — Praça, 14 — Estacionamento, 15 — Cobertura da calçada mecânica, 16 — Parque.



PRANCHA N.º 13 — Unidade Urbana 2 — Core.

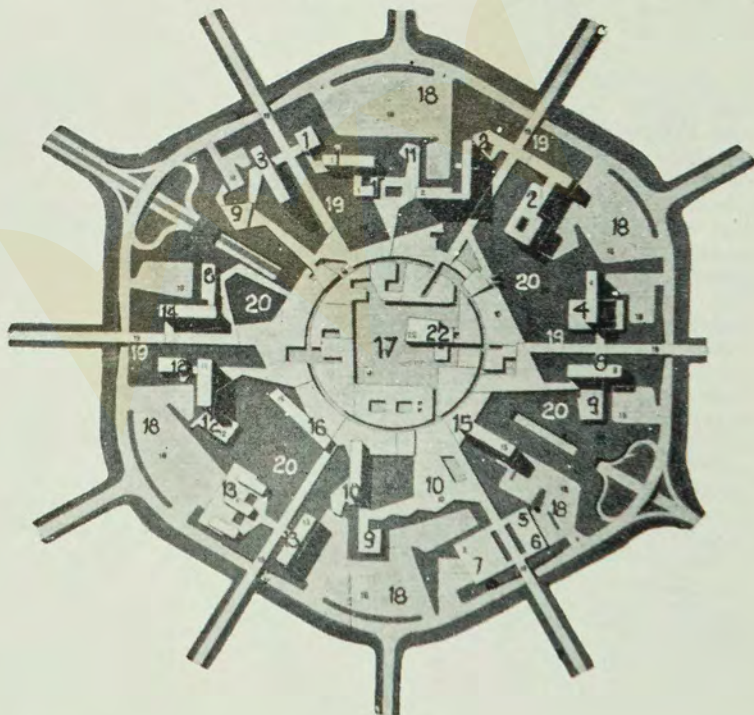
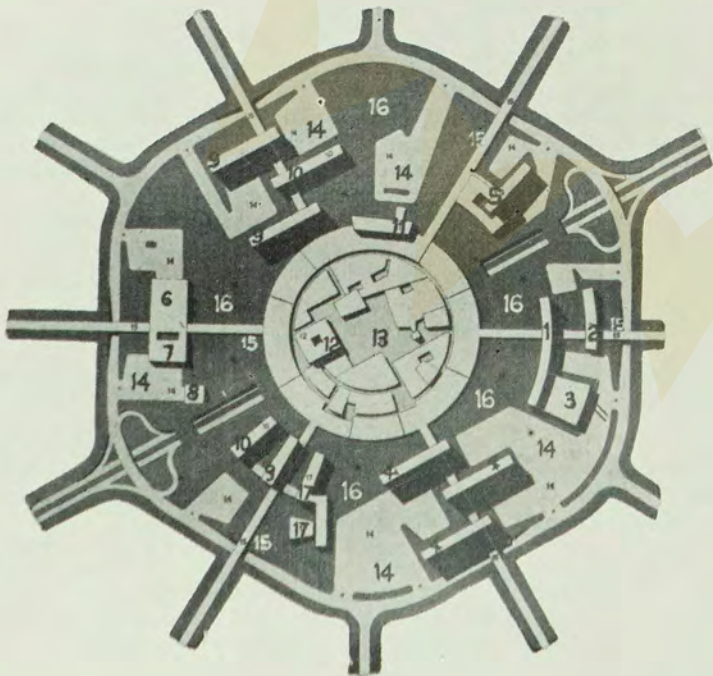
1 — Departamento e serviços nacionais da Viação, 2 — Departamentos e serviços nacionais de obras e saneamento, 3 — Escolas de ciências aplicadas da Universidade federal, 4 — Departamentos dos Correios e Telégrafos, 5 — Hospital da unidade, 6 — Garagem e oficina dos transportes municipais, 7 — Corpo de bombeiros, 8 — Sub-estação de energia elétrica, 9 — Escolas de ciências aplicadas da Universidade Católica, 10 — Museu técnico, 11 — Clubes e associações técnicas e profissionais, 12 — Conselho municipal e Forum, 13 — Hotel - 100 quartos, 14 — Escritórios, 15 — Praça, 16 — Estacionamento, 17 — Cobertura da calçada mecânica, 18 — Parque, 19 — Passagem coberta.

PRANCHA N.º 14 — Unidade Urbana 3 — Core.

1 — Banco do Brasil, 2 — Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, 3 — Casa da Moeda, 4 — Órgãos fazendários nacionais, 5 — Hospital da unidade, 6 — Garagem e oficina dos transportes municipais, 7 — Corpo de bombeiros, 8 — Sub-estação de energia elétrica, 9 — Bancos particulares, 10 — Cias. de seguros e capitalização, 11 — Hotel - 100 quartos, 12 — Centro cultural e escritórios, 13 — Praça, 14 — Estacionamento, 15 — Cobertura da calçada mecânica, 16 — Parque, 17 — Conselho municipal e Forum.

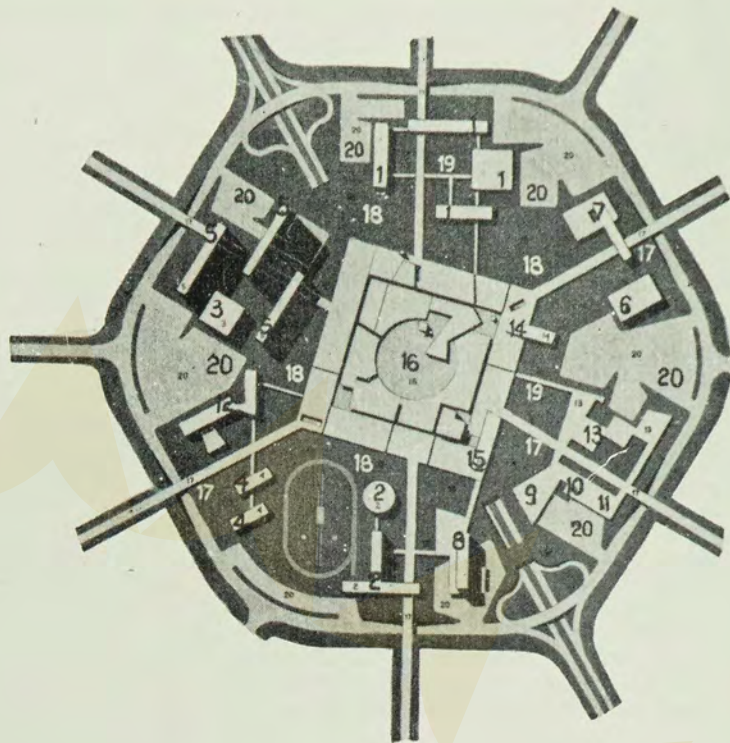
PRANCHA N.º 15 — Unidade Urbana 4 — Core.

1 — Museu de arte contemporânea, 2 — Escolas de artes, 3 — Departamentos e serviços nacionais da cultura, 4 — Hospital da unidade, 5 — Corpo de bombeiros, 6 — Sub-estações de energia elétrica, 7 — Garagem e oficina dos transportes municipais, 8 — Clubes, 9 — Teatros e music-hall, 10 — Estúdio de TV e rádio, 11 — Grandes restaurantes, 12 — Imprensa nacional, 13 — Jornais e editoras, 14 — Chancelarias e consulados, 15 — Hotel - 100 quartos, 16 — Escritórios, 17 — Praça, 18 — Estacionamento, 19 — Cobertura da calçada mecânica, 20 — Parque, 21 — Passagem coberta, 22 — Conselho municipal e Forum.



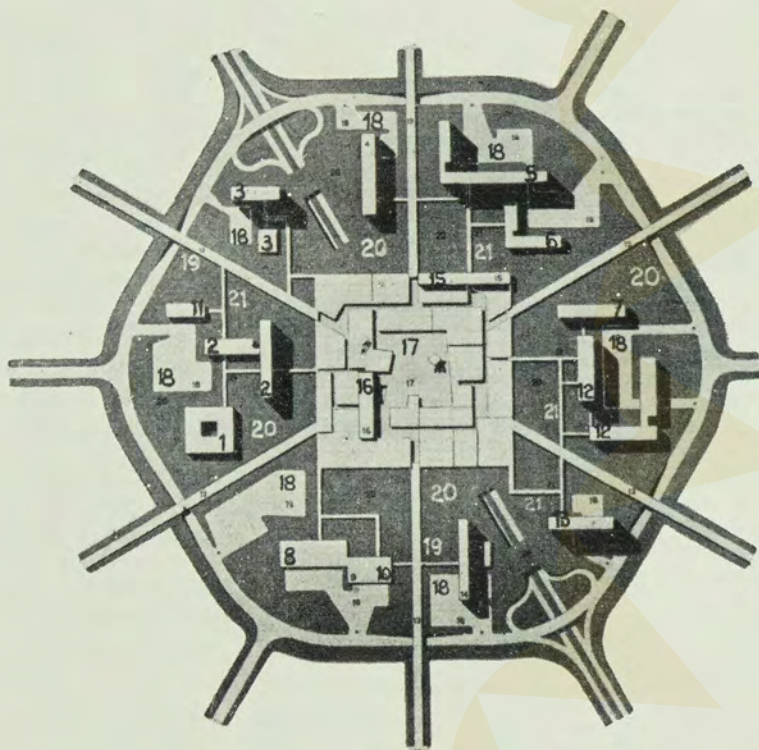
PRANCHA N.º 16 — Unidade Urbana 5 — Core.

1 — Universidade federal, 2 — Escola nacional de educação física, 3 — Arquivo nacional, 4 — Departamentos e serviços nacionais do esporte e educação física, 5 — Departamentos, serviços e institutos nacionais da educação, 6 — Museu de história natural, 7 — Conselho nacional de pesquisas e centros científicos, 8 — Hospital da unidade, 9 — Garagem e oficinas dos transportes municipais, 10 — Corpo de bombeiros, 11 — Sub-estações de energia elétrica, 12 — Universidade católica, 13 — Academias e clubes científicos e literários, 14 — Hotel - 100 quartos, 15 — Escritórios, 16 — Praça, 17 — Cobertura da calçada mecânica, 18 — Parque, 19 — Passagem coberta, 20 — Estacionamento.



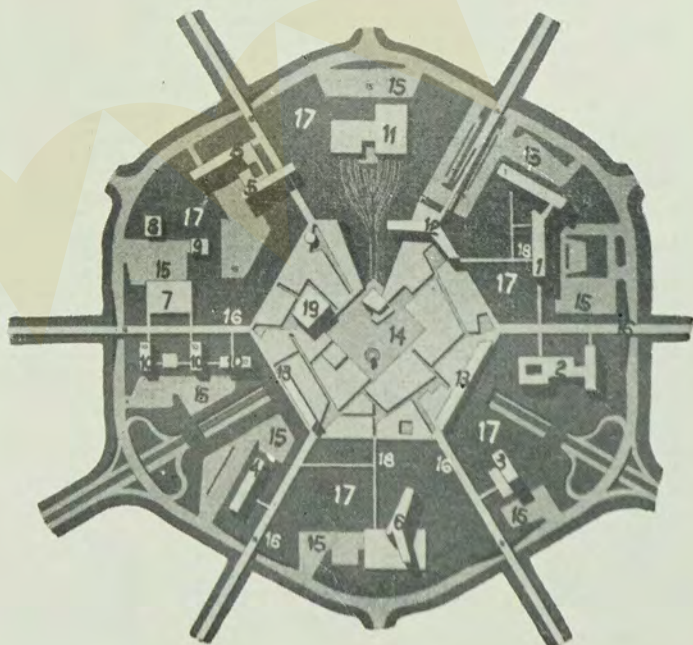
PRANCHA N.º 17 — Unidade Urbana 6 — Core.

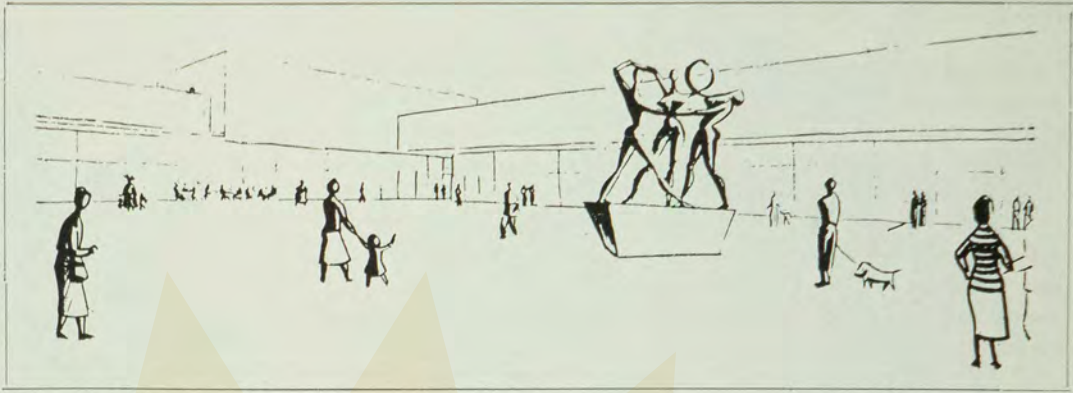
1 — Escolas de ciências médicas da universidade federal, 2 — Hospital das clínicas da universidade federal, 3 — Departamentos e serviços nacionais de saúde, 4 — Departamentos e serviços nacionais do trabalho, 5 — Departamentos e serviços nacionais do interior e justiça, 6 — Departamento federal de segurança pública, 7 — Fundação da casa popular, 8 — Garagem e oficinas dos transportes municipais, 9 — Corpo de bombeiros, 10 — Sub-estação de energia elétrica, 11 — Escolas de assistência social e enfermagem, 12 — Organizações sindicais nacionais, 13 — Organizações de assistência ao trabalhador, 14 — Conselho municipal e fórum, 15 — Escritório, 16 — Hotel, 17 — Praça, 18 — Estacionamento, 19 — Cobertura da calçada mecânica, 20 — Parque, 21 — Passagem coberta.



PRANCHA N.º 18 — Unidade Urbana 7 — Core.

1 — Departamentos, serviços e institutos nacionais da produção agropecuária, 2 — Departamentos, serviços e institutos nacionais da produção mineral e energia, 3 — Serviços de meteorologia e institutos de estudos ecológicos, 4 — Serviços nacionais de proteção de riquezas naturais e população indígena, 5 — Departamentos e serviços de orientação e controle do comércio e da indústria, 6 — Hospital da unidade, 7 — Garagem e oficina dos transportes municipais, 8 — Corpo de bombeiros, 9 — Sub-estações de energia elétrica, 10 — Bancos particulares, 11 — Garagem do «monorail», 12 — Hotel, 13 — Escritórios, 14 — Praça, 15 — Estacionamento, 16 — Cobertura da calçada mecânica, 17 — Parque, 18 — Passagem coberta, 19 — Conselho municipal e fórum.





PRANCHA N.º 13 — Praça interior de um Core.

Organização das unidades urbanas

A topografia sem acidentes permitiu a realização em planta de um sistema urbano racional na sua plenitude. Não introduzimos nenhuma complicação romântica, ou irregularidades fora de propósito. A organização esquemática pode ser apreciada na Prancha 8 e a disposição arquitetônica de uma unidade completa na Prancha 9.

Vizinhanças

Adotamos uma população de tamanho uniforme para as vizinhanças: 3.966 habitantes. A área média é 225 000 m², havendo pequenas variações de uma para outra. Graças à sua disposição regular, a vizinhança fica incluída dentro de um raio de 300 metros do centro de serviços de que é dotada. A composição da população de uma vizinhança já foi dada no Capítulo I. As famílias, em número de 792, teriam como ocupação principal de seus membros adultos.

Grupo funcional	Famílias
Funcionários Federais do Core ..	150
Funcionários Federais do Parque Federal	90
Comércio e Serviços de Core	217
Comércio e Serviços de Setor	83
Comércio e Serviços de Vizinhanças	70
Ocupações avulsas e fora da unidade	120
Obras	50
Militares	12
TOTAL	792

O centro da vizinhança conteria os serviços constantes da lista seguinte:

Estabelecimentos	N.º	Área em m ²	Pessoas ocupadas
Açougue	2	160	8
Armarinho	2	160	10
Armazem	2	160	10
Bar e Café	2	120	10
Biblioteca	1	60	2
Barbearia	2	80	8
Salão de Beleza	2	80	10
Confeitaria	1	120	8
Farmácia	2	120	16
Jornais e Revistas	2	60	6
Leiteria	2	120	10
Padaria	2	160	16
Peixaria	1	40	2
Quitanda	2	80	8
Sapateiro	2	40	6
Ferragens e louças	2	200	12
Tinturaria	2	200	20
Florista	1	40	5
Escola Primária	1	2000	30
Igreja	1	1800	12
TOTAL		5800	209

Centro de vizinhança

O Centro de Vizinhança ocuparia uma área total de 10 000 m² distribuída da seguinte forma:

Lojas	2.080 m ²
Escola, com «playground» anexo ..	4.000 m ²
Igreja com o pátio anexo	2.400 m ²
Circulação	1.440 m ²
TOTAL	10.020 m ²

Setores

Os serviços que exigem mercado maior do que pode proporcionar uma vizinhança isolada, mas que por sua natureza ficam melhor fora do Core e nas proximidades das residências, foram agrupadas num centro de Setor. Consideramos o Setor como constituído por 3 vizinhanças num mesmo eixo, formando um conjunto conveniente para o planejamento, mas sem significação política ou administrativa.

Centro de setor

O Centro de Setor conteria os seguintes serviços:

Estabelecimentos	N.º	Área em m ²	Pessoas ocupadas
Bar e Café	4	240	24
Banco	2	400	28
Barbearia	4	160	20
Correios e Telégrafos ..	1	200	18
Delegacia	1	120	40
Farmácia	1	80	10
Ferramentas, tintas e material em geral	2	160	20
Jornais e revistas	1	40	4
Super-mercado	1	300	25
Posto de Saúde	1	200	30
Transportes, mudanças, guarda-móveis	1	200	24
Vidraceiro	1	80	8
Lavanderia	2	400	40
Auto-mecânica ..	1	300	14
Carpintaria	1	200	15
Marcenaria	1	200	15
Eletro-mecânica	1	120	18
Serralheria	1	120	18
Tipografia	1	120	18
Instalações hidráulicas e elétricas	1	120	14
Rádio-Reparador	1	60	8
Estofador e Cochoaria ..	1	60	8
Mecânica de bicicletas ..	1	60	6
Escola secundária	1	2000	55
Clube esportivo e social	1	1540	45

Haveria, ainda, espalhados no Setor, 3 postos de auto-serviço, com 900 m² e ocupando 90 pessoas.

A área total do Centro do Setor seria utilizada da seguinte forma:

Lojas	2.580 m ²
Oficinas	1.360 m ²
Escola e área anexa para recreação ..	5.000 m ²
Clube e área anexa para esporte ..	30.000 m ²
Circulação	1.400 m ²
TOTAL	40.000 m ²

A organização das 3 vizinhanças agrupadas em Setor, com os respectivos centros pode ser apreciada na Prancha 10.

Cores

Escolhemos a palavra “Core” para identificar o coração, o centro vital da comunidade urbana. Nas cidades contemporâneas esse Core está mal identificado. Às vezes é uma avenida e ruas transversais, noutras uma praça e as ruas nela vão têr. Formou-se ao acaso, desloca-se com a especulação imobiliária, não oferece as condições exigidas para preencher eficientemente suas funções na cidade.

Procuramos traçar para as unidades urbanas Cores bem definidos, exatamente proporcionados às necessidades da população e em que a qualidade arquitetural fôsse do melhor quilate.

Como as unidades são de dimensões semelhantes, os Cores também tem índices especiais iguais. Mas as disposições e o caráter de cada um são diversos, adaptando-os às características de cada uma das unidades.

Organização do core

Em todas as unidades o Core ocupa uma área central de aproximadamente 500 000 m². Nessa área estão concentrados os locais de trabalho, de diversão, lojas, as entidades do Governo Municipal etc. A disposição esquemática está indicada na Prancha 12, por onde se vê que enquanto os locais de trabalho estão isolados do movimento da área central,

bem iluminados e arejados, as lojas e os locais de diversão formam uma área compacta, que favorece o convívio social e torna mais agradável a caminhada de vitrine em vitrine. A praça central foi dimensionada para ser um cenário amável e acolhedor, onde o passante se sentirá parte da coletividade sem se dissolver numa multidão.

Enquanto que visto do exterior o Core tem um aspecto monumental, compatível com a sua importância na Urbs, visto de dentro da praça central, desaparecerá o cenário dos grandes edifícios perimetrias e a visão encontrará um quadro variado e de proporções arquiteturais em que a figura humana não desaparece. Procuramos mostrar esse efeito nas Pranchas 12 a 18 que detalham os diferentes cores.

Como quizessemos acentuar o ideal democrático da comunidade procuramos um perfil movimentado, que evitasse a uniformidade, mas que também não estivesse subordinado a um edifício predominante, símbolo de uma classe ou grupo econômico. A cidade é de todos. O pobre não deve sentir-se oprimido e humilhado pela imponência, nem o rico diminuído por igualitarismo sem sentido. No Core da cidade o comércio entre as diferentes classes deve encontrar pontos de contato em que todos possam sentir-se à vontade. Cada um dos 7 cores está representado nas Pranchas 12 a 18.

O Core I contém a administração do Distrito Federal. Na Prefeitura Federal funcionam além dos serviços gerais de administração, os órgãos centrais de Polícia, Transportes Públicos, Viação e Obras, Administração do Plano Diretor, Saúde Pública, Administração de Matas, Parques e Jardins, etc.

Também estão localizados nesse Core os órgãos executivos da Estatística Federal, e os Institutos e Escolas que tem como campo os estudos e pesquisas de administração econômica.

III - A comunidade

Estabelecida a topografia da Metrópole e as condições de vida urbana, é necessário completar o Plano com algumas indicações sobre as medidas necessárias para assegurar uma vida econômica e social ordenada.

Os dados básicos para a análise de distribuição de rendas foram obtidos dos levantamentos procedidos pelo DASP e pela Comissão Nacional do Bem Estar Social, e apurados pelo IBGE. A partir desses estudos determinamos a estrutura econômica da comunidade, as médias gerais e as necessidades específicas dos diversos grupos. Foram assim calculadas as proporções entre os diversos tipos de habitação, e estudados os serviços e abastecimentos necessários.

Uma comunidade não deve incluir grupos menos favorecidos, massas de população favelada, zonas desprovidas de serviços, enfim, qualquer sinal de desordem ou mal-estar social. Qualquer cidade em expansão, em que não se tomem precauções, apresentará todos esses defeitos. Por isso, o Plano foi concebido de modo a permitir um crescimento por etapas, em que cada avanço se fizesse por conjuntos completos, sem que, em nenhum

A Catedral Metropolitana, e a administração eclesiástica também estão localizados neste Core, acentuando o seu caráter de centro administrativo metropolitano.

No Core 2 estão reunidos em diversos edifícios os serviços federais ligados aos transportes, comunicações e obras públicas. Partimos de uma consideração dos serviços atualmente existentes, localizados em diversos Ministérios e Autarquias, (Aeronáutica, Viação, etc.) e procuramos agrupá-los de maneira racional, prevendo também seu desenvolvimento.

Seguindo um critério exposto nos comentários relativos ao Core 5, localizamos neste Core as escolas técnicas e universitárias que dizem respeito às ciências aplicadas, principalmente escolas de engenharia.

Localizamos aí, igualmente o Museu Técnico, e as associações técnicas e profissionais conizentes com a predominância técnica do Core.

No Core 3 está o centro financeiro da Metrópole. Aí localizamos o Banco do Brasil, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e as sedes de Bancos particulares de âmbito nacional. Como órgãos executivos nacionais aí estarão as grandes Diretorias da Fazenda Nacional e os órgãos especiais de controle econômico e do mercado monetário. Também aí estarão as sedes das grandes companhias privadas, com influência predominante no mercado de capitais.

O Core 4 deve seguir um ritmo de construção diferente das outras. Estando localizadas nele as embaixadas, e certos elementos que muito contribuirão para a amenidade da Capital, deve a sua construção iniciar-se pouco antes da inauguração. O seu ritmo de expansão será, porém, mais lento.

É nesse Core que se localizará a vida artística e literária, incluindo o artesanato de arte.

momento, haja população desabrigada ou em más condições de sociabilidade.

Formação da capital e da área do Distrito Federal

Tendo em vista o desejo expresso do Governo de que se complete a obra no mais breve prazo possível, estudamos uma hipótese de crescimento acelerado. O período de formação da capital pode, contudo, ser abreviado, pela concentração de investimentos nos primeiros anos, pelo aumento do número de trabalhadores de obras, ou pelo emprego de processos especiais de construção. Seria difícil, no entanto, fazer uma avaliação dos prazos mínimos possíveis em condições especiais, e, por isso, nos limitamos às condições normais. Estudamos também uma fórmula mais econômica, que denominamos hipótese de crescimento normal.

Procuramos inicialmente, determinar, dentro das duas hipóteses estudadas, o período em que se poderia chegar a uma transferência efetiva do Governo Federal. O resultado de nossos cálculos indicou os prazos de 7 e 10 anos, relativamente a cada uma das duas hipóteses. Para cada uma, determinamos a

O Core 5 foi denominado Ciências e Letras porque aí se localizarão as sedes das Universidades que se constituirão na época de sua construção. Anteriormente poderão funcionar faculdades isoladas, nos outros Cores. Preferimos que a Universidade não fosse uma cidadela isolada, sem contato com a vida da cidade. Tanto os professores como os alunos devem participar da vida urbana. O seu isolamento em recinto fechado só poderia deformar-lhes a visão dos problemas humanos. As vantagens que se poderia, hipoteticamente obter pela proximidade dos diferentes centros de cultura é ilusória como demonstra a experiência universitária. Nenhum professor convive intelectualmente com os seus colegas de outras faculdades, a não ser no caso bastante raro em que participem de altos conselhos técnicos ou administrativos. Quanto aos alunos, terão sempre ao seu alcance, em qualquer Core onde se situe sua escola, amplas possibilidades de contato com todos os aspectos da cultura.

Por outro lado, as localizações escolhidas para as faculdades que não estão no Core 5 oferecem a vantagem de um contato com serviços e instalações impossíveis de reunir numa Universidade centralizada.

O Core 6 reúne as atividades ligadas à ordem e ao bem-estar social. Tem especial destaque as atividades ligadas à pesquisa médica e à saúde pública. Nesse Core o hospital pertence à Universidade em vez de ser um Hospital Municipal. Nas proximidades da Unidade estará localizado ainda o Hospital Federal.

O Core 7 agrupa os serviços ligados à produção agro-pecuária e mineral. Também devem funcionar aí os serviços encarregados da defesa das riquezas naturais e da proteção à população indígena.

Os Bancos particulares que figuram nesse core são bancos financiadores de atividades da produção, e destinam-se principalmente, ao financiamento das atividades produtoras da região.

composição da população nessas épocas e seu processo de formação.

É de toda conveniência que a mudança do Governo Federal se faça no mais breve período de tempo possível. Procuramos estudar no nosso esquema uma concentração da mudança, entre a ida dos primeiros funcionários e a inauguração do Governo na sua nova sede. Depois dessa fase, há um reajustamento no ritmo das obras, processando-se uma absorção gradual do excesso de trabalhadores em obras, de modo a ter composição normal no fim da construção da Capital.

Na primeira hipótese, considerou-se uma massa inicial de 10 000 trabalhadores de obras, o que vem a significar acampamentos para 20 000 pessoas. Na hipótese que consideramos normal, esse número ficaria reduzido à metade. De qualquer maneira, esses acampamentos, cuja duração será de muitos anos, representam um problema que deve ser estudado cuidadosamente. A sua população será absorvida pela cidade em formação, e, ao mesmo tempo, renovada, de modo a manter o contingente necessário até à época prevista para sua extinção.

Os quadros seguintes demonstram a sequência de crescimento.

POPULAÇÃO NA INAUGURAÇÃO CRESCIMENTO ACELERADO 3 Cores e 27 Vizinhanças. 3 Distritos Rurais incompletos. Acampamento de obras.				POPULATION AT THE INAUGURATION. ACCELERATED GROWTH 3 Cores and 27 Neighborhoods. 3 Incomplete Rural Districts. Construction Camp.			
	Unidades Urbanas	Distritos Rurais	Isolada e acamp.	Total			
Pré-escolar	23.440	5.260	4.157	32.857	Infants		
Primária	14.040	3 150	1.091	18.281	Primary School		
Ginásial	5.400	1.210	35	6.645	Lower secondary school		
Colegial	1.080	121	7	1.208	Higher secondary school		
Universitária	216	24	3	243	University		
Doméstica	21.600	4.840	3.740	30.180	Domestic		
Inativa	3 240	726	800	4.766	Inactive		
Funcionários federais nos Cores	7.703	—	—	7.703	Federal employees in the Cores		
Funcionários federais do Parque Federal ..	4.482	—	—	4 482	Federal Park employees		
Comércio e Serviços nos Cores	7.366	—	—	7.366	Business and Services in the Cores		
Comércio e Serviços dos Setores	5.380	—	—	5.380	Sector Business and Service		
Comércio e Serviços das Vizinhanças	4.063	700	1.117	5.880	Neighborhood Business and Service		
Trabalhadores avulsos e fora das Unidades Urbanas	2.030	150	250	2.430	Independent and isolated workers		
Pessoal de Obras	7.560	1.530	10 400	19.490	Construction		
Militares	400	—	1.200	1.600	Military		
Agricultores	—	6.480	—	6.480	Farmers		
TOTAL	108.000	24.200	22.800	155.000			

OBRAS E ALOJAMENTO DA POPULAÇÃO Hipótese de crescimento acelerado				CONSTRUCTION AND GROWTH OF HOUSING ACCOMODATION Accelerated growth hypothesis			
Ano	População do Acamp.	Operários de obras do acamp	Operários de obras da pop.	m² const.	m² acc.	m² de	Pop. normal
Year	Const. Camp. Pop.	Cons. workers in the Camp.	Const. workers in the normal pop.	sq m built during the year	Accumulated building in sq m	Maintenance in sq m	Normal Pop.
1	20.000	10.000	—	(const. acamp)	—	—	—
2	20.000	10.000	—	500.000	500 000	—	—
3	20.000	10.000	2 000	590.000	1.090.000	10.000	20.000
4	20.000	10.000	4.360	696.200	1.786.200	21 800	43.600
5	20.000	10.000	6.430	785.776	2.571.976	35.724	71.448
6	20.000	10.000	8.230	860.060	3.432.036	51.440	102 879
7	20.000	10.000	9.610	911.859	4 343.895	68.641	137.281
8	15 000	7.500	12.163	896.272	5.240.167	86.878	173.756
9	10.000	5.000	14.673	876 697	6.116.864	104.803	209.607
10	5.000	2.500	17.127	859.013	6.975.877	122.337	244.674
11	—	—	19.532	837.182	7.813.059	139.518	279.035
12	—	—	21.877	937.589	8 750.648	156.261	312.522
13	—	—	24 502	1.150.087	9.900.735	175.013	350.026
14	—	—	27.722	1.188.095	11.088.830	198 005	396.028
15	—	—	31.049	1.130 673	12.419.503	221.777	443.553
16	—	—	29.807	1.241.960	13.661.463	248.390	496 780
17	—	—	27.323	1.092.921	14 754.384	273.229	546.459
18	—	—	23.607	885.262	15.639.646	295.088	590.175
19	—	—	18.768	625.607	16.265.253	312.793	625.586
20	—	—	13.010	325.195	16.590.448	325.305	650.510

FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO DAS UNIDADES URBANAS				GROWTH OF THE URBAN UNITS POPULATION				
Hipótese de crescimento acelerado				Accelerated growth hypothesis				
Ano	Pop. Total	Unidades — Units						
Year	Total Pop.	1	2	3	4	5	6	7
1	—	—	—	—	—	—	—	—
2	—	—	—	—	—	—	—	—
3	13.400	13.400	—	—	—	—	—	—
4	32.700	32.700	—	—	—	—	—	—
5	55.248	55.248	—	—	—	—	—	—
6	81.479	72.000	—	—	9.479	—	—	—
7	110.281	72.000	24.000	—	14.281	—	—	—
8	140.856	72.000	48.000	—	20.856	—	—	—
9	171.407	72.000	72.000	—	27.407	—	—	—
10	200.774	72.000	72.000	24.000	32.774	—	—	—
11	229.235	72.000	72.000	48.000	37.235	—	—	—
12	256.122	72.000	72.000	72.000	40.122	—	—	—
13	286.126	72.000	72.000	72.000	60.000	10.126	—	—
14	322.898	72.000	72.000	72.000	72.000	34.828	—	—
15	361.453	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000	1.453	—
16	404.380	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000	44.380	—
17	444.659	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000	12.659
18	479.675	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000	47.675
19	503.186	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000	71.186
20	504.000	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000	72.000

FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO DOS DISTRITOS RURAIS					GROWTH OF THE RURAL DISTRICTS POPULATION						
Hipótese de crescimento acelerado					Accelerated growth hypothesis						
Ano Pop. Total		Distritos — Districts									
Year	Total Pop.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3	6.200	6.200	—	—	—	—	—	—	—	—	—
4	9.900	9.900	—	—	—	—	—	—	—	—	—
5	14.200	10.400	3.800	—	—	—	—	—	—	—	—
6	19.000	10.400	8.600	—	—	—	—	—	—	—	—
7	24.200	10.400	10.400	3.400	—	—	—	—	—	—	—
8	29.500	10.400	10.400	8.700	—	—	—	—	—	—	—
9	34.000	10.400	10.400	10.400	2.800	—	—	—	—	—	—
10	38.700	10.400	10.400	10.400	7.500	—	—	—	—	—	—
11	43.400	10.400	10.400	10.400	10.400	1.800	—	—	—	—	—
12	48.600	10.400	10.400	10.400	10.400	7.000	—	—	—	—	—
13	54.500	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	2.500	—	—	—	—
14	62.000	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.000	—	—	—	—
15	69.100	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	6.700	—	—	—
16	77.600	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	4.800	—	—
17	85.200	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	2.000	—
18	92.100	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	8.900	—
19	101.200	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	7.600
20	104.000	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400

FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO DOS DISTRITOS RURAIS Hipótese de crescimento normal

GROWTH OF THE RURAL DISTRICTS POPULATION Normal growth hypothesis

Ano	Pop. total	Distritos — Districts									
Year	Total pop.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
3	3.300	3.300	—	—	—	—	—	—	—	—	—
4	5.400	5.400	—	—	—	—	—	—	—	—	—
5	7.800	7.800	—	—	—	—	—	—	—	—	—
6	10.200	10.200	—	—	—	—	—	—	—	—	—
7	13.000	10.400	2.600	—	—	—	—	—	—	—	—
8	16.200	10.400	5.800	—	—	—	—	—	—	—	—
9	19.800	10.400	9.400	—	—	—	—	—	—	—	—
10	24.200	10.400	10.400	3.400	—	—	—	—	—	—	—
11	27.400	10.400	10.400	6.600	—	—	—	—	—	—	—
12	30.500	10.400	10.400	9.700	—	—	—	—	—	—	—
13	34.300	10.400	10.400	10.400	3.100	—	—	—	—	—	—
14	38.500	10.400	10.400	10.400	7.300	—	—	—	—	—	—
15	42.800	10.400	10.400	10.400	10.400	1.200	—	—	—	—	—
16	48.400	10.400	10.400	10.400	10.400	6.800	—	—	—	—	—
17	53.500	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	1.500	—	—	—	—
18	60.200	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	8.200	—	—	—	—
19	67.300	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	4.900	—	—	—
20	75.600	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	2.800	—	—
21	85.000	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	—	—
22	93.000	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	—	—
23	101.000	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	7.400
24	104.000	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400	10.400

O aumento de população dos centros metropolitanos drenará a maior parte dos investimentos nacionais nos próximos anos. É preciso bons exemplos para economizar nossos escassos recursos e desviá-los da especulação inflacionária. Nêsse sentido, a construção da Nova Capital poderá desempenhar um papel saneador em nossa evolução econômica, para ser um pesado onus.

Não há nenhuma possibilidade de evitar despesas com o crescimento urbano previsível para os próximos anos. Esse crescimento deverá corresponder a 20 ou 30 cidades do tamanho da nova Capital. Quanto às instalações do Governo Federal, qualquer exame mais imparcial da situação revelará que as atuais são insuficientes, e terão certamente de ser substituídas nos próximos 20 anos.

Tôdas essas considerações nos levam a afirmar que a obra da Nova Capital é aconselhável do ponto de vista econômico, desde que represente a realização de um Plano Regional e Urbano bem estudado.

Seria conveniente acrescentar que a evolução dos nossos grandes centros urbanos, sob o signo da especulação inflacionária, está con-

QUADRO I

Investimentos brutos e financiamento líquido em milhares de cruzeiros

	Invest. bruto	Financ. liq.
	Gross Invest.	Net financ.
Habitções	46.670.000	15.445.801
Prédios para comércio e serviços	6.174.000	1.601.363
Prédios e inst. do GL	4.356.000	—
Urbanização a cargo do GL	1.000.000	—
Água e esgotos	1.526.000	—
Calçadas mecânicas	300.000	—
E. Elétrica e Águas e esgotos ..	6.400.000	—
Monorail	2.000.000	5.094.816
Telefone	420.000	—
Prédios do GF	9.450.000	—
Urbanização a cargo do GF	200.000	—
E. elétrica a cargo do GF	300.000	—
E. de Rodagem	2.000.000	13.167.000
Aeroporto	400.000	—
Instalações militares	400.000	—
Telegrafo e Telefone do GF	50.000	—
Acampamento	367.000	—
E. de Ferro	600.000	—
Equip. Agric.	3.520.000	7.086.732
Inst. Comerciais	6.180.000	—
Igrejas	2.300.000	—
TOTAL	94.613.000	42.395.712

TABLE I

Gross investments and net financing in thousands of cruzeiros

	Financed by contracting institutions	Self financing with the sale of land	Financed by sale of stock	Budget
Dwellings	Financed by contracting institutions	—	—	—
Commerce & Service buildings	—	—	—	—
Local Gov. buildings	—	—	—	—
Urbanis. in charge of LG	—	—	—	—
Water and sewage	—	—	—	—
Conveyors	—	—	—	—
Electric Power	—	—	—	—
Rapid. Tr. System	—	—	—	—
Telephones	—	—	—	—
FG buildings	—	—	—	—
Urbanization in charge of the FG	—	—	—	—
Electric Power in charge of FG	—	—	—	—
Highways	—	—	—	—
Airport	—	—	—	—
Military installations	—	—	—	—
FG telegraph & telephone	—	—	—	—
Construction Camp	—	—	—	—
Railway	—	—	—	—
Agric. Equip.	—	—	—	—
Com. Inst.	—	—	—	—
Churches	—	—	—	—
TOTAL	—	—	—	—

QUADRO II

Financiamento líquido anual necessário incluindo as despesas orçamentárias do Governo Federal, em milhares de cruzeiros

TABLE II

Yearly financing needs, including budget expenses of the Federal Government in thousands of cruzeiros

Ano	Financ. de Residências	Prédios comerciais	Obras do GL	Despesas do GF	Despesas particulares	Total
Year	Dwellings	Commercial buildings	LG constr. work	FG expenses	Private co. exp.	
1	—	—	—	418.000	190.000	608.000
2	1.480.000	196.000	266.000	418.000	465.000	2.825.000
3	1.500.000	185.480	299.880	493.240	508.400	2.984.400
4	1.664.472	201.065	339.858	582.023	513.512	3.300.930
5	1.708.684	205.445	368.018	656.705	503.241	3.442.293
6	1.709.025	201.576	385.532	719.002	528.259	3.543.394
7	1.257.868	138.112	322.520	657.824	437.744	2.814.068
8	999.462	103.629	292.190	644.783	394.913	2.434.977
9	719.328	64.917	260.166	628.403	349.166	2.021.980
10	450.866	27.881	229.730	613.642	305.685	1.627.804
11	543.952	38.728	264.052	699.881	354.718	1.901.331
12	605.486	42.515	294.038	783.834	397.554	2.123.427
13	973.961	86.792	380.808	961.442	521.512	2.924.515
14	745.862	48.877	368.862	993.276	504.502	2.661.379
15	859.265	60.342	411.432	912.447	466.260	2.915.466
16	227.170	—	326.984	938.294	354.621	1.847.069
17	—	—	212.902	913.664	291.645	1.418.211
18	—	—	71.844	740.087	—	811.931
19	—	—	—	392.253	—	392.253
20	—	—	—	—	—	—
Total	15.445.801	1.601.363	5.094.816	13.167.000	7.086.732	42.395.712

duzindo a população a péssimas situações sociais. Deixar de investir em obra urbana racional para investir nas condições atuais não se justifica.

Investimentos e financiamento

Não é função dos arquitetos preparar planos financeiros. Quisemos apenas examinar a viabilidade da solução proposta e para isso organizamos os quadros anexos. São números aproximados, mas indicam, a nosso ver, com suficiente clareza, que o empreendimento não oferece nenhuma dificuldade insuperável do ponto de vista econômico.

Seria conveniente lembrar que os investimentos considerados são apenas parcela muito pequena do investimento nacional a ser feito nos próximos anos.

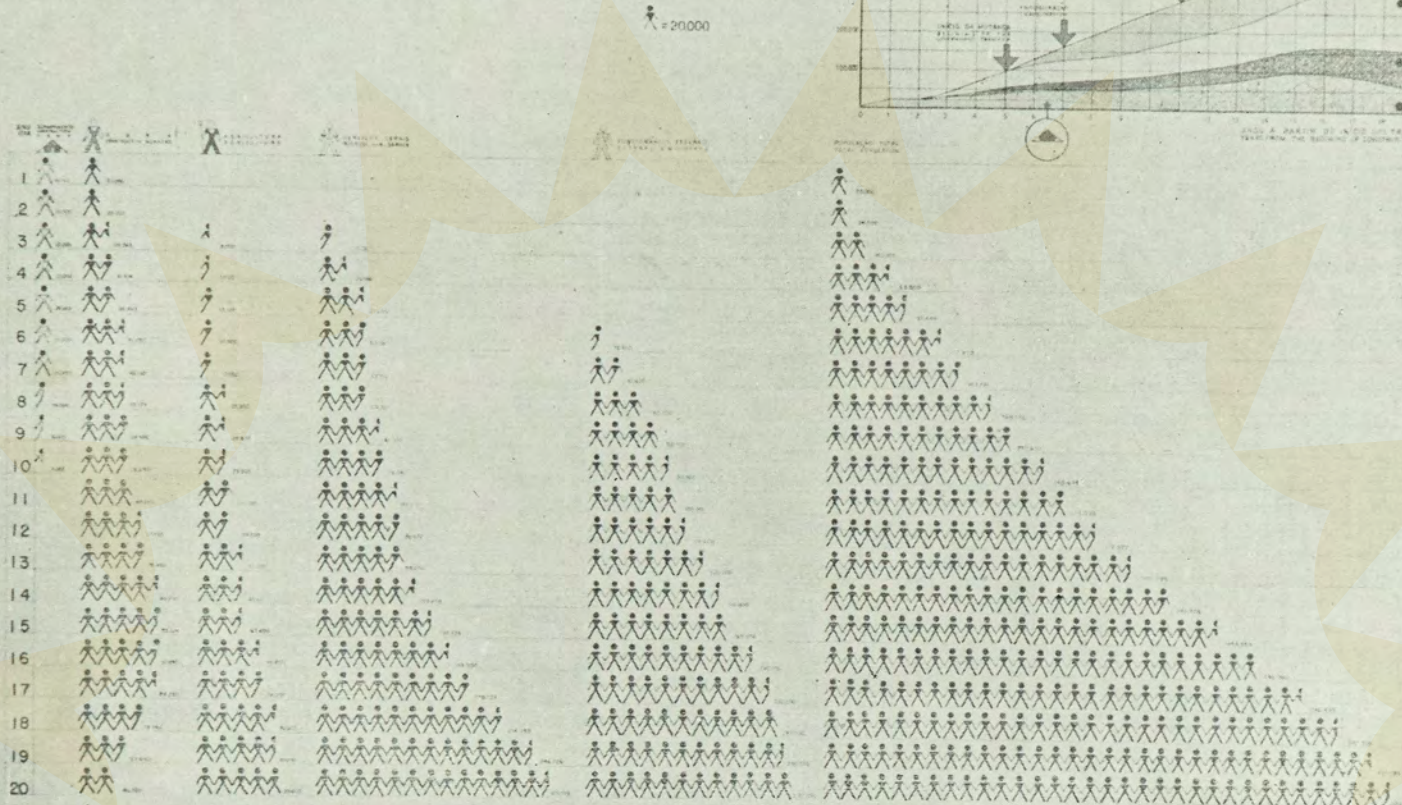
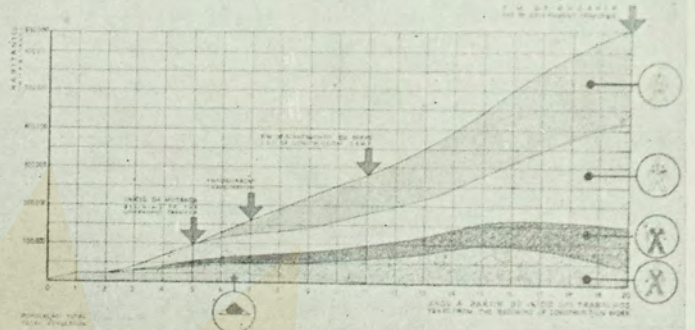
Os investimentos considerados nos nossos cálculos estão indicados no quadro I.

Para a hipótese de crescimento rápido (terminação em 20 anos), o financiamento anual necessário, de acordo com o crescimento planejado, seria o indicado no quadro II e demonstrado nas tabelas 1 e 5.

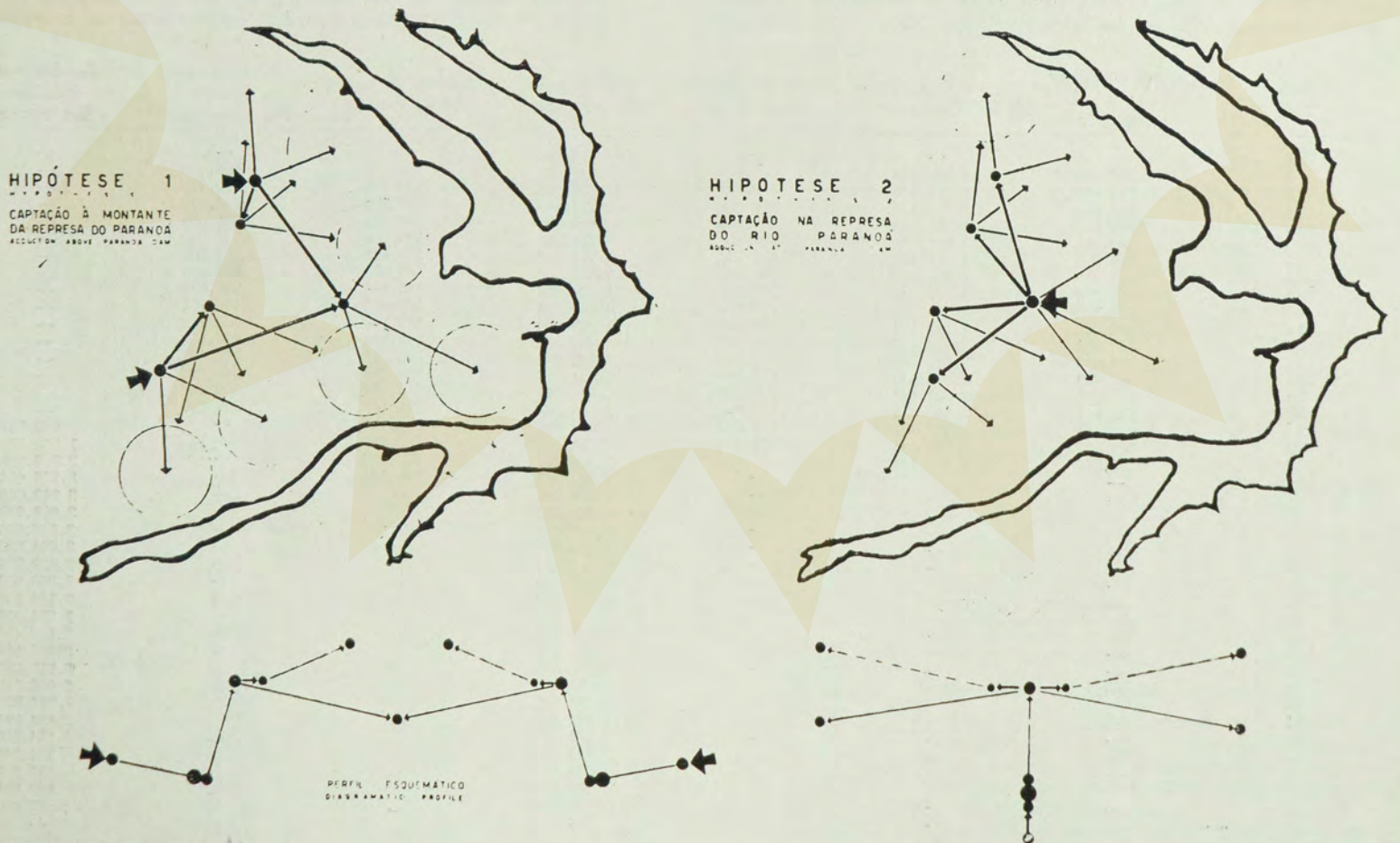
NC

FORMAÇÃO DA CAPITAL E DA ÁREA DO DISTRITO FEDERAL
DEVELOPMENT OF THE CAPITAL AND FEDERAL DISTRICT

CRESCIMENTO PREVISTO PARA A POPULAÇÃO - POPULATION GROWTH
HIPÓTESE DE CRESCIMENTO ACCELERADO - ACCELERATED GROWTH HYPOTHESIS



PRANCHA N.º 20 — Crescimento previsto para a população — Hipótese de crescimento acelerado.



PRANCHA N.º 29 — Abastecimento de água.

Base de cálculo de financiamentos imobiliários

Nos últimos 10 anos verificou-se uma desvalorização anual média de 12% no valor do dinheiro. Levando em conta essa desvalorização, um financiamento com juro de 12%, amortizado pelo sistema "Tabela Price", teria dado ao financiador um prejuízo de aproximadamente 10%. Um empréstimo de 8% daria mais de 20% de prejuízos, como se vê no quadro seguinte (números aproximados).

Ano	Desvalorização do dinheiro	Valor real das amortizações de um empréstimo de Cr\$ 100.000.000 com prazo de 10 anos	
		α 8%	α 12%
0	100	14.54	17.216
1	88	12.810	15.150
2	77.4	11.260	13.330
3	68.1	9.920	11.730
4	59.9	8.730	10.310
5	52.7	7.675	9.070
6	46.4	6.760	7.990
7	40.8	5.940	7.010
8	35.9	5.225	6.180
9	31.9	4.600	5.540
10	27.4	3.990	4.720
Total recebido ..	—	76.910	90.930

Usualmente, para compensar êsse prejuízo e obter lucro, aumenta-se o preço do m² de obra financiada, o qual é vendido com enorme acréscimo sobre o custo da construção. Preferimos não fazer previsões sobre a desvalorização da moeda e adotar um sistema em que o cálculo é feito como se não houvesse alteração de valores. As alterações que se verificarem serão compensadas de acordo com uma cláusula de reajustamento nos contratos. Dessa maneira um juro de 5%, juro

real, deverá oferecer amplo atrativo à inversão de grandes capitais a longo prazo. As tabelas seguintes foram calculadas nessa base: juro de 5%, prazo de 20 anos. A cláusula de reajustamento seria aplicada da maneira pela qual já vem sendo usada nos contratos de obras públicas. Dessa maneira eliminar-se-ia o risco e a consequente especulação. Feito nessa base o financiamento, deixa a compra de casa e terreno de ser um jogo, uma especulação. Só se interessará por ela quem quiser casa para uso próprio, e não para revender. Por outro lado, as entidades construtoras poderão adotar um preço por m² que corresponda realmente ao custo, e ainda ter um rendimento certo e compensador, sem os riscos da especulação. A Cia. Urbanizadora venderia às entidades construtoras, (Institutos, Cias. de quotas de participação, Cias. de Seguros, etc.), áreas completas: setores urbanos, zonas comerciais, etc., assumindo a compradora a obrigação de construir os prédios de acordo com o Plano Diretor da cidade, dentro do prazo estudado. O pagamento do terreno seria feito à medida que os prédios fôssem sendo vendidos, no pagamento da primeira amortização. Por outro lado, a Cia. Urbanizadora obrigaria-se a entregar as obras de arruamento e serviços de utilização pública, na época precisa. As tabelas seguintes, 1 e 2, mostram o financiamento anual necessário para a edificação dos prédios de residências, comerciais e serviços privados.

Notas sobre a Tabela 1

O preço de cada unidade de habitação foi calculado na seguinte base:

Obra	Cr\$ 320.000,00
Terreno	Cr\$ 50.000,00
Margem de venda	Cr\$ 30.000,00
Preço	Cr\$ 400.000,00

A amortização mensal, para juro de 5% e 20 anos de prazo, seria de Cr\$ 2 639,824, o que representa pouco mais de 25% da renda familiar média estimada para a população. Supondo 80 m² para cada unidade, o preço médio de venda seria de Cr\$ 5 000,00 por m², o que se justifica em face das economias possíveis com a construção em massa, e em bases organizadas. O preço médio do m² de terreno residencial urbano obtido pela Cia. Urbanizadora seria de aproximadamente Cr\$ 250,00 e o preço médio do terreno agrícola de Cr\$ 3 520,00 por Ha.

Notas sobre a Tabela 2

O preço de venda por m² para construções comerciais seria de Cr\$ 8 000,00, contando-se como preço de obra: Cr\$ 6 000,00 por m²; preço do terreno: Cr\$ 1 000,00 por m²; e margem de venda: Cr\$ 1 000,00 por m². A amortização far-se-ia na mesma base anterior: 5% em 20 anos.

Obras da Cia. Urbanizadora

O financiamento das obras da Cia. Urbanizadora seria feito, com base na venda de terrenos, para as obras de urbanização, e por meio da venda de ações, quotas, etc., para formação do capital das autarquias de serviços públicos. Seria igualmente possível dar êsses serviços em concessão, correndo todo o financiamento por conta do concessionário. Calculou-se um rendimento líquido anual de 5% para o capital investido. O financiamento anual necessário está indicado na Tabela 3.

TABELA I
Financiamento necessário para a edificação de residências - Capital a ser levantado pelas entidades construtoras - Milhares de cruzeiros

Ano Year	m² a construir Sq m of construction	Custo das obras Building costs	Custo do terreno Land costs
1	—	—	—
2	320.000	1.280.000	200.000
3	377.600	1.510.400	236.000
4	445.568	1.782.272	278.480
5	502.896	2.011.584	314.310
6	550.432	2.201.728	344.020
7	593.600	2.014.400	314.750
8	493.616	1.974.464	308.510
9	481.072	1.924.288	300.670
10	469.776	1.879.104	293.610
11	535.792	2.143.168	334.870
12	600.064	2.400.256	375.040
13	736.032	2.944.128	460.020
14	760.400	3.041.600	475.250
15	851.632	3.406.528	532.270
16	794.864	3.179.456	496.790
17	699.456	2.797.824	437.160
18	566.576	2.266.304	354.110
19	390.624	1.562.496	244.140
20	—	—	—
21	—	—	—
22	—	—	—
23	—	—	—
24	—	—	—
25	—	—	—
26	—	—	—
27	—	—	—
28	—	—	—
29	—	—	—
30	—	—	—
31	—	—	—
32	—	—	—
33	—	—	—
34	—	—	—
35	—	—	—
36	—	—	—
37	—	—	—
38	—	—	—
39	—	—	—
40	—	—	—
TOTAL	10.080.000	40.320.000	6.350.000

TABLE I
Financing needed for the building of houses — Capital to be raised by the contracting agencies — Thousands of cruzeiros

Amortização Amortization	Margem de venda Sales margin	Investimento líquido Net investment	Rendimento líquido Net return
—	—	—	—
—	—	1.480.000	—
126.000	120.000	1.500.000	—
274.680	141.600	1.644.472	—
450.122	167.088	1.708.684	—
648.137	188.586	1.709.025	—
864.870	206.412	1.257.868	—
1.094.662	188.850	999.462	—
1.320.524	185.106	719.328	—
1.541.446	180.402	450.866	—
1.757.920	176.166	543.952	—
1.968.888	200.922	605.486	—
2.205.163	225.024	973.961	—
2.494.976	276.012	745.262	—
2.794.383	285.150	859.265	—
3.129.714	319.362	227.170	—
3.442.691	298.074	—	605.781
3.718.102	262.296	—	1.359.984
3.941.191	212.466	—	3.827.021
3.969.000	146.484	—	3.995.484
3.969.000	—	—	3.969.000
3.843.000	—	—	3.843.000
3.694.320	—	—	3.694.320
3.518.878	—	—	3.518.878
3.320.863	—	—	3.320.863
3.104.130	—	—	3.104.130
2.874.338	—	—	2.874.338
2.648.476	—	—	2.648.476
2.427.554	—	—	2.427.554
2.211.080	—	—	2.211.080
2.000.112	—	—	2.000.112
1.763.837	—	—	1.763.837
1.474.024	—	—	1.474.024
1.174.617	—	—	1.174.617
839.286	—	—	839.286
526.309	—	—	526.309
250.898	—	—	250.898
27.809	—	—	27.809
—	—	—	—
TOTAL	3.780.000	15.445.801	53.425.801

TABELA II

Financiamento necessário para edificação de zonas comerciais (centro de vizinhança, centro de setor e cores) a ser levantado pelas entidades construtoras em milhares de cruzeiros

Ano Year	m ² a construir Sq m of construction	Custo das obras Building costs	Custo do terreno Land costs	Margem de venda Sales margin	Amortização Amortization	Investimento líquido Net investment	Rendimento líquido Net return
1	—	—	—	—	—	—	—
2	280.000	168.000	28.000	—	—	196.000	—
3	33.040	198.240	33.040	28.000	17.800	185.480	—
4	38.987	233.922	38.987	33.040	38.804	201.065	—
5	44.003	264.018	44.003	38.987	63.589	205.445	—
6	48.163	288.978	48.163	44.003	91.562	201.576	—
7	44.065	264.390	44.065	48.163	122.180	138.112	—
8	43.191	259.146	43.191	44.065	154.643	103.629	—
9	42.094	252.564	42.094	43.191	186.550	64.917	—
10	41.105	246.630	41.105	42.094	217.760	27.881	—
11	46.882	281.292	46.882	41.105	248.341	38.728	—
12	52.506	315.036	52.506	46.882	278.145	42.515	—
13	64.403	386.418	64.403	52.506	311.523	86.792	—
14	66.535	399.210	66.535	64.403	352.465	48.877	—
15	74.518	447.108	74.518	66.535	394.762	60.346	—
16	69.551	417.306	69.551	74.518	442.134	—	29.796
17	61.202	367.212	61.202	69.551	486.349	—	127.486
18	49.575	297.450	49.575	61.202	525.256	—	239.433
19	34.180	205.080	34.180	49.575	556.772	—	367.087
20	—	—	—	34.180	560.700	—	594.880
21	—	—	—	—	560.700	—	560.700
22	—	—	—	—	560.700	—	560.700
23	—	—	—	—	542.900	—	542.900
24	—	—	—	—	521.896	—	521.896
25	—	—	—	—	497.111	—	497.111
26	—	—	—	—	469.138	—	469.138
27	—	—	—	—	438.520	—	438.520
28	—	—	—	—	406.057	—	406.057
29	—	—	—	—	374.150	—	374.150
30	—	—	—	—	342.940	—	342.940
31	—	—	—	—	312.359	—	312.359
32	—	—	—	—	282.555	—	282.555
33	—	—	—	—	249.177	—	249.177
34	—	—	—	—	208.235	—	208.235
35	—	—	—	—	165.938	—	165.938
36	—	—	—	—	118.566	—	118.566
37	—	—	—	—	74.351	—	74.351
38	—	—	—	—	35.444	—	35.444
39	—	—	—	—	3.928	—	3.928
40	—	—	—	—	—	—	—
TOTAL	882.000	5.292.000	882.000	882.000	11.214.000	1.601.363	7.523.346

TABLE II

Financing needed for the building of commercial zones (Neighborhood centers, sector centers, and cores) to be raised by the contracting agencies — in thousands of cruzeiros

TABELA III

Financiamento necessário para obras de urbanização e serviços de utilidade pública. Capital a ser levantado em Milhares de Cr\$

TABLE III

Financing needed for urbanization work and public utilities. Capital to be raised in thousands of cruzeiros

Ano Year	Custo das obras Construction costs	Renda da venda dos terrenos Land sales	Capital a integralizar Capital to be raised	Capital acumulado Capital acc.	Rendimento bruto Gross return	Investimento líquido Net investment
1	—	—	—	—	—	—
2	228.000	228.000	280.000	280.000	14.000	266.000
3	269.040	269.040	270.400	610.400	30.520	299.880
4	317.467	317.467	389.872	1.000.272	50.014	339.858
5	358.313	358.313	440.034	1.500.206	72.016	368.018
6	392.183	392.183	481.628	1.921.934	96.096	385.532
7	358.815	358.815	440.650	2.362.584	118.130	322.520
8	351.701	351.701	431.914	2.794.408	139.724	292.190
9	342.764	342.764	420.938	3.215.436	160.772	260.166
10	334.715	334.715	411.054	3.626.490	181.324	229.730
11	381.752	381.752	468.818	4.095.308	204.766	264.052
12	427.546	427.546	525.056	4.620.364	231.018	294.038
13	524.423	524.423	644.028	5.264.392	263.220	380.808
14	541.785	541.785	665.350	5.929.742	296.488	368.862
15	606.788	606.788	645.198	6.674.920	333.746	411.432
16	566.341	566.341	695.506	7.370.426	368.522	326.994
17	498.362	498.362	612.024	7.982.450	399.122	212.902
18	403.685	403.685	495.754	8.478.204	423.910	71.844
19	278.320	278.320	341.796	8.820.000	441.000	—
20	—	—	—	—	—	—
TOTAL	7.182.000	7.182.000	8.820.000	—	—	5.094.816

Notas sobre a Tabela 3

Despesas totais da Cia. Urbanizadora ou Governo local em milhares de cruzeiros.

	Despesa direta	Capital da empresa
Prédios e instalações	4 356.000	—
Urbanização (pavimentação urbana, praças, jardins, parques, etc.)	1 000.000	—
Energia elétrica (subestação e distribuição domiciliar)	—	2.400.000
Águas e esgotos	1.526.000	4 000.000
Monorail	—	2.000.000
Calçadas mecânicas	300.000	—
Telefone	—	420.000
TOTAL	7.182.000	8.820.000

Despesas do Governo Federal

As despesas do Governo Federal poderão ser incluídas no orçamento federal, distribuídas pelos diferentes departamentos a que correspondem, ou em fundo especial, sem que venham a pesar demasiadamente. A Tabela 4 indica a importância anual necessária.

Notas sobre a Tabela 4

Despesas do Governo Federal em milhares de cruzeiros.

Prédios	9.450.000
Urbanização de áreas federais	200.000
E. Elétrica (distribuição em áreas federais)	300.000
Estradas de rodagem	2.000.000
Aeroporto	400.000
Instalações militares	400.000
Telegrafo e Telefone	50.000
Acampamento de obras	367.000
TOTAL	13.167.000

Despesas de natureza privada

Além das despesas financiáveis já indicadas, completamos o cálculo com uma avaliação das despesas de natureza privada, para que se possa ter uma ideia do total de investimentos necessários.

A Tabela 5 indica as despesas anuais previstas, de entidades particulares e o financiamento necessário. Foi estimado um rendimento anual líquido de 5% do capital investido.

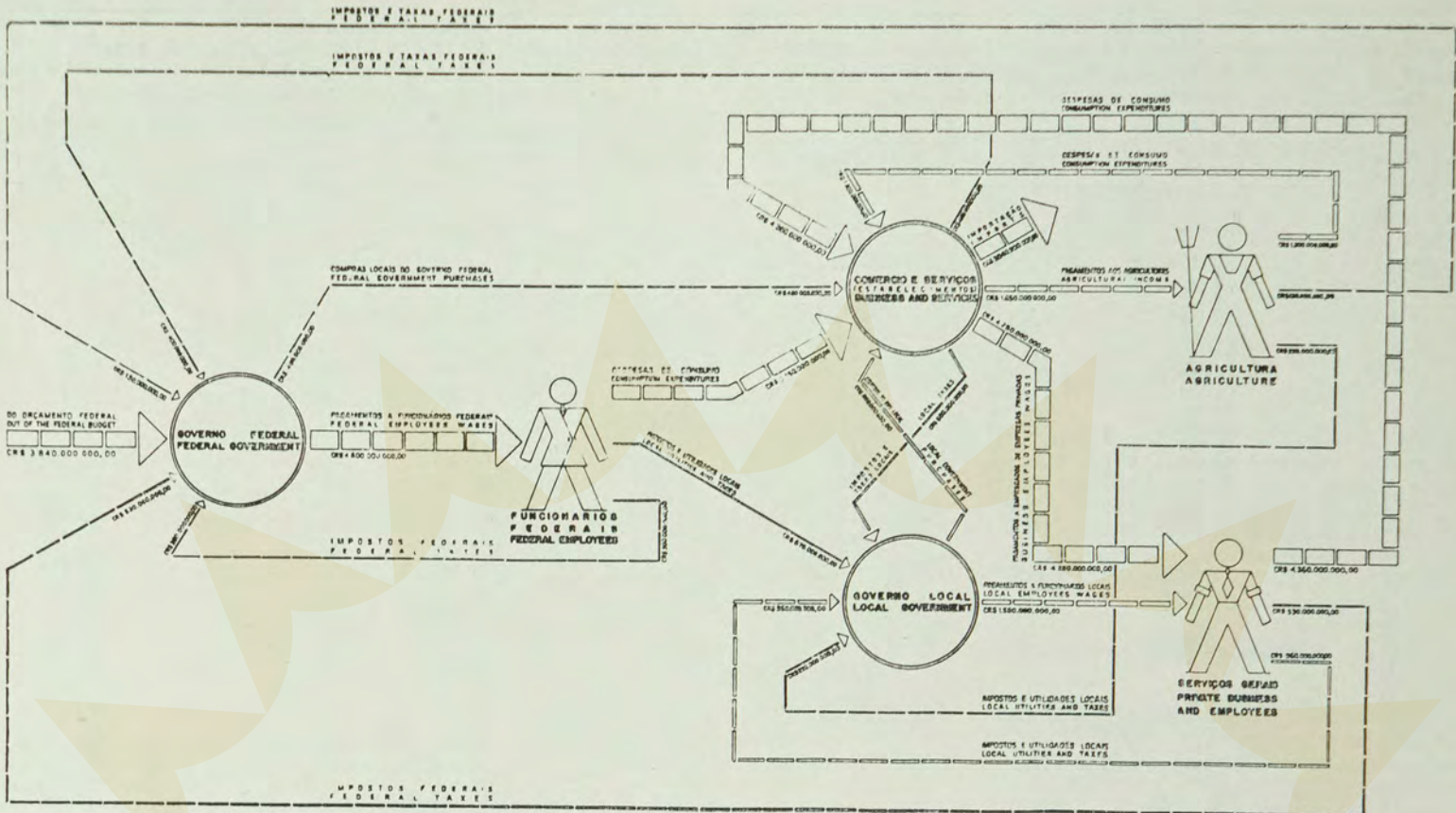
TABELA IV

Despesas do Governo Federal para obras em milhares de cruzeiros

TABLE IV

Federal Government expenses for construction work in thousands cruzeiros

Ano Year	m ² de obras de prédios Sq m of building	Custo das obras de prédios Building costs	Custo de obras diversas Other construction costs	Despesa total Total expense
1	—	300.000	118.000	418.000
2	50.000	—	418.000	418.000
3	59.000	354.000	139.240	493.240
4	69.620	417.720	164.303	582.023
5	78.577	471.462	185.443	656.905
6	86.005	516.030	202.972	719.002
7	78.687	472.122	185.702	657.824
8	77.127	462.762	182.021	644.783
9	75.168	451.008	1771.395	628.403
10	73.402	440.412	173.230	613.642
11	83.718	502.308	197.573	699.881
12	93.760	562.560	221.274	783.834
13	115.005	690.030	271.412	961.442
14	118.813	712.878	280.398	993.276
15	133.068	798.408	114.039	912.447
16	124.198	745.188	193.106	938.298
17	109.290	655.740	257.924	913.664
18	88.527	531.162	208.925	740.087
19	61.035	366.210	26.043	392.253
20	—	—	—	—
TOTAL	1.575.000	9.450.000	3.717.000	13.167.000



PRANCHA N.º 24 — Equilíbrio econômico da população do Distrito Federal.

O gráfico mostra, de maneira simplificada, como todos os grupos econômicos da coletividade podem ter uma renda equilibrada se as suas proporções dentro da população forem corretamente determinadas. Tomou-se para base de cálculo um salário médio anual de 60.000 cruzeiros e uma importação média de 30.000 cruzeiros por ano e por família.

TABELA V				TABLE V		
Financiamento de despesas de entidades particulares em milhares de cruzeiros				Financing needed for private expenses, in thousands of cruzeiros		
Ano Year	Investimento bruto Gross investment	Investimento acumulado Accumulated investment	Rendimento Return	Investimento líquido Net investment	Rendimento líquido Net return	
1	200.000	200.000	10.000	190.000	—	
2	500.000	700.000	35.000	465.000	—	
3	572.000	1.272.000	63.000	508.400	—	
4	606.960	1.878.960	93.948	513.512	—	
5	628.620	2.507.580	125.379	503.241	—	
6	688.040	3.195.620	159.781	528.259	—	
7	629.500	3.825.120	191.756	437.744	—	
8	617.020	4.442.140	222.107	394.913	—	
9	601.340	5.043.480	252.174	349.166	—	
10	587.220	5.630.700	281.535	305.685	—	
11	669.740	6.300.440	315.022	354.718	—	
12	750.080	7.050.520	352.526	397.554	—	
13	920.040	7.970.560	398.528	521.512	—	
14	950.500	8.921.060	446.053	504.502	—	
15	964.540	9.885.600	498.280	466.260	—	
16	893.580	10.779.180	538.959	354.612	—	
17	874.320	11.653.500	582.675	291.645	—	
18	558.220	12.211.720	610.586	—	52.366	
19	388.280	12.600.000	630.000	—	241.720	
20	—	—	630.000	—	630.000	
TOTAL ...	12.600.000	—	—	7.086.732	—	

Notas sobre a Tabela 5

Despesas de entidades privadas em milhares de cruzeiros.

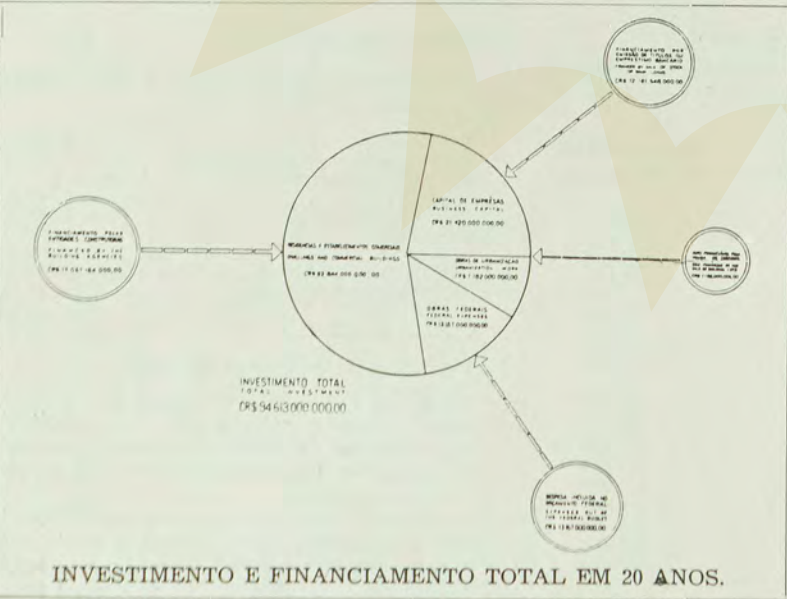
Estrada de ferro	600.000
Estabelecimentos agrícolas	3.520.000
Estabelecimentos comerciais	6.180.000
Igrejas	2.300.000
TOTAL	12.600.000

A Economia do Distrito Federal

A composição estudada para a população, os serviços disponíveis, e outros elementos do Plano, foram determinados considerando a necessidade de conseguir um equilíbrio econômico na região, e um nível de vida satisfatório para todos os grupos econômicos. É preciso observar que o orçamento doméstico do morador da Capital ficará aliviado de importantes parcelas. Pagará muito menos pela casa, quase nada pelo transporte e terá abastecimento local de todos os gêneros alimentícios. Dêsse modo haverá mais dinheiro para gastar em bens de consumo, podendo-se esperar um nível de vida bem mais elevado que o atual. A Prancha 24 demonstra gráficamente a distribuição de rendas dos diferentes grupos.

Determinação da capacidade de abastecimento e áreas necessárias à produção de alimentos

A determinação da capacidade de abastecimento, foi baseada em uma dieta de 14 760 calorias para uma família de 5 pessoas. A partir desta dieta determinou-se qual a área necessária à produção dos alimentos para uma pessoa, descontando-se naturalmente a área correspondente aos alimentos que não podem ou não convém serem produzidos na região. Verifica-se que a região é autosuficiente sob o ponto de vista alimentar, mesmo que toda a produção agrícola da área trabalhe sob um rendimento mínimo, o que não é de esperar. Portanto, ocorrerá sempre um excedente alimentar que poderá ser industrializado, diminuindo o custo da alimentação.





PRANCHA N.º 21 — Etapas de crescimento. Hipótese de crescimento acelerado.

Baseada na área de cultivo disponível na região, e na área necessária à produção de alimentos para um indivíduo, foi determinada a população máxima admissível, que é da ordem de 805 494 habitantes.

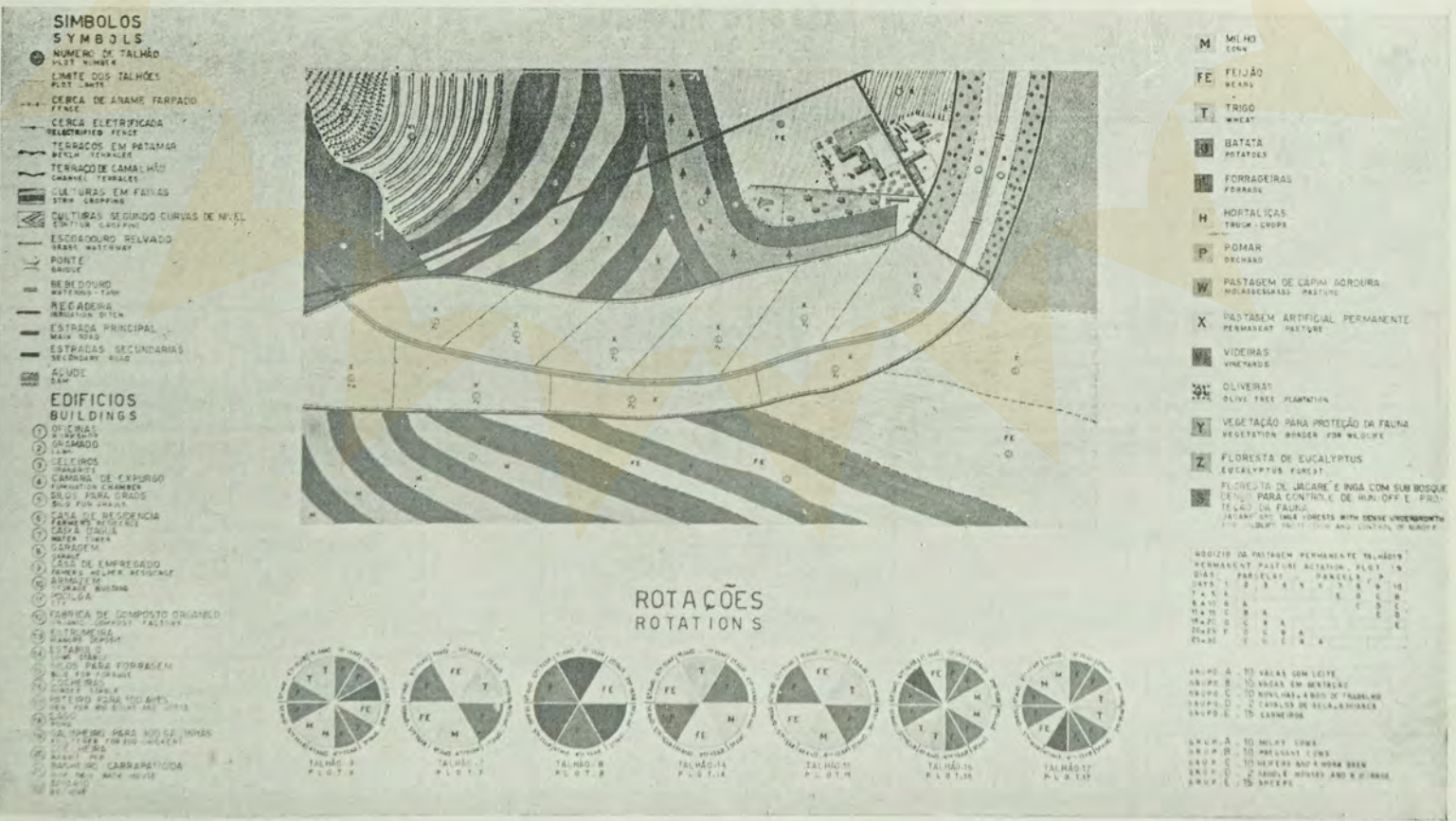
Estabelecimentos agrícolas

Para que seja viável o Plano é necessário que não se abandone a zona rural à rotina

tradicional. O cuidado que deverá ser demonstrado na organização das zonas urbanas também é necessário para a organização rural. De acordo com o mapa de divisão mínima da terra e o da distribuição das culturas determinam-se os tipos e as quantidades de estabelecimentos agrícolas. Os estabelecimentos

podem ser grupados em oito diferentes classes de acordo, não só com o tipo de atividade agrícola, mas também com a área de divisão mínima recomendada para a zona. Portanto, na região do Distrito Federal poderão existir, no máximo, 16 452 estabelecimentos agrícolas, respeitadas as proporções assinaladas na Prancha 26 A.

PRANCHA N.º 26-B — Planejamento agrícola. Fazenda modelo tipo E 50 ha. Planta das culturas.



Fazenda Modelo

A Prancha 26 B apresenta um anteprojeto de um estabelecimento agrícola do tipo E, com uma área de 50 Ha, isto é, 2 e meia vezes a área agrícola mínima para a zona. Este estabelecimento deverá ser mantido por duas famílias, cada uma de cinco pessoas. O estabelecimento é de tipo misto, havendo não só agricultura mas também pecuária, sendo a produção de leite uma das atividades principais.

As culturas principais serão as de trigo, feijão, milho e uvas. As secundárias: batatas, azeitonas, legumes e frutas diversas. A produção de leite será obtida por meio de 20 vacas leiteiras. O restante dos animais de grande porte é constituído por 10 novilhas, 1 touro, 4 bois de trabalho, 2 cavalos de sela e 6 muares. Além do gado haverá: um galinheiro tipo casa-colônia para 300 aves; um pátio para 100 marrecos e patos; uma poço para 20 animais; um apiário; uma coelheira para 50 coelhos e um rebanho de 15 carneiros para a produção de carne.

A alimentação de todos os animais de pequeno porte será obtida na própria fazenda. Os animais de grande porte e os carneiros serão alimentados por meio de pastagens permanente e suplementada por meio de forragem, quando recolhidos aos estábulos ao fim de cada dia. O sistema de utilização da pastagem permanente está na tabela que aparece na legenda da Prancha. Pelo sistema adotado, cada parcela de pasto terá um descanso de 25 dias antes de ser submetida novamente ao pastoreio, uma vez que cada grupo de animais só permanecerá em uma dada parcela pelo prazo máximo de 5 dias. Caso haja um decréscimo brusco na produtividade da pastagem permanente, poderá ser utilizada a pastagem de capim gordura, normalmente não sujeita ao apascentamento.

A alimentação dos animais de pequeno porte, respeitadas as características próprias, e a suplementação dos de grande porte serão feitas por meio das forragens ensiladas, o que evitará sejam os animais prejudicados por qualquer flutuação na produção dos alimentos.

As rotações das culturas acham-se indicadas nos círculos diretores situados ao pé da prancha. Foi planejado o sistema de rotações para 6 anos consecutivos, findo os quais deverão as fases ser repetidas na mesma ordem. As práticas para conservação do solo e da água acham-se representadas no próprio corpo da planta. Não foram indicados os sistemas de fertilização, por dependerem os mesmos de estudos mais detalhados dos solos ocorrentes.

Forem previstos celeiros e silos para a armazenagem das colheitas de grãos, quer para venda, quer para o consumo interno, assim como as demais instalações necessárias à vida do estabelecimento.

O anteprojeto prevê a necessidade de um trator de tipo médio e respectivos implementos, além dos 4 bois de trabalho, destinados aos trabalhos de aração e outros mistérios. A Prancha 26 C suplementa-a em análise indicando o sistema de irrigação a ser adotado e também os tipos de solos que ocorrem na fazenda.

Serviços de utilidade pública

Não seria possível, num estudo preliminar, avançar muito em considerações sobre os serviços de utilidade pública da Nova Capital. Limitamo-nos a uma indicação de como seriam as linhas gerais desses serviços para o esquema urbano proposto.

Para os transportes, a solução indicada já foi exposta quando tratamos da Unidade Urbana. Para a energia elétrica, como não oferecerá maiores problemas em relação ao esquema adotado, limitamo-nos a indicar as necessidades calculadas e as etapas de crescimento, o que está exposto nas Pranchas 27 e 28. Tomamos uma base de cálculo de 200 watts de capacidade instalada por habitante. Quanto à localização das fontes de energia, seria prematuro opinar antes de estudos mais completos.

A utilização de gás, e a forma de sua distribuição, não podem ser decididos sem estudos comparativos com o custo da energia elétrica. Em qualquer hipótese, não se utilizariam fábricas de gás e gazômetros, mas

gás liquefeito, e depósitos de alta pressão, os quais ocupariam um espaço reduzido, e seriam de fácil localização.

É preciso salientar que o custo de distribuição de utilidades nas Unidades Urbanas do tipo apresentado será consideravelmente inferior ao que se obteria com qualquer outro tipo de aglomeração urbana. A disposição radial e a densidade uniforme da população em toda área, permitirão o estabelecimento de redes com carga bem distribuída e de linhas extremamente curtas.

Abastecimento de água

O sistema proposto está exposto na Prancha 29 e descrito no relatório sobre problemas sanitários que está anexo. Procuramos mostrar como o esquema previsto para a Capital admite um sistema racional de abastecimento, capaz de crescer por etapas completas, garantindo a cada momento um abastecimento adequado, sem investimento excessivo de capital em obras de utilidade remota.

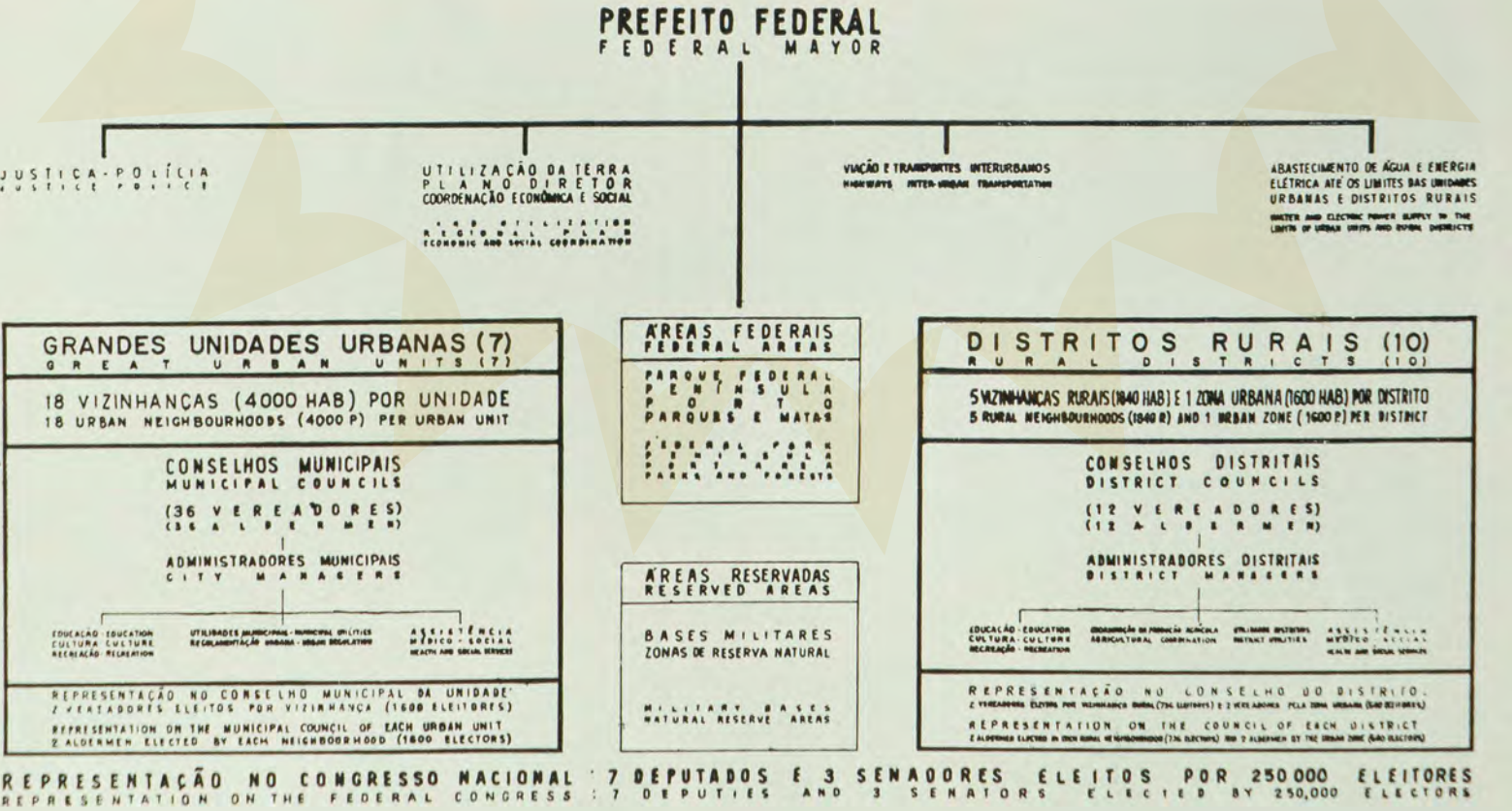
A área da captação a oeste da Capital é suficiente para o seu abastecimento, sendo porém, necessário um reservatório de regularização. O abastecimento das Zonas Urbanas dos Distritos Rurais não oferecerá nenhum problema, e quanto à água para agricultura será obtida diretamente dos rios, ou através de açudes individuais ou comunais.

Esgotos

Para o esgotamento pluvial procurou-se um sistema que reduzisse as descargas nas áreas urbanas e impedisse maior poluição e contaminação das águas da represa. Para isso, estabeleceu-se um sistema de canais de cintura, coletores das águas recolhidas por interceptores a montante das Unidades Urbanas, e por redes de águas pluviais, e que desaguiariam junto à barragem ou a jusante da mesma.

Quanto às obras referentes ao esgotamento sanitário já estão fixadas pela Cia. Urbanizadora as linhas gerais do destino desses esgotos, que serão transportados em sifão invertido à outra margem da represa, onde será feito o tratamento.

PRANCHA N.º 30 — Organização política e administrativa do Distrito Federal.

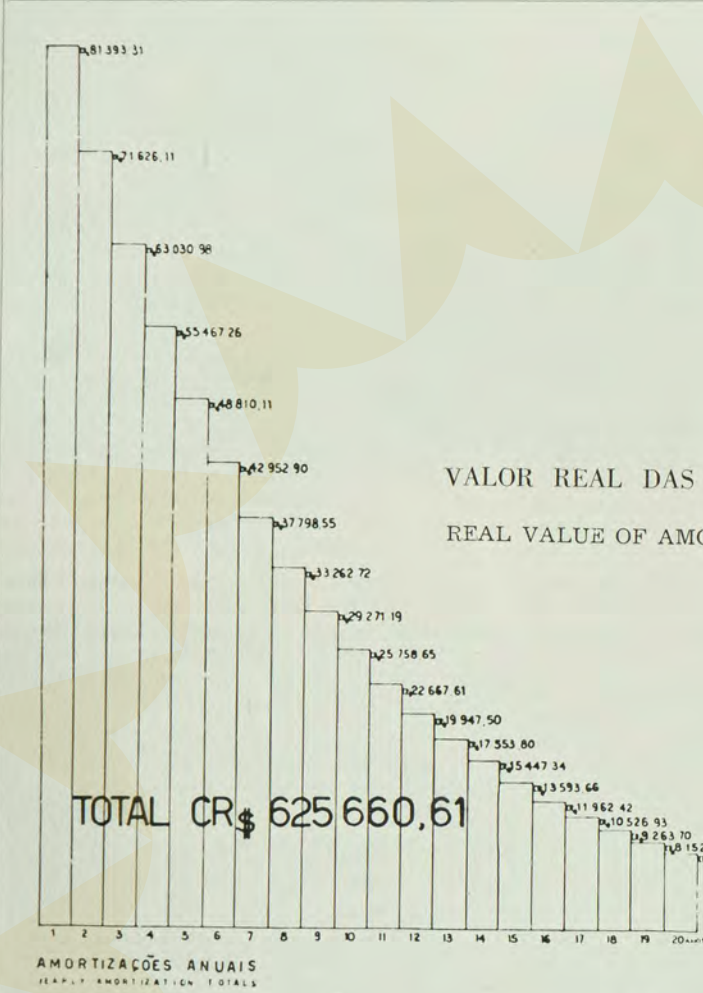


Organização Política e Administrativa

A maior parte dos defeitos políticos e administrativos das grandes cidades provém da apatia do eleitorado. Quem mora numa parte da cidade, trabalha noutra, diverte-se noutra, não tem o sentimento de pertencer a uma comunidade. Se esta situação se com-

bina com um sistema eleitoral em que o candidato representa um vasto território e não tem nenhuma ligação direta com uma vizinhança ou bairro, então temos tôdas as condições para um governo irresponsável. Para que seja possível um bom governo, é preciso prever uma organização política e

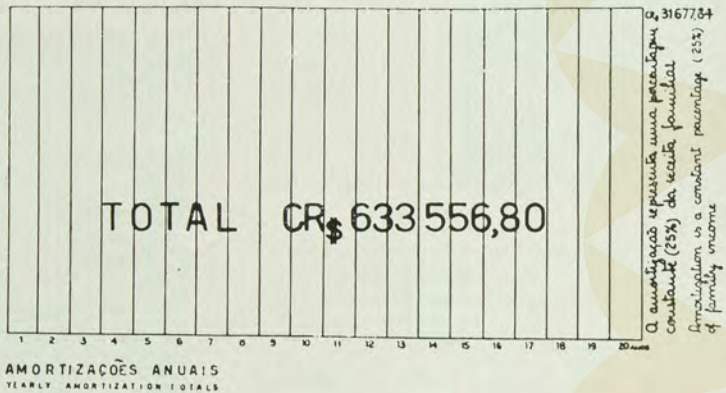
administrativa que corresponda ao Plano. A organização que julgamos apropriada está indicada na Prancha 30. Não sendo possível neste Plano descrevermos a detalhes de organização, juntamos apenas uma sugestão para a Lei Orgânica do Distrito Federal, a ser elaborada pelo Senado Federal.



FINANCIAMENTO DE UMA RESIDÊNCIA DE 80 M²

	Sistema usual	Sistema proposto
Custo da obra e terreno	Cr\$ 370.000,00	Cr\$ 370.000,00
Preço de venda da residência ..	Cr\$ 700.000,00	Cr\$ 400.000,00
Preço de venda do m ²	Cr\$ 8.750,00	Cr\$ 5.000,00
Empréstimo	Cr\$ 700.000,00	Cr\$ 400.000,00
Prazo em anos	20	20
Juro anual	12%	5%
Desvalorização da moeda	12% por ano	Compensada por reajustamento das amortizações
Valor real recebido pelo financiador	Cr\$ 625.660,61	Cr\$ 633.556,80
Lucro	Cr\$ 255.660,61	Cr\$ 263.556,80
Amortização mensal	Cr\$ 7.707,70	Cr\$ 2.639,82

VALOR REAL DAS AMORTIZAÇÕES RECEBIDAS PELO FINANCIADOR
REAL VALUE OF AMORTIZATION RECEIVED BY FINANCING AGENCY



FINANCIAMENTO IMOBILIÁRIO

Sugestões para a Lei Orgânica do Distrito Federal

I - Da organização do Distrito Federal

Art. — A área do Distrito Federal compreende:

- 1 — Áreas Federais, sob a administração direta de um Prefeito Federal.
- 2 — Unidades Urbanas, sob a administração de Conselhos Municipais.
- 3 — Distritos Rurais, sob a administração de Conselhos Distritais.

Art. — A localização e os limites das Áreas Federais, das Unidades Urbanas e dos Distritos Rurais serão fixados no Plano Diretor do Distrito Federal.

Art. — As Unidades Urbanas serão divididas em Vizinhanças Urbanas, e os Distritos Rurais em Zona Urbana e Vizinhanças Rurais, de acordo com o Plano Diretor.

II - Da administração do Distrito Federal

Art. — A Administração do Distrito Federal será exercida por um Prefeito Federal, Conselhos Municipais e Conselhos Distritais.

Art. — O Prefeito Federal será de nomeação do Presidente da República e demissível ad nutum.

Art. — Compete ao Prefeito Federal:

- 1 — A administração direta das Áreas Fe-

derais, de acordo com a legislação federal adotada.

2 — A administração dos serviços públicos na área do Distrito Federal compreendendo:

- a) Polícia
- b) Transportes coletivos que atravessem Áreas Federais.
- c) Abastecimento de energia elétrica, água e esgotos até os limites das Unidades Urbanas e Distritos Rurais, e em tôdas as áreas federais.

Art. — Os Conselhos Municipais serão constituídos por vereadores, na proporção de 2 para cada Vizinhança Urbana, e eleitos por períodos de 5 anos, coincidentes com o mandato do Presidente da República.

As Vizinhanças Urbanas que não atingirem 300 eleitores serão incluídas, para fins eleitorais, em outra vizinhança próxima. As Vizinhanças que tiverem entre 300 e 800 eleitores poderão eleger um vereador.

Art. — O Conselho Municipal nomeará um Administrador para dirigir os serviços públicos da Unidade Urbana, de acordo com a legislação adotada pelo Conselho Municipal, e respeitadas as normas gerais da Legislação estabelecida para o Distrito Federal.

Art. — Os Conselhos Distritais serão constituídos por vereadores na proporção de 1 para cada Vizinhança Rural que atingir 150 eleitores, 2 para cada Vizinhança Rural que

atingir 300 eleitores, 1 para a Zona Urbana que atingir 150 eleitores, e 2 para cada Zona Urbana que atingir 300 eleitores. Os vereadores serão eleitos por período de 5 anos, coincidentes com o mandato do Presidente da República.

Art. — O Conselho Distrital nomeará um administrador do Distrito Rural que dirigirá os serviços públicos locais de acordo com a legislação adotada pelo Conselho Distrital, respeitadas as normas gerais da legislação estabelecida para o Distrito Federal.

III - Do Plano Diretor

Art. — Para que se assegurem condições adequadas à população do Distrito Federal, a utilização das diferentes áreas que o constituem ficará subordinada a um Plano Diretor, o qual será elaborado pelo Prefeito Federal e submetido à aprovação do Senado.

Art. — A execução do Plano Diretor será da competência do Prefeito Federal, o qual deverá ser assessorado por uma Comissão do Plano Diretor.

Art. — Compete à Comissão do Plano Diretor sugerir as adaptações ou modificações de detalhes que se fizerem necessárias com a evolução do Distrito Federal, devendo essas modificações ser submetidas ao Senado pelo Prefeito Federal.

IV - Da receita e despesa do Distrito Federal

Art. — A administração das áreas Federais será custeada por verba incluída no orçamento do Governo Federal.

Art. — Os serviços públicos a cargo da administração do Distrito Federal serão organizados em entidades autárquicas.

Art. — A receita e despesa dos Governos das Unidades Urbanas e Distritos Rurais constarão de orçamentos anuais aprovados pelos respectivos Conselhos.

Art. — As receitas dos Governos das Unidades Urbanas e Distritos Rurais serão provenientes dos impostos, taxas e contribuições de qualquer natureza, que a Constituição atribue aos Estados e Municípios da União.

V - Disposições transitórias

Art. — A administração do Distrito Federal será exercida pela Cia. Urbanizadora até que o desenvolvimento do Distrito Federal justifique a extinção da Cia., a critério do Governo Federal.

Art. — A medida que forem sendo constituídas as Unidades Urbanas e Distritos Rurais, passará a sua administração para os Conselhos respectivos, desde que contem com um número de eleitores no mínimo igual a 2 700 para as Unidades e 650 para os Distritos.

Legislação

Para efetiva aplicação do Plano Diretor é indispensável uma lei federal que o sancione e determine o seu cumprimento. Apresentamos uma sugestão para a elaboração da lei. Trata-se apenas de uma sugestão esquemática. Não seria conveniente descer a detalhes nesta fase do planejamento.

Sugestões para Lei do Plano Diretor do Distrito Federal

Art. — O presente Plano Diretor, aprovado pelo Senado Federal, será administrado pelo Prefeito Federal, assessorado pela Comissão do Plano Diretor, como se dispõe na Lei Orgânica do Distrito Federal.

Art. — A utilização das terras do Distrito Federal obedecerá às indicações constantes das Plantas n.º a n.º que ficam incorporadas a presente Lei.

Art. — A área do Distrito Federal compreenderá as seguintes zonas:

- Zonas residenciais de Unidades Urbanas
- Zonas de Comércio e Serviços de Unidades Urbanas
- Zonas Urbanas de Distritos Rurais

- Zonas agrícolas
- Parque Federal
- Zonas de Serviços Especiais
- Zonas de parques e jardins
- Zonas de reserva natural e proteção de mananciais.

Art. — A utilização das diferentes zonas para fins econômicos assim como todas as construções e instalações dentro de suas áreas, ficam sujeitas às seguintes determinações:

- as zonas residenciais de Unidades Urbanas serão divididas em Vizinhanças, com uma área mínima de 200 000 m² e máxima de 300 000 m².
- A densidade máxima nas Vizinhanças Urbanas será de 350 hab/Ha e mínima de 100 hab/Ha.
- A instalação e o exercício de atividades econômicas nas zonas de Comércio e Serviços das Unidades Urbanas ficará restrito às que se enquadrem nas necessidades da população e para as quais exista mão-de-obra disponível. O tamanho das instalações deve ser compatível com as proporções do conjunto, previsto no Plano Diretor, e o seu aspecto arquitetônico deverá harmonizar-se com o caráter geral do centro onde se localizar.
- Nas Zonas Urbanas dos Distritos Rurais será permitida a construção residencial e de prédios para comércio e serviços, dentro de áreas determinadas pelo escritório do Plano Diretor.
- Nas Zonas Agrícolas o tamanho dos estabelecimentos deverá estar enquadrado nos limites previstos para cada região, e indicado na Planta.
- A natureza da exploração agrícola, e os métodos a serem empregados no cultivo serão objeto de estudo de Escritório do Plano Diretor, para que se verifique se são compatíveis com a natureza do solo local, e se satisfazem as necessidades econômicas da coletividade.

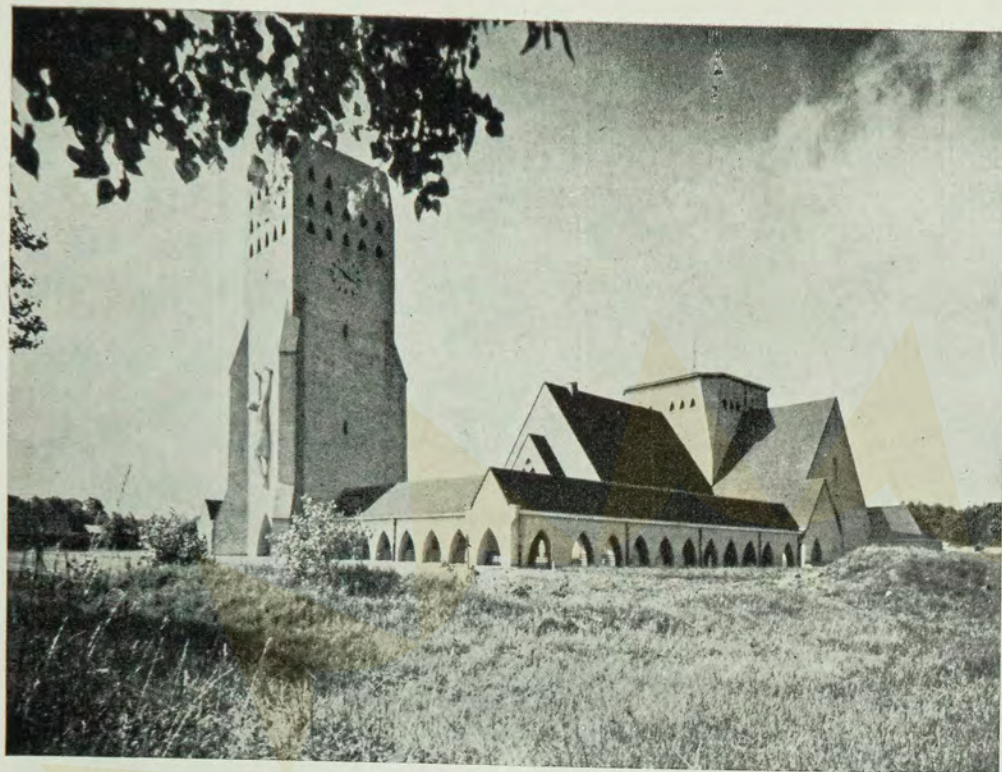
— A área do Parque Federal destina-se exclusivamente aos serviços Federais diretamente ligados à Presidência da República, Congresso e órgãos superiores do Poder Judiciário, aos monumentos nacionais e centros culturais de importância nacional.

- As zonas de serviços especiais destinam-se a serviços que por sua natureza exijam isolamento, tais como Penitenciária, Serviços industriais inconvenientes para vizinhança residencial, Hospital de isolamento, etc.
- Serão consideradas zonas de serviços especiais: as Bases militares, Aeroporto, o Porto ferroviário e rodoviário.
- As Zonas de Parques e Jardins destinam-se a uso público para recreações e esporte, e compreendem em particular: o Parque da Península, o Estádio Nacional, e os parques e jardins federais da área da Capital. Nas áreas de matas e parques, não será permitida nenhuma construção residencial ou comercial, devendo ser preservados os limites precisos de todas as zonas edificadas previstas no Plano.
- As Zonas de reserva natural e proteção de mananciais terão uso público restrito, mediante autorização da autoridade competente e obedecidos os regulamentos federais em vigor. Compreendem especialmente as matas de proteção de mananciais e os parques de caça. A exploração de recursos naturais dessas zonas, e do turismo, far-se-á pelas autoridades encarregadas de sua administração.
- O exame de projetos de obras pelo Escritório do Plano Diretor versará exclusivamente sobre a sua concordância com as diretrizes do Plano. A verificação de sua conformidade com o Código de Obras far-se-á por órgãos dos Governos locais.
- As densidades de população fixadas para as diferentes áreas serão as indicadas na tabela seguinte, estando a autorização de obras residenciais sujeita à enquadração da população provável dentro desses limites:

	Máxima	Mínima
Área total do Distrito Federal	250 hab/Km2	100 hab/Km2
Área da Capital	150 hab/Ha	50 hab/Ha
Unidades Urbanas	150 hab/Ha	100 hab/Ha
Vizinhanças Urbanas	350 hab/Ha	100 hab/Ha
Distritos Rurais	100 hab/Km2	40 hab/Km2
Zonas Urbanas dos Distritos Rurais	100 hab/Ha	50 hab/Ha
Vizinhanças Rurais	100 hab/Km2	30 hab/Km2

Art. — O Escritório do Plano Diretor deverá elaborar um código de Obras e um Código Urbano em que se fixem as condições

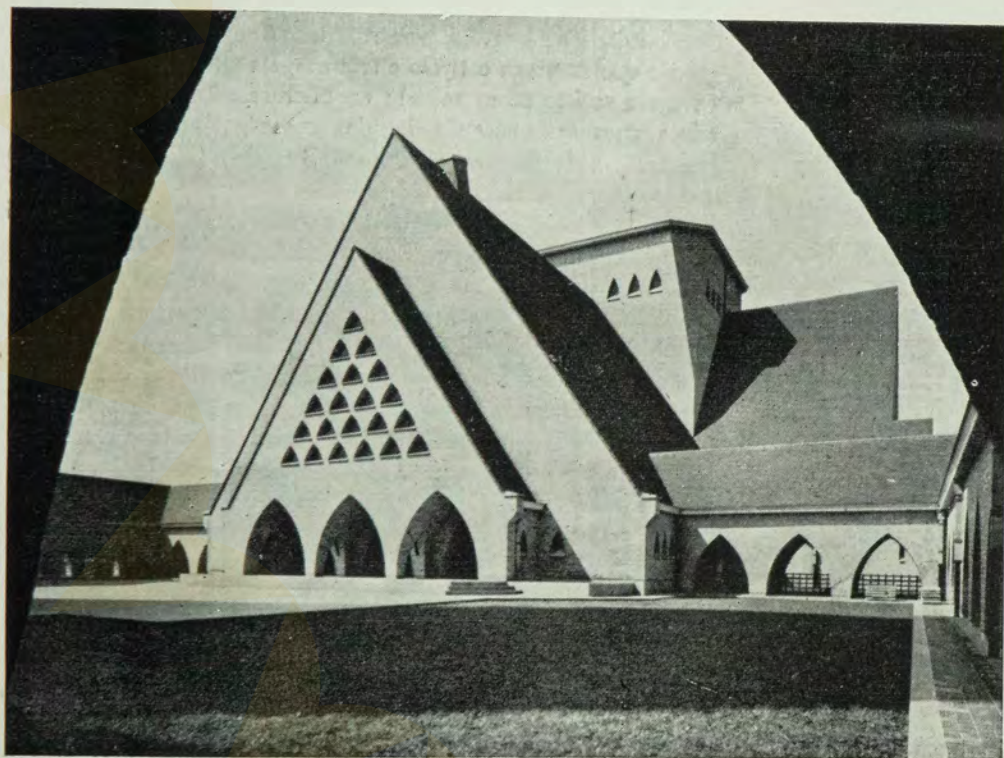
que devem satisfazer as construções e as condições de uso das vias e locais públicos, assim como as medidas destinadas a manter a boa aparência e a ordem urbanas.



Aspecto geral da igreja.

FOTO OSCAR, ST. IDESBALD

A entrada para o claustro.



arq. Jean Gibson

A Igreja de São Nicolau, Oostduinkerke, Bélgica

Paul Dony, Buenos Aires

Na província dos Flandres Ocidentais, ao norte de Furnes — esse relicário do passado célebre pela procissão anual dos Penitentes — a pequena aldeia de Oostduinkerke dormia entre as claras dunas que a separam do mar e os ricos pastos do retroterra. É o único ponto do litoral onde os crustáceos são ainda pescados a cavalo. As casas dos pescadores se recolhem nas baixadas, suas estruturas arqueadas sob o forte vento do mar. Pedras velhas, tradições antigas. Mas no período das férias, de junho a setembro, Oostduinkerke muda de aspecto:

há então uma invasão barulhenta de famílias, de veraneio e, ao longo da praia ligada à aldeia por uma estrada de dois quilômetros, hotéis e chlés abrem novamente as portas que estiveram barricadas pelo mau tempo.

A antiga igreja de São Nicolau, que fora completamente destruída em 1940 pelas tropas alemãs e seu material utilizado para a construção de um aeroporto vizinho, levantou no após-guerra um problema difícil para sua reconstrução, causa o de-



"Et les cadrans des tours, ces veuves Droites, de mille en mille, au boul des fleuves..."

(Emile Verhaeren - "Les Villages Illuseres").

selvimento do balneário: a igreja paroquial destinada em geral a 800 fieis, deveria bastar — no momento da grande afluência do mês de agosto — a uma população decuplicada pelos veranistas. Este problema foi solucionado da maneira melhor, pelo arquiteto Jean Gilson. A nova igreja foi consagrada em 21 de agosto de 1956, mas a primeira missa já havia sido celebrada em 6 de dezembro de 1955, dia de São Nicolau.

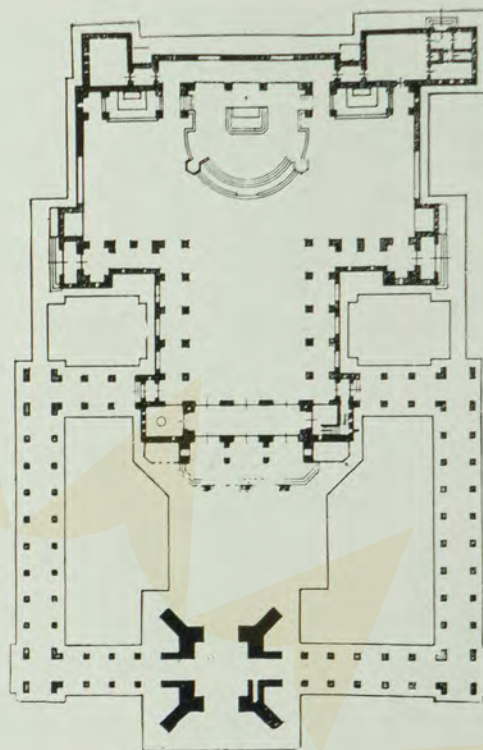
Nesse quadro de dunas e de pequenos bosques, situada à beira da estrada que leva ao mar, a igreja é de fácil acesso, quer para os habitantes da aldeia, quer para os veranistas, e oferece um cómodo estacionamento nas suas imediações. Visível a grande distância de todos os pontos em volta, a torre gigante, tósca, dominadora se ergue com toda a sua autoridade em frente do visitante, como o próprio arquiteto o exprime: "uma Presença que não se pode afastar". O choque que experimenta o visitante ao aproximar-se dela, é tanto mais intenso porque a massa dessa torre sobrehumana é perfurada por uma passagem que volta rigorosamente à escala humana e também, porque é separada, jogada para a frente do átrio retangular que, por sua vez, também avança em relação ao pórtico da igreja. Esse átrio delimita uma área de 22 metros por 45 metros, um gramado atravessado por largo caminho de pedras azuladas, rodeado por uma galeria coberta, com arcarias. Num certo sentido, repete-se aqui a solução da "capela aberta", adoptada no México no século XVI, pelas ordens monásticas, em vista da extraordinária afluência de Índios nos dias de festa e de mercado: a missa pode ser celebrada sob o pórtico e acompanhada ao ar livre por um grande número de fieis. Por outra parte, a galeria coberta permite que as procissões saiam da paroquia por um lado e voltem do outro, sem se expor às intempéries.

O visitante, tendo passado sob a torre, não se encontra exatamente no eixo da construção principal, porque ela é desviada levemente para o norte, proporcionando assim um agradável efeito de perspectiva. O átrio, para onde se deve passar em seguida, imaginado como um claustro, uma "cour fermée au monde, ouverte au ciel", (L. Hourticq), cria uma zona serena entre a animação exterior e o recolhimento do santuário.

A planta interior é em Tau ou cruz egípcia, fórmula essa sempre mais favorecida por permitir que o altar-mór seja visto dos três lados em que se aglomeram os fieis. O transepto tem o mesmo comprimento da nave central (14,4 m.). A originalidade de Oostduinkerke consiste no fato de as naves laterais, simples galerias de circulação, se prolongarem para a face ocidental dos braços da cruz, desembocando nas saídas laterais, o que leva a sete o número de saídas independentes.

Essas naves laterais, são na realidade tiradas da espessura dos grandes arcos que sustentam a abóbada. Os arcos são muito próximos um ao outro — como o esqueleto de um casco de navio; a iluminação da nave se faz através de vãos colocados muito baixos entre os arcos, originando-se assim umas sombras ascendentes sobre as quais o intradorso dos arcos salientes se destaca com força. E também por estarem normalmente fechadas as portas laterais, nos braços da cruz, as naves laterais são praticamente cegas e criam, adiante do transento vivamente iluminado, uma última zona de sombra muito densa. O efeito cativante, pode ser comparado só àquele que, em São Miguel em Munich, 1583, é produzido pelo meio círculo sombrio do arco triunfal que se projeta sobre o centro luminoso do côro.

O transepto, cuja altura debaixo da abóbada é de 23 metros, é iluminado profusamente pelas vinte e quatro aberturas da lanterna quadrada que lhe é sobreposta, e por um grande vão na extremidade de cada braço do transepto. Três vãos menores abrem-se na parede do fundo, debaixo de um grande arco: símbolo da Trindade. Esses vãos são decorados com grades de ferro, às quais estão presas imagens em metal trabalhado, representando São Nicolau, padroeiro dos marinhheiros e das crianças. Quanto à Via Crucis, é ela formada por painéis de terracota esmaltada, encaixados na base dos grandes arcos da nave (2 vezes 4) e do transepto (2 vezes 3). Os confessionários são colocados nos braços da cruz, nos lados norte e sul: o nível, abaixado de um degrau, reflete o espírito da penitência. Por fim, o batistério, que dá para o pórtico, é



Planta geral.

fechado por uma grade que representa uma rede de pescador atirada ao mar e que traz para o batismo o novo cristão (Matias, IV, 2.º).

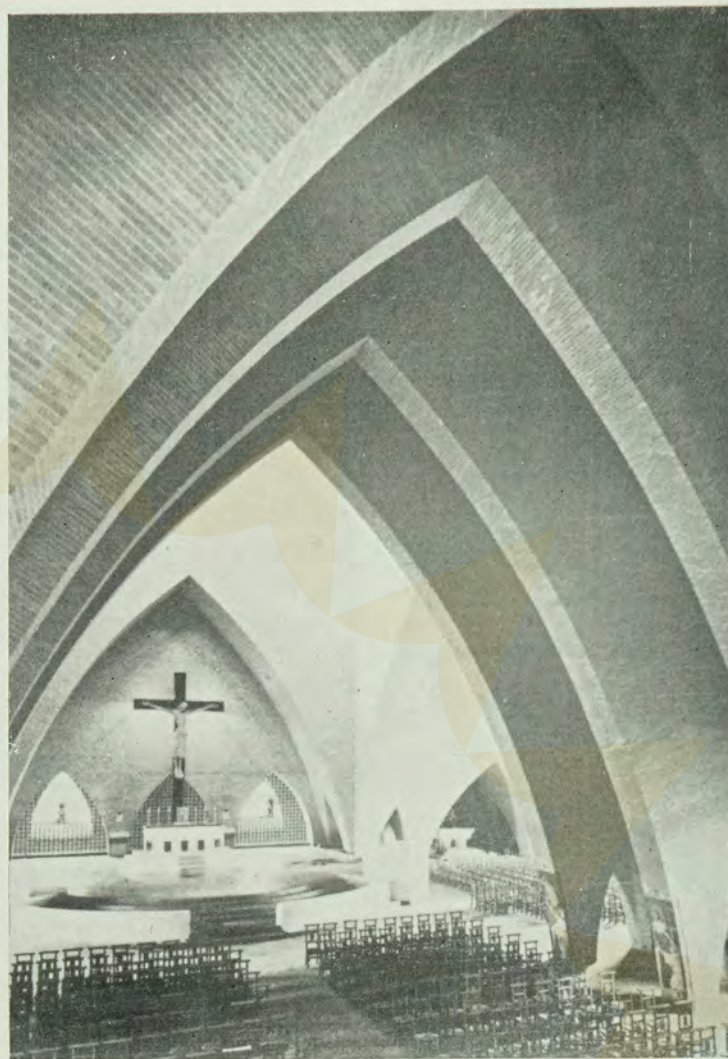
São Nicolau de Oostduinkerke pertence àquela arquitetura eloquente que emprega o tijolo e tem no país uma tradição secular, (o tijolo resiste ao ar salso); arquitetura essa que nos últimos trinta anos enriqueceu a Bélgica com igrejas notáveis, especialmente a de Santo Adriano em Bruxelas (1938). Mas, enquanto Santo Adriano se adorna de algumas decorações lavradas na própria parede, e o tijolo amarelado do interior, contrasta com o tijolo vermelho-castanho do exterior, Oostduinkerke é desprovido de qualquer decoração, e conserva internamente a mesma tonalidade do exterior. O material que fora escolhido é o tijolo de cor amarela, areia, usado desde tempos imemoráveis nos Flandres marítimos. A argila é extraída no próprio local, em campos que o oleiro aluga do camponês; primeiro tira o humo, sob o qual a argila forma uma camada de três a quatro pés de espessura; quando a camada é esgotada, o humo vem colocado novamente no lugar e o campo é devolvido à cultura. Para o revestimento interno, o arquiteto utilizou tijolos de dimensão regular (19 cm.), para o exterior, no entanto, adaptou o tijolo chato de grande formato (30 cm. de comprimento): é, enfim, o "tijolo espanhol", do século XVI, como se encontra, p. explo., na casa de Erasmo em Anderlecht (Bruxelas). Para a abóbada, foi empregado um modelo leve, com as junções se irradiando para o centro e cujos pontos de encontro, no centro do arco, formam uma aresta. O chão é em pedra azulada e o forro recoberto de telhas de terracota enegrecida.

Privada de toda decoração esculpida, a construção deve certamente seu caráter ao jogo dos amplos campos de luz e sombra, aos espigões marcados, à disposição das massas. Mas mais ainda, àquilo que poderíamos chamar de "variações", orquestradas sobre os temas do triângulo e do arco.

O observador menos prevenido é logo impressionado pela repetição, através de todos os elementos do conjunto, do mesmo arco traçado com diferentes aberturas de compasso. A passagem debaixo da torre, as arcarias do átrio, do pórtico e das entradas laterais, os arcos da nave central e das naves laterais, os vãos dessas últimas e os do transepto, da lanterna e do frontão ocidental, bem como aqueles no alto da torre, todas essas aberturas reproduzem o mesmo traçado. E não dão uma impressão de monotonia, mas pelo contrário de consistência, de unidade, de uníssono. O arco definitivamente adaptado é um fragmento de um círculo com o centro debaixo do solo, a uma profundidade que corresponde aproximadamente a um quinto



A torre de 38 metros e o Cristo de 13,5 metros.



Vista do interior.

do arco sôbre o solo. Daí, a caída oblíqua dos grandes suportes da construção, que brotam debaixo do solo.

Por outro lado, o tema do triângulo — um daqueles temas de que a arquitetura religiosa, de hoje, se vale da maneira melhor — impõe-se à vista, de qualquer lado que estivermos em relação à igreja. Juxtaposto ou projetados uns sôbre outros, os frontões grandes e pequenos dos vãos, fazem nascer nas quatro fachadas um jôgo de retas, verticais e sombras que está na própria essência da paisagem rural dos Flandres. Toda “ferme” flamenga acusa êsse mesmo jôgo no alinhamento das construções em ordem decrescente: casa, estábulo, celeiro, todos com seus telhados caídos, que se perfilam sôbre o mesmo eixo. Os triângulos brancos dos frontões, as duas águas dos telhados, eternos símbolos do lar, não podiam deixar de marcar também a Casa de Deus. . . E expontâneamente, sem busca, são ainda triângulos os que, as sombras projetadas na área do átrio, desenhavam em combinações caprichosas.

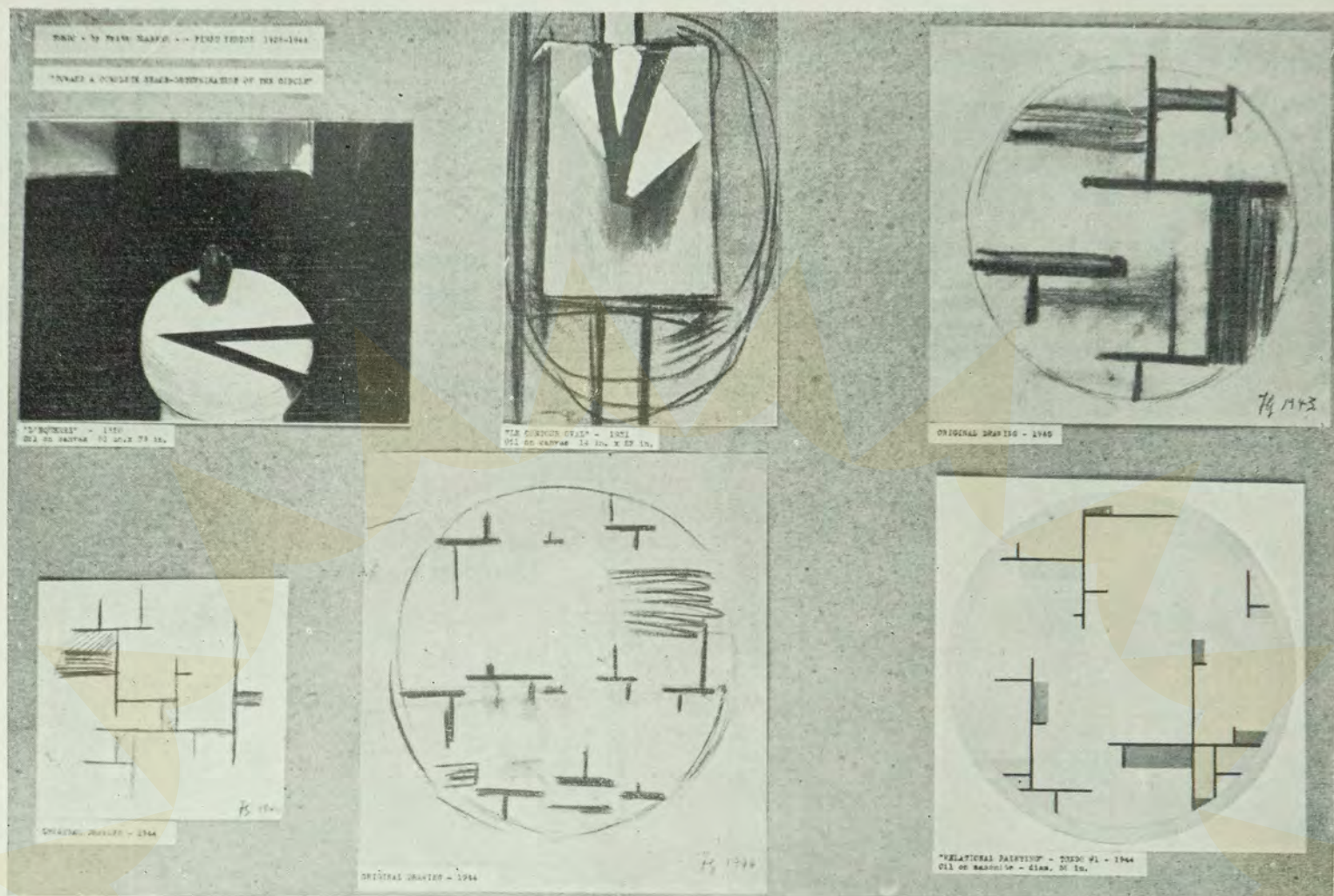
Mas há, ainda, uma outra imagem, que o visitante de Oostduinkerke não poderá cancelar de sua memória: o Cristo da torre. Pregado à parede, êsse crucifixo sem cruz, sozinho com sua sombra imensa, possui uma extraordinária força de sugestão. As mãos contraídas, o abandono da cabeça, a tensão atroz dos braços, causam uma emoção de uma intensidade que se torna física, aliviada apenas pela posição dos pés, colocados separadamente sôbre uma saliência de pedra, (através dos séculos, a arte tem optado alternativamente por três ou quatro cravos). Essa figura de Cristo, em terracota, tem uma altura de 13,50 metros e pesa 4 toneladas; o corpo é formado por uma dúzia de segmentos presos separadamente na parede. O interior, em forma de alveolos, foi enchido de uma mistura de materiais leves, insensíveis às variações da temperatura. A terracota é feita com uma mistura de terras de Oostduinkerke e

da Silésia. Essa obra patética deve-se ao escultor Gause, refugiado checoslovaco, relacionado com as principais olarias da região. (★)

O mesmo artista tem moldado para o altar-môr, um outro Cristo em terracota, de 3,50 metros de altura, formado de uma só peça com exceção dos braços. É essa a maior terracota que já foi executada e para a qual foi necessário construir um forno especial, com o fundo furado, sôbre um fogo de lenha: um processo secular usado novamente para assegurar um cozimento vagaroso. A peça, colocada sôbre um plano inclinado, foi cozida de cabeça para baixo, afim de provocar uma espécie de assentamento dos materiais durante a operação e evitar que se quebrasse à altura da cintura. O cozimento levou 28 dias e foram necessários mais de 18 para que resfriasse.

A torre de Oostduinkerke, alta 38 metros, é reforçada por quatro grossos contrafortes oblíquos que se restringem progressivamente, de um tipo que pertence ao gótico primitivo. Ela está a representar a perfeita identificação da arquitetura com seu quadro natural, o acôrdo íntimo que resulta sempre da utilização de materiais encontrados no próprio local. Resistindo ao vento do mar, severa e firmemente assentada entre as dunas cobertas de gramíneas desgranhadas que se estendem ao redor, ela pertence àquela raça de tôrres flamengas, de estrutura robusta e camponêsa, em cima das quais no passado, se acendiam os fogos, nas noites de tempestade, para guiar os barcos que se haviam atrasado no mar. Sob o céu instável dos Flandres marítimos, seu porte é nobre: e se, da outra extremidade da costa belga, a torre de Lisseweghe, antiga de sete séculos a tivesse visto surgir no horizonte, a teria saudado como uma irmã, com toda sua alma.

(★) — Na igreja de Fontaine-les-Grès (Aube, França), também consagrada em 1946, um Cristo do século XIII, descido da cruz, é suspenso sôbre o altar.



Primeiro painel ilustrativo de Fritz Glarner. Primeiro período de 1928-1944. "Para uma completa determinação do espaço de um círculo".

Quatro Pintores Abstratos de Nova Iorque

Sanson Flexor

Pinta-se muito em Nova Iorque. Pinta-se muito para "se exprimir", para "se libertar", para "projetar seu Eu" sem embaraços e sem que haja constrangimento quer das aparências visuais dos objetos, quer da técnica, da composição e mesmo da forma. Para muitos pintores, a espontaneidade tornou-se rainha toda poderosa. Às pessoas se libertam, por assim dizer, terapêuticamente, aliviando seu psiquismo por eliminação, e até pela sublimação dos complexos. A pintura se torna um sedativo para o indivíduo perdido na atmosfera sufocante dos "business". Só um psicanalista se sentiria à vontade nesses "testes Rochat" que invadiram tantas cimalhas.

O "tachismo" ou, como é chamado com mais dignidade, o "Abstract Expressionism", reina na maior parte das 200 galerias de Nova Iorque; mas nota-se, com espanto, que nada é mais monótono do que essas projeções frenéticas de tantas individualidades diferentes.

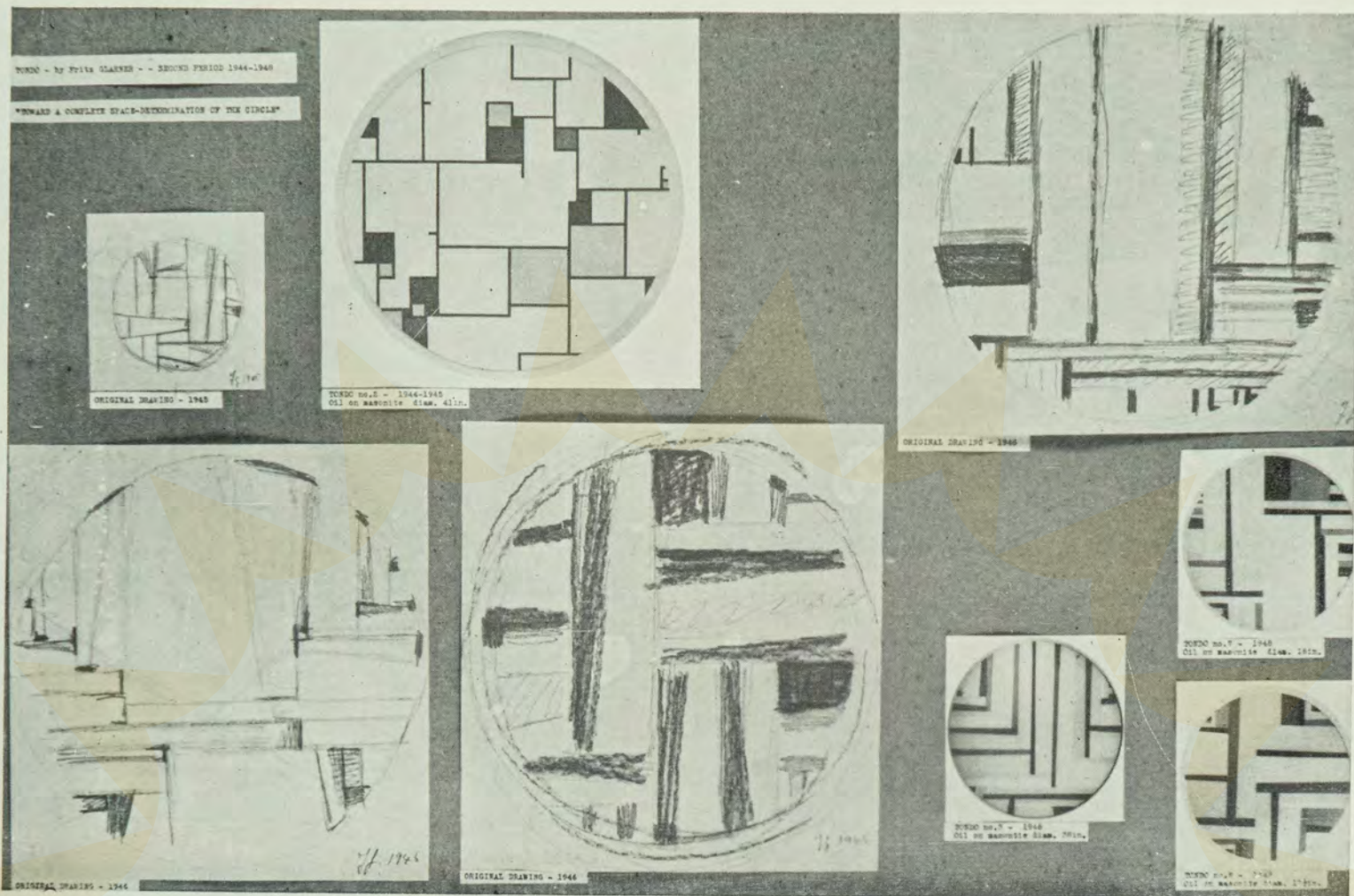
O caso isolado e já historicamente único do falecido Jackson Polloc, cujo ritmo visceral substituiu a razão organizadora, não bastou, por sua própria espontaneidade e empirismo, para lançar as bases de uma nova Escola de Nova Iorque. Falemos pois, preferivelmente, de um estado de espírito que se pretende

"informal" e que é, na verdade, sinal de afrouxamento e de regressão diante dos rigores de uma vida urbana extremamente organizada, cronometrada, calculada e industrializada e, em alguns, sinal de protesto do indivíduo cansado ou inadaptado ou do artista que não soube integrar-se com otimismo e coragem no clima rigoroso e geométrico de uma grande cidade industrial como Nova Iorque.

O próprio termo "abstrato" parece impróprio para designar uma arte que rejeita *a priori* toda idéia pré-estabelecida de estrutura resultante de um pensamento abstrato e que apela somente para os impulsos não controláveis do subconsciente ou do automatismo, impulsos estes que procuram necessariamente exprimir-se por símbolos decorrentes das associações de idéias mais ou menos vagas, mas sempre de origem figurativa tradicionalmente convencional. Caberia melhor aqui falar de um impressionismo ou de um "fauvismo" vagamente figurativo, tendo por origem as reminiscências visuais armazenadas no que Kandinsky chamava de "mundo interior". Longe de criar uma visão nova, o Expressionismo Abstrato nos leva de volta aos começos de um Kandinsky, ou ainda, às fontes impressionistas deste: as deliciosas deliquescências da últi-

ma fase de Claude Monet, apresentada atualmente no "hall" do Museum of Modern Art à guisa de provável justificação para esta pretensa Escola da Nova Iorque, que é a tendência reinante e oficialmente apoiada. Felizmente porém, uma escola de pintura não se faz apenas com regressões no vago, com fugas diante da vida contemporânea e com ensimesmamentos. Há, nas estruturas dinâmicas da imensa Nova Iorque industrial e comercial, fontes vivas donde os fortes tiram suas razões para pintar estrutural e dinamicamente, integrando-se na pulsação de nossa época, tão impiedosamente otimista, época que deu tantas razões de esperar e de pintar a um Fernand Léger e a um Mondrian, que viveram ambos em Nova Iorque e a amaram. Mondrian, que aí passou os últimos anos de sua vida, aí deixou como supremo testemunho, seus exuberantes "Boogie-Woogie".

A estada de Mondrian em Nova Iorque deixou marcas profundas em todos aqueles que, de perto ou de longe, experimentaram seu contacto. É assim que a arte de CHARMION VON WIEGAND, que conheceu Mondrian durante seus últimos anos, apresenta durante um longo período, transposto pela individualidade do artista, o selo dos ensinamentos do Mestre Neoplástico.



Segundo painel ilustrativo de Fritz Glarner. Segundo período de 1944-1948. "Para uma completa determinação do espaço de um círculo".

FRITZ GLARNER, embora fiel à disciplina neoplástica, dela se afasta entretanto, introduzindo em suas obras uma nova linguagem espacial pela utilização de uma gama rica dos valores e das qualidades do cinza, do branco e do preto que, por justaposição às cores fundamentais imutáveis, modificam-nas pelo efeito ótico do contraste simultâneo. Este pintor, lúcido por excelência, exorime suas concepções estruturais pelas seguintes palavras:

"...Quero frizar que o problema visual nunca é posto "à priori" tal como se dá com um problema matemático, mas sim, aparece no processo de pintar e desenvolve-se no subconsciente do pintor."

"A composição firmemente presa às limites da tela (retangular) parecia-me estabelecer sua dimensão própria com um maior grau de objetividade, pois que era o retangular o único fator fixo para com o qual todas as partes da pintura estavam constantemente relacionadas..."

"...O ângulo ou o oblíquo que introduziu na minha pintura criou um movimento dinâmico mais forte, porém, mantinha o ênfase do horizontal e do vertical..."

"... Quando a área da forma e a área do espaço estão da mesma estrutura, a diferen-

ciação tem que ser estabelecida pela oposição, proporção, cor, etc. etc. O ângulo estabelece a estrutura que determina o espaço e liberta as formas..." "A cor, não mais com o papel de embelezar uma "forma-símbolo", acha-se livre para agir dentro de sua verdadeira identidade.

Pelas propriedades voláteis de várias cores, é possível estabelecer uma nova espécie de profundidade..."

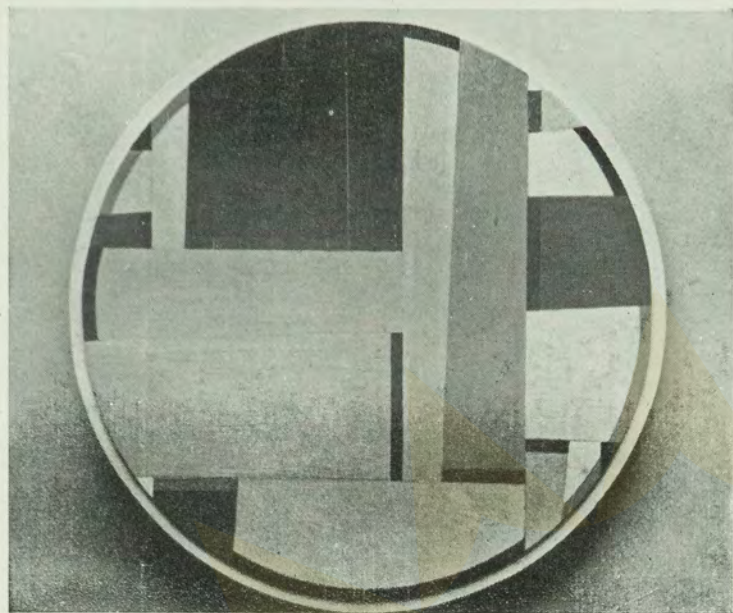
"...O artista de hoje precisa estabelecer a nova condição em que os meios puros possam revelar suas expressões intrínsecas..."

"...É de minha convicção profunda, de que nós estamos vivendo em uma época de evolução. A verdade manifestar-se-á a nós mais claramente através de novos equivalentes que resultam da integração das artes plásticas..."

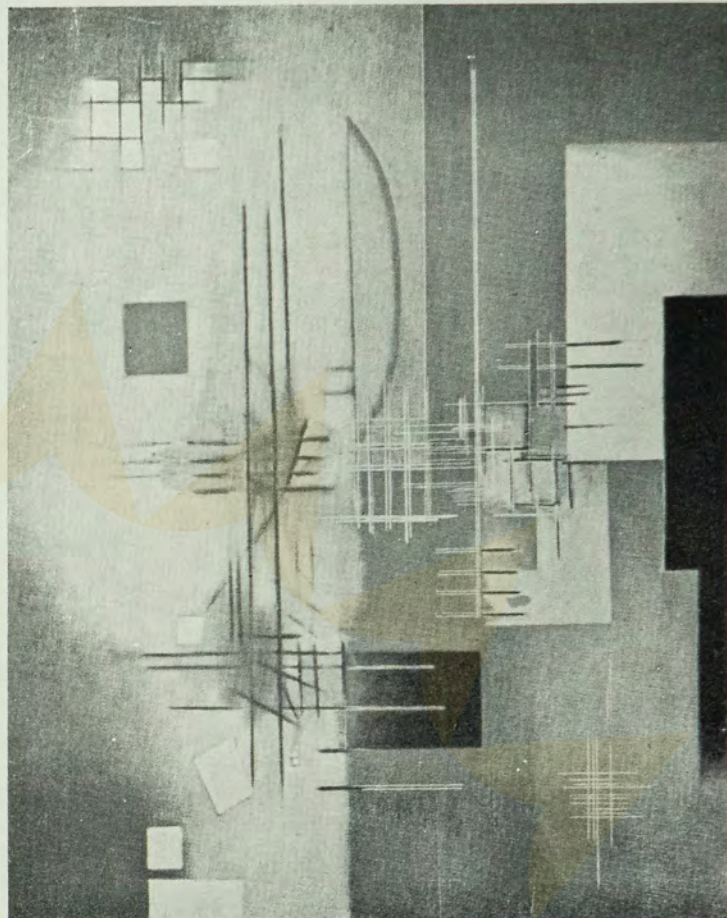
Ao lado de Glarner, eis A. R. FLEISCHMANN, este outro construtor de universos pictóricos que foi em Paris um dos fundadores das "Réalités Nouvelles" e do grupo "Espace", ao lado de André Bloc. Sua concepção da cor é inseparável da concepção da forma; eis o que ele diz a esse respeito: "É preciso que a cor e a forma sejam postas em relação de modo que nem a forma nem a cor sejam representadas por elas próprias;

de outro modo, há o risco de representar alguma coisa, seja a cor, seja a forma sozinho e de chegar finalmente a uma representação literária, pois a forma representada sozinho nos conduz à "publicidade" desta forma, e uma mancha de cor isolada seria apenas uma manifestação propagandista dela própria. Uma mancha de cor tem já uma forma mais ou menos determinada, sem nenhuma tendência a provagá-la. Cabe agora ao pintor dar-lhe a forma desejada ou concebida a fim de arrancá-la de sua forma casual."

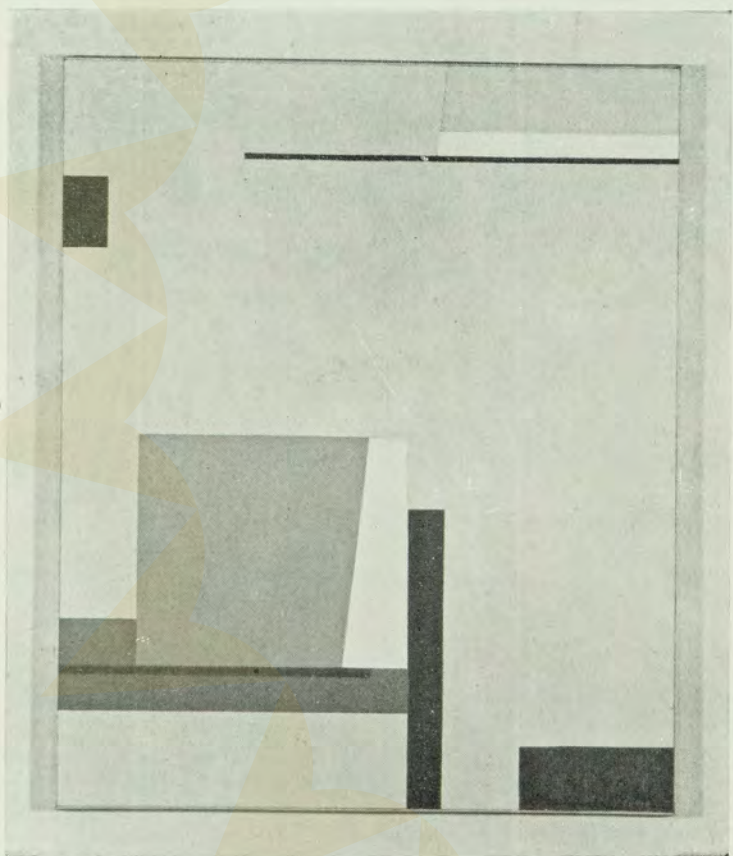
O excelente crítico, meu amigo Dario Suro, num recente estudo da obra de Fleischmann, se exprime assim: "...Fleischmann é um desses pintores pouco numerosos que permaneceram próximos dos princípios de Mondrian, conservando ao mesmo tempo sua própria personalidade. Ele difere totalmente de Mondrian por solucionar à sua maneira o problema da forma retangular: enquanto Mondrian separa o retângulo, Fleischmann o divide. Todos os dois evoluem no mesmo universo mas com objetivos completamente diferentes..." "... Tudo na arte de Fleischmann revela uma intensa preocupação com a divisão do espaço que permanece lírica, embora calculada. É o domínio matemático



Fritz Glarner, "Pintura relacionada", 1956.



Jean Xcéron, "Composição".



Fritz Glarner, "Composição", 1942.



Jean Xcéron, "Composição n.º 242", 1937.

do espaço, atingido num estado de infalível inspiração artística."

Depois desses construtores de precisão, de linhas nítidas e divisões cuidadosamente moduladas, eis THÉODORE BRENSON, construtor também ele, mas inebriado de espaços indeterminados, de cintilações cristalinas e de ambiguidades de planos.

Formado na Itália e mais especialmente na França, não somente nova-iorqueano, mas também parisiense — ele volta à Paris todos os anos — Brenson costuma dizer:

"O homem pode libertar-se somente quando ele se incumba a dar e a receber. Na pintura, a forma precisa perder sua identidade, e o espaço precisa adquirir, por determina-

ção, uma identidade. Para exprimir a vida, a sua dualidade, as suas pulsações, ritmos, re-ocorrências exatas, o artista da nossa época deveria encontrar, através do seu próprio desenvolvimento, o ponto de equilíbrio sensível entre a expressão subjetiva e objetiva...". "...Erguer a pintura no espaço, fixá-la onde puder, interpenetrá-la com uma luz que traga a cor numa nova existência que possa revelar sua natureza íntima. Interpenetrar os espaços; que as formas vivam dentro de si; erguer em espaços que não podem ser medidos mas que são, ao mesmo tempo, indispensáveis, uma parte inseparável desta boa tela que nós esticamos, medimos, calculamos e preparamos, e que conhecemos

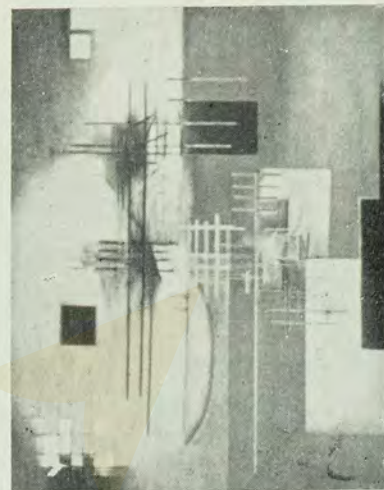
sob todos os seus aspectos..."

"...Finalmente a luz da noite, as vidas novas de cores novas que cintilam e vivem nos novos espaços de uma arquitetura que não está mais fechada, mas sim, que dá comunicação entre o mundo interior e o mundo exterior desde que o Gropius nos mostrou como a estrutura de aço e de vidro, acabaram com a parede opaca..."

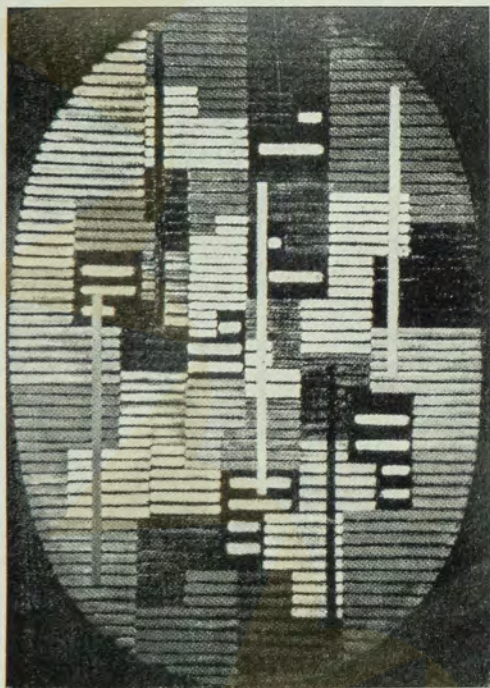
A parte, no refúgio de seu vasto e acolhedor atelier, JEAN XCÉRON pinta tão infatigavelmente hoje em Nova Iorque quanto pintava em Paris há trinta anos, quando eu o conheci, na época da fundação do Salon des Surindépendants, do qual ele foi durante muito tempo fiel e glorioso expositor. Hoje,



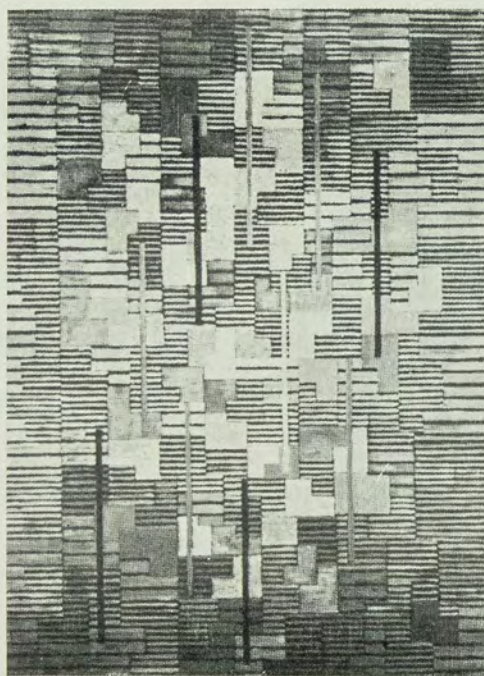
Brenson, "Composição", 1956.



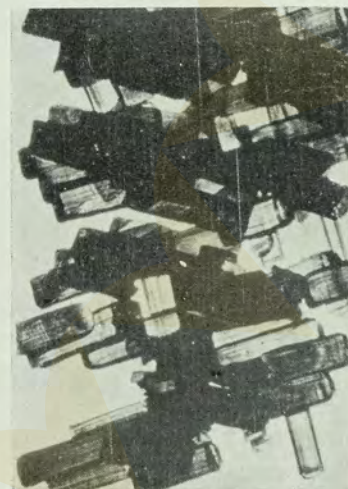
Jean Xcéron, "Composição n.º 300", 1947.



Fleischmann, 1956.



Fleischmann, 1956.



Theodore Brenson, "Composição n.º 9", 1956.

como naquela época, em suas obras construídas com força e ternura ao mesmo tempo, revela-se essa ciência inata das proporções e das relações que testemunha suas origens helênicas, qualidades que lhe valeram, há muito tempo, a admiração e a amizade deste outro grande heleno Christian Cervos.

O nome de Xcéron está ligado indissolúvelmente à história da Arte Abstrata, não só porque ele foi um dos animadores do Museum of Non-Objective Art de Nova Iorque, hoje transformado no Guggenheim Museum, mas principalmente por suas obras, onde todas as experiências e investigações da Abstração Pictórica tornaram-se achados de integração no domínio específico da pintura,

criando assim uma nova *tradição-abstrata*. As obras de Xcéron são exemplos impressionantes de uma arte onde o rigor deriva naturalmente da extrema sensibilidade e riqueza. Não sendo prisioneiro de nenhuma doutrina a-priorista, Xcéron é um pintor abstrato por excelência, criador de universos pictóricos extremamente ordenados e medidos, sutilmente variados em sua própria homogeneidade. Suas transparências e opacidades, seus modos ortogonais e levemente oblíquos ao mesmo tempo, obedecem à mais sutil das sensibilidades cultivadas por uma longa e amorosa experiência da pintura. Esses quatro pintores que eu tive a sorte de conhecer ou de rever em Nova Iorque

e que, graças às nossas afinidades, tornaram-se meus amigos, possuem esse traço comum: sua arte consciente e afirmativa mas que não exclui a sensibilidade, não admite o exibicionismo de nenhuma espécie de desespero, nem a libertação terapêutica dos complexos, cara aos tachistas. Progressiva, ativa e confiante em nossa grande época, fértil, construtiva e científica, confiante no destino demiúrgico do homem, o de criar universos perfeitos e válidos em si, esta arte verdadeiramente abstrata (pois é resultado do pensamento abstrato e utiliza somente qualidades abstratas puras), increve-se por sua precisão, seu ritmo e sua geometria, no clima ótico da imensa e dinâmica Nova Iorque.



"O 6.º dia da Criação".



"Moisés".



"Moisés roga pela vitória contra Amalek".

Reis, juizes e profetas

A gravadora Else Saft Theilheimer

Dois gravadores de coisas, fatos e criaturas do Velho Testamento inauguraram a bem dizem um período hebraico nas salas do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Se na segunda quinzena de abril, expôs ali o célebre gravador Jacob Steinhardt, precedeu-o no mesmo local, uma quinzena antes, a gravadora expressionista Else Saft Theilheimer. Essa artista tem participado das Bienais de São Paulo, e recentemente foi distinguida com um prêmio no Salão do Retrato (no Ibirapuera). Suas gravuras têm valor desigual; algumas, como *A Criação*, *Moisés*, *Ruth* e *Booz* são muito boas. Geralmente a gravadora vinca de modo periférico e hirto as figuras e destaca-as entre claros-escuros. O efeito é estático, não de criaturas vivas, atuais, mas como que petrificadas em texto arcaico, com uma apresentação rude e propositalmente obsoleta, de maneira oposta às iluminuras cristãs medievais.

Else Saft Theilheimer não se interessa pela perspectiva, pelos planos; o trabalho chapado tem mero efeito lienar, bastante duro, de imagens toscas, quase mutiladas pelos séculos. Decerto essa deformação é proposital, daí sua



"Ruth".

boa classe artística e artesanal muitas vezes conseguida. Sem dúvida a fatura se quer ater aos textos bíblicos, conservar-lhes a expressão arcaica.

Há no conjunto uma programação visando sintetizar textos do Gênesis, do Êxodo, dos Números, do Deuteronômio, dos Reis, dos Juizes e dos profetas, bem como episódios das Crônicas.

Fastos hebraicos, dos diversos períodos, são evocados em sínteses que registram momentos essenciais, como a história de Absalão, trechos do Livro de Ester, atos e gestos de Saul, vitórias de Josué, etc. As criaturas femininas, Agar, Sara, Dalila, Debora, Ruth, Ester, Abigail e outras tantas que inspirariam poetas, dramaturgos e pintores, são evocadas nessas xilogravuras. Else Saft Theilheimer, gravando os fastos de Israel pôs nas cenas que evocou um traço de oráculo. Por isso suas gravuras propendem voluntariamente para uma composição severa de holocausto, equidistante do anátema e do hosana. É uma síntese gráfica das Crônicas, parecem letras capitulares para a abertura de capítulos como frisos para os primeiros versículos.

"David e o Rei Saul".





Johann Gütlich, "Inverno".

O expressionista Johann Gütlich

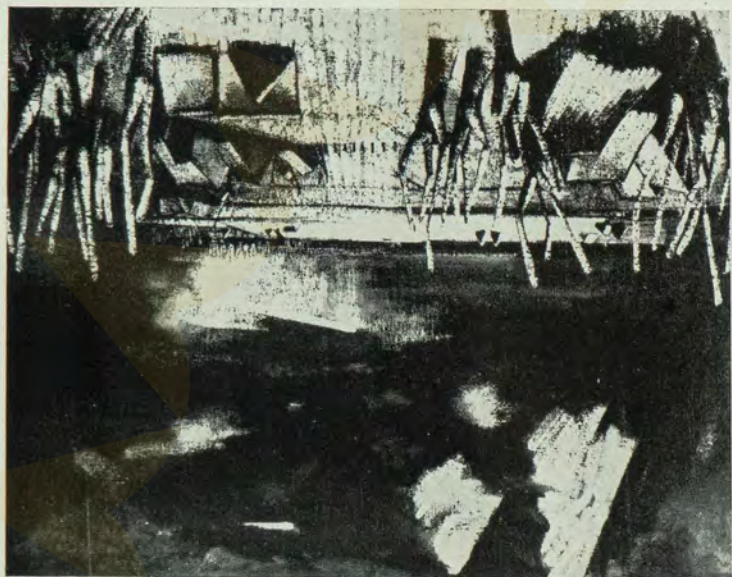
Johann Gütlich, "Auto-Retrato".



Quando de sua primeira exposição em São Paulo, Johann Gütlich apresentou copioso acêrvo com duas constantes superpostas empíricamente: no desenho era discípulo intuído de Permeke e nas côres de largas pinceladas e também às vêzes nos temas era fogoroso adepto de Vlaminck. Resultou dessa fatura hirta, quase oblíqua, com grandes zonas de treva e largos laivos de côres escuras, pardas, bem flamengas, um expressionismo adaptado não só à figura como à paisagem.

Holandês de boina e catadura boêmia, não dispondo na Europa — que percorreu a pé desde o setentrião até ao meio-dia — de ateliê fixo e sim de barracas de zíngaros, era natural que se inserisse na pintura de testemunho de arrabaldes e subúrbios de cidade e registrasse fisionomias e corpos plebeus batidos por grandes sóis semanais ou sumidos em sombras noturnas de botequins, estalagens, postigos e corredores.

Amou também as paisagens claras, tipicamente rurais, com bois plácidos como os pintados por Lasar Segall, porém de côres mais violentas dos que os verdes e os pardos das côres fauves de Flávio de Carvalho.



Johann Gütlich, "Inverno".



Johann Gütlich, "Sergio Cardoso como 'Esópo'".

Já as figuras humanas eram urbanas, de bairros pobres; mendigos hirsutos, anciãs pacatas, tipos de uma galeria do cotidiano. Bom holandês, Gütlich serve em suas telas sua vocação cálida de pintor figurativo, mas cujo expressionismo não é nórdico e sim bem meridional; pois o expressionismo nórdico é crítico e de modulação gráfica, ao passo que o seu parece colhido em vasilhame francês, principalmente nas latas de tinta e nas bisnagas de Vlamínck engrossadas com terras bem telúricas e outonos bem grumosos. Na presente exposição que se realizava no Museu de Arte Moderna de São Paulo se nota que Johann Gütlich insiste no temário humano e na paisagem, no tratamento expressionista; mas mudou bastante quanto à fatura e a composição naquilo em que elas estão adstritas à matéria e aos valores cromáticos. Despojou-se do episódio narrativo, da pluralidade de figuras, do aspecto monumental dos motivos. Reduziu o contexto humano a unidades mais sóbrias, porém ainda no primeiro plano, em vizinhança aflitiva com o observador. Imperam ainda zonas compactas

de escuridão, como fundos de tela de sabor clássico flamengo e da Flandres. Pode-se dizer que já adquiriu uma prudente maturidade. Aperfeiçoou sensivelmente os valores em função do tratamento da matéria. Mas não evoluiu para o lado de pesquisas nem de experiências. É o mesmo expressionista cumprindo tarefas com uma disciplina de obstinação. Nas figuras humanas segue a linha despojada e rude de Permeke; nas paisagens ainda se atola nas estradas hibernais de Vlamínck. Tudo resultado de uma índole violenta, onde há uma sinceridade de instinto que é a sua dicção forte, populista, de figurativo pertinaz.

Estudou na Academia de Arte de Roterdão, desde 1935 até 1940. Expôs em 1943 e 1944 no Museu Booymans daquela cidade. Seus trabalhos figuram em coleções de Haia, Groningen e Roterdão. Sua primeira exposição em São Paulo foi em 1953, com nada menos de cinquenta telas: 1 aquarela, 10 desenhos, 12 guaches e 27 telas.

O acervo da atual exposição é de diversos períodos, inclusive da fase européia mas

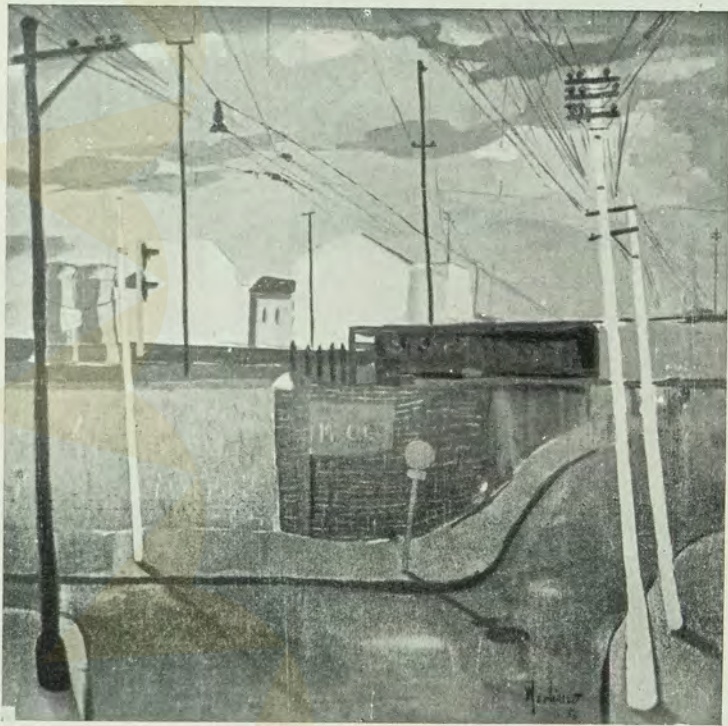
apresenta diversos trabalhos realizados em São Paulo.

"Aliam às formas rudes possantes um colorido pesado, de afirmação humana, telúrica e até mesmo cósmica. Seu expressionismo tende a expressar a vida no seu complexo de alegria e luta, tenacidade na conquista da terra, no domínio do mar, na resistência aos fenômenos da natureza. É a pintura de um homem sólidamente fincado no solo, braços abertos para o seu mundo" afirma não sem razão um trecho de apresentação crítica de sua exposição em outubro de 1953.

Cumprir dizer que esse pintor de paisagens hibernais e de camponeses da Flandres se aclimatou bem em São Paulo mas conserva como num passaporte com visa de entrada quase todos os atributos com que aqui aportou. Pois já vinha com a sua personalidade implícita. Ainda no Brasil continua a ser um flamengo que trouxe para cá a sua mensagem individual e a escola, de cuja trindade — Smet, van den Berghe e Permeke — se fez conscientemente ou não o representante aqui nos trópicos.



Madiano Tomei, "Docas de Santos".



Madiano Tomei, "Passagem ferroviária".

Um paisagista urbano

Madiano Tomei

Conquanto na exposição recente de Madiano Tomei no Instituto dos Arquitetos haja naturezas mortas, trabalhos de ilustração versátil ainda, não resta dúvida que se fixou na paisagem atingindo uma expressão próxima da objetividade direta. Não vamos censurá-lo por temer em ser fidedigno na captação da paisagem urbana como se lutasse para conseguir em desenho e em efeito óptico o resultado de uma máquina fotográfica; pois o seu realismo conquanto repouse na fidelidade estrutural e espacial tem o mérito de uma sensibilidade outorgada pelos entretons e pelas gamas, bem como pela atmosfera geral, horária e artística.

Este jovem italiano de Milão, filho de artista restaurador de telas e retábulos de igrejas da Bélgica, já chegou ao Brasil com um *curriculum vitae* denunciando certa precocidade: expusera em Lucca, Bruxelas, Haia e Paris. Vindo ao Brasil com uma bolsa de estudos do governo belga, radicou-se em São Paulo. Quando de sua primeira exposição, a lente crítica facilmente discernia um talento à procura de fixação, correndo o perigo do ecletismo com disfarces de virtuosismo prematuro.

De fato, ora pintava assuntos que pareciam ilustrações de contos e capas de revistas frí-

volas, ora apresentava telas de escalação diversa, desde a natureza morta até ao impressionismo urbano ainda academizado. Mas se entrevia nessas variações e alternativas certa pesquisa formal, com evasões às vezes para o surrealismo; mas as técnicas eram dispare e se estorvavam.

Agora, após trabalhar sossegadamente em seu ateliê atulhado de telas de todas as fases, Madiano Tomei trasladou para a sua segunda exposição um lote de trabalhos que a crítica pôde analisar no Instituto dos Arquitetos. Nota-se ponderação, com tendência didática nalgumas naturezas mortas e preocupação não mais pelo só assunto e sim também pela matéria. Abandonou a versatilidade romântica do poliglottismo plástico para alcançar uma expressão de realismo urbano. Realismo urbano preferencial, pois Madiano Tomei insiste em temas de trechos ferroviários, parques centrais, ruas e esquinas do Lavapés, perspectivas do cais do porto de Santos. Colhe e registra esses aspectos ainda sem uma deformação sensível, optando mais pela análise pormenorizada do que pela síntese moderna; a realidade pormenorizada a-raio devido talvez a uma consciência artesanal de reportagem direta. Quer pôr a sua pintura a serviço da arte figurativa, principalmente da obra construtiva do homem, da fisionomia tentacular das cidades. Esse realismo de objetividade verossímil vale por um esforço de procura de soluções, tanto que a sua fatura já está adquirindo um estilo. É um paisagista querendo estruturar pormenores e valorizá-los.

Quanto às figuras humanas, se certas telas como *Aurora* descendem de um pós-cubismo, já outras como *O Café na hora de fechar* ainda são de índole impressionista. Fácil é discernir momentos melhores de realização como trabalho na tela *O Manequim cansado*, decerto o seu melhor trabalho em pauta oposta à minúcia fotográfica das paisagens urbanas.



No mais das vezes, quando a crítica faz restrições categóricas ao realismo, não assume essa atitude por apoiar apenas outras correntes e achar que a paisagem, a exatidão remanescente estejam condenadas como um fenômeno já exausto de iteração. É, antes, porque o realismo com sentido fotográfico já foi ultrapassado pelos paisagistas modernos. Lembremo-nos que foi de paisagens solitárias e ermas que De Chirico extraiu a sua pintura metafísica. O próprio Madiano Tomei, que estudou em Milão, sabe como certos figurativos adiantadíssimos, um Pompeo Borra, um Domenico Cantatore, um Bruno Cassinari e um Ernesto Trecanni, gente cujas exposições deve ter visto naquela cidade, tratavam e tratam a figura humana e a paisagem.

Há que não ter medo de deformar; aquilo que a crítica vê em Borra, em Cantatore, Cassinari e Trecanni, pintores de idades diversas, aquilo que a crítica elogia em suas telas não é a exatidão fotográfica das cavalcadas de Borra, das mulheres de cabelos soltos de Cantatore, das mulheres de Roncoferrari, das pescadoras e das camponesas de Trecanni. É, pelo contrário, o poder de extrair desses motivos objetivos deformações plásticas, que significuem criações, interpretações pessoais, sensibilidade nova perante a realidade. Trecanni, por exemplo, quer conseguir através do realismo uma linguagem mais chã ainda, uma inteligibilidade mais fácil. E isso através não do transporte fidedigno do cotidiano mas através de uma superação obtida pela tensão das formas e das cores e a descoberta de uma dramaticidade artística e não retórica, e muito menos de reportagem. É dessa conciliação entre o fato que se apresenta ao desenho, à pintura, à gravação e a metamorfose artística compatível que poderá sobreviver o realismo, a paisagem. Do contrário será puro acervo de iteração.



Madiano Tomei, "Rua Lavapés".

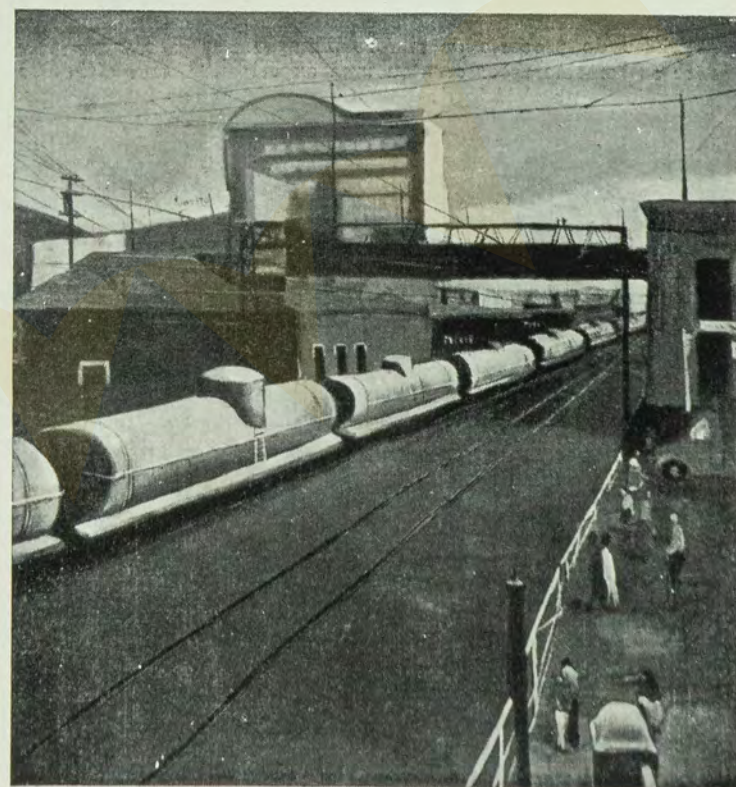


Madiano Tomei, "Rua Lavapés".

Madiano Tomei, "Brás".



Madiano Tomei, "'Portão do Brás'".





A casa de Joana D'Arc em Domrémy.



Busto de Carlos VII.

A Donzela de Domrémy

Vem a propósito falar-se de Joana d'Arc, pois que recentemente se comemorou o quinto centenário do processo de sua reabilitação. Entre as comemorações constou uma exposição realizada no Palácio de Rohan.

Viam-se ali as cartas escritas pela quase analfabeta donzela de Orléans, sua armadura gentil envelhecida pelos séculos e ainda com as marcas das lutas; sua espada de heroína, o cálice de Saint-Rémi que servia na missa da sagração dos reis de França; numerosos documentos históricos, além de telas e esculturas famosas. Tudo reconstituindo em sínteses idôneas a história da rapariga de Domrémy durante o seu tempo. Uma série de tapeçarias ilustram as principais fases da sua curta vida, principalmente sua infância, sua missão, a libertação de Orléans, o coroamento do rei, a sua morte na fogueira de Ruão.

Nascida em janeiro de 1412, a aldeã de Domrémy viveu no vale do Mose até a idade de treze anos; ainda existe sua casa rodeada por frondosas árvores e transformada hoje numa espécie de tabernáculo cívico não só da Lorena do Barrois como de toda a área do Vaucouleurs e, portanto, da França. Quasi todo o território nacional estava devastado pela Guerra dos Cem Anos e ocupada pelos ingleses.

A jovem aldeã passou subitamente a ouvir vozes e apelos misteriosos que ela dizia ser de Santa Catarina e de Santa Margarida,

bem como do arcanjo São Miguel induzindo-a a ir a Chinon, onde residia o Delfim de França rodeado por alguns vassallos fiéis.

Joana dirigiu-se para lá, deu conhecimento ao futuro Carlos VII de sua missão e já no ano de 1429 libertava Orléans. Após a sagração do rei na catedral do Reims, ela prosseguiu na campanha de libertação do território até 1430, data de sua captura em Compiègne. Trazida a Ruão, ali foi julgada, condenada à morte e queimada viva no dia 30 de maio de 1431 na praça do Mercado Velho. Tinha apenas dezoito anos...

Seu processo foi revisto em 1456 e a Igreja proclamou então a sua reabilitação. Reabilitação essa formal e apenas romântica até 1920 quando então foi canonizada, fazendo-se uma justiça de ordem não só temporal como nacional e universal.

Evidentemente a vida, as façanhas e a missão dessa aldeã que se apresentou na Turrena como enviada de arcanjos e santas para libertar o solo francês do invasor britânico tem dado ensejo a poemas, dramas, quadros, esculturas e tapeçarias de alto valor.

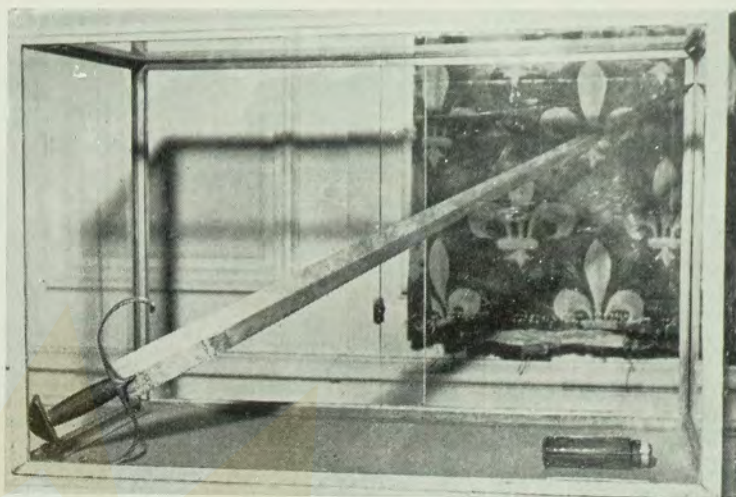
Se na fase aguda da campanha ingleses e burginhões quando a aprisionaram a fizeram passar por feiticeira, a julgaram e a condenaram, sua vida e sua morte ofereceu e oferecerá permanentemente motivos grandiosos para temas de primeira grandeza em literatura e artes plásticas. Condenada pelo bispo

de Beauvais, criatura do rei Henrique V da Inglaterra, não foi possível a lenda transformá-la numa feiticeira. Agora, mais de cinco séculos passados, a donzela de 19 anos tem sua corte póstuma em Orléans, pertence à fímbria sacrosanta das heroínas e das santas, e a exposição de Palácio de Rohan tem o dom de ativar a sua lenda e a sua história. Lenda quanto à efusão poética que emana do fato de um aldeão do fundo da Lorena, dos páramos de Vaucouleurs, vestir a armadura dos cavaleiros e restaurar um reino e uma dinastia. E veracidade histórica, através da campanha desde a Turrena até à zona anglo-burginhã, com a tomada de diversas cidades. E condição humana, destruindo a lenda com seu julgamento, com sua morte numa fogueira. Entre os quadros apresentados na exposição comemorativa do quinto centenário de sua reabilitação pela Igreja, há que mencionar o quadro de Ingres. A heroína rente do altar, junto do cálice, da patena, do cibório, da coroa e do retábulo. Ao lado, em baixo, o seu guante e a sua viseira. A espada lá está também, esguia, feminina, briosa em seu aço meridional com a ponta cravada numa flor de lis. Vê-se também o busto de Carlos VII, o retrato de Dunois (feito por um aluno da Escola de Turrena). E o casco de ferro, rodeado de pregos, que lhe cobria a cabeça como uma cabeleira incandescente de enviada do Graal...



Ingres, "Joana D'Arc".

O casco de Joana D'Arc.



A espada e relíquias de Joana D'Arc.



Retrato de Dunois (Escola de Turrena).



O chão das doze tribos

O gravador Jacob Steinhardt

O gravador Jacob Steinhardt (que na Bienal passada obteve o primeiro prêmio internacional de gravura entre concorrentes de grande categoria) expôs agora na última quinzena de março, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, trabalhos em côr. Aliás, seu tirocínio vem de longe e de grandes centros; antigo pintor, conhecido como um dos fundadores do grupo *Die Petetiker*, faz tempo que ainda em Berlim abandonou a pintura para ficar adstrito às disciplinas gráficas em que adquiriu excelente dexteridade, sendo hoje em dia considerado um mestre; principalmente pela maneira sutil, quase vaporosa, com que impregna de côr suas xilogravuras, criando verdadeiras atmosferas fluidicas.

Radicado em Israel desde 1932, atual diretor da Escola de Belas Artes de sua nova pátria, expôs assuntos da antiga e permanente Palestina. O casario conglomerado, de paredes de pedra árida, a falta de vegetação, o aspecto despojado das ruelas e ladeiras, tudo isso dá a antigas cidades semelhanças com alcovas. Desenha no suporte ingrato a estrutura minuciosa do chão, das muralhas, das torres e das congostas. Lança laivos de cromatismo profético no céu suprajacente, estira nuvens por sobre montanhas, escava profundos vales, obliqua abas áridas de montanhas, leitões quase enxutos de torrentes. Ruínas, aquedutos, paragens que lembram o Grande Hermon, a geografia de São João

d'Acre, o Anti-Líbano, as orlas do Mar Morto, emergem ou avançam dessas gravuras coloridas com efeitos topográficos de resultado severo. O chão raso ou os altos cumes, as extensas planícies de Samararia ou os acidentados bucólicos da Galiléia têm aquêlê sentido proveito de chão e de altitude pisados pelos descendentes de Zabulon e Manassés, Efraím e Judá.

É a marca artística e neutra de um Israel milenar e genuíno, de bem antes dos muçulmanos, de bem antes da Palestina ter sido província turca e de haver atraído os cruzados de Godofredo e de Ricardo. É o chão hebraico bem específico, mas sem criaturas, sem os heróis, sem os profetas, sem os juizes e sem os reis, antes talvez de ser Terra da Promissão.

Conforme logo se depreende, Jacob Steinhardt é um artista consumado da terra, com um senso diferente da paisagem. Não apresenta da Palestina a sua legenda humana e sobrenatural, mas apenas aquela presença telúrica de pedaço da Ásia rente ao Mediterrâneo e transformado em sarça ardente. E isso com um poder de alto e baixo relêvo, de extensão desolada, como molde de cratera de milagres cujo efeito, sendo rudemente poético não é panteístico. Reconhece-se na paisagem a história e a lenda, o Talmud e a atmosfera de mosaísmo. Naquelas côres vibram versículos e salmos, imprecações e anátemas, o jejum e a devastação, mas nunca as sombras de hor-

tos, os perfumes e as côres das figueiras, dos trigais, das oliveiras e das romãzeiras.

Em vão procuramos colônias agrícolas, tendas de acampamentos, atalhos de rebanhos e de nômades. Só irrompe a geografia milenar, com seu silêncio ecológico e eloquente de eterna presença adusta. Não se entrevêem as estações, não persiste ali a primavera cantada por David. Só uma geografia milenar, onde as côres são sempre minerais, com reverberos fulgurantes. Jacob Steinhardt não se interessa por uma programação apologética da nova Israel, não faz nada que se assemelhe a cartaz turístico, a mural de efeito oficioso, como vemos por exemplo em Buenos Aires no Teatro Popular Judeu IFT. Seu intento nestas gravuras austeras não se assemelha ao intento painelístico de Julio Baragán, Marina Bengochea, Andrés Calabrese, Jorge Gnecco, Luís Pellegrini, Eolo Pons e outros que Carlos Giambiaggi reuniu para aquela experiência plástica de caráter coletivo. O intento de Jacob Steinhardt é outro: gravar o chão das doze tribos prometido por Jeová a Abraão, Isaac e Jacó, para lá da terra dos amoreus. Dir-se-ia que Jacob Steinhardt gravou naquele punhado de terra do vale de Eshcol para lá de Kadesh-Barnea. Nessas gravuras há uma voz em potencial que pode mas não quer dizer: "Eis que Jeová, teu Deus, te entregou a terra; sobe e toma posse dela; não temas nem te assustes. É terra boa a que Jeová nosso Deus nos está dando".

Constantin Brancusi

José Geraldo Vieira

Faleceu a 16 de março, de madrugada, em seu ateliê do Impasse Ronsin em Vaugirard, o escultor Constantin Brancusi. Já estava com oitenta e um anos de idade e sua última exposição de ressonância universal foi em 1955, no Museu The Solomon R. Guggenheim.

Positivamente um dos maiores escultores de todos os tempos, quanto mais Brancusi envelhecia corporalmente mais novo permanecia nas mãos e no espírito. Nasceu em 1876 em Pătrășeni, aldeia rumânica dependurada num dos flancos dos Carpatos. Descendente de nobre família rural — cuja obstinação sólida e instintiva conservou sempre até nos meios cosmopolitas segundo acentua tão bem R. V. Gindestael — partiu ainda menino para matricular-se na Escola de Belas Artes e Ofícios de Craiova, indo mais tarde, na juventude para Bucareste cuja Escola de Belas Artes cursou.

Já se achava senhor de todas as técnicas artesanais, inclusive a talha direta, quando chegou a Paris em 1904 e se matriculou na Escola de Belas Artes. Aluno do professor Mercier, esteve praticando também algum tempo com o velho Rodin. Mas logo deixou aquele ateliê vulcânico de lavas brancas e que tanto admirava, explicando de maneira muito simples: "Nada pode crescer direito debaixo das grandes árvores...".

Suas obras da juventude, *O Sal da Terra*, *O Beijo* e *A Oração*, constituem hoje o que retrospectivamente se pode chamar o seu ciclo rumânico que se interrompe em 1908 para dar lugar a uma revolução plástica na escultura. Evitando a vaidade e o virtuosismo da iteração, da cópia e da analogia, da carne viva retorcida em monumentos retóricos, tratou de reconduzir a escultura para a realidade da matéria direta.

De então para cá até morrer no início da primavera de 1957, realizou e multiplicou o seu mundo plástico e poético, com uma regularidade extraordinária, onde os problemas da idéia se coaptavam aos da forma através duma produção cujo cunho era o ascetismo. Lançou-se desde cedo na talha direta, criando formas arquetípicas como *Adão e Eva*, *Sócrates*, *O Filho Pródigo*, *A Feiticeira*, no período entre 1921 e 1924. Daí por diante passou a atacar a pedra e o mármore, "perscrutando a substância", em unidades como *Cariátide* e *O Rei dos Reis*. Fêz da sua escultura uma "fonte de luz e de espiritualidade", passou concomitantemente a lavar a madeira, a servir-se do metal, do bronze, do cobre polido, até infundir-lhes um reverbero *sui generis*.

Trabalhando primeiro na escultura fechada e maciça em obras que tantos escultores ainda imitam hoje em dia, atingiu mais tarde ritmos espaço-dinâmicos. Insistiu mais, e sempre foi mais imitado nas fases de peças rílicas e quase angélicas dos ovoides, como em *O Recém-nascido*, *Cabeça de Criança*, *Pássaro no Espaço* e *Narciso*.

Há que acentuar ainda o período antropomórfico de temas como *Princesa X* e *Mademoiselle Pogany*. Seus mais recentes trabalhos, *A Coluna Infinita*, *Leda*, *O Milagre*, *O Peixe*, *A Foca Branca* e *A Tartaruga alada*, constituem um ápice, um apogeu, conquanto realizados já entre a idade madura e a velhice. Hoje que se ausentou para sempre do perímetro confuso e cáldo do seu ateliê do Impasse Ronsin, deixou ali, no chão, nas paredes, nas prateleiras e nos armários um mundo de formas puras, de aves do Éden, de galáxias caídas. E entre elas se podem

ver os estudos de *O Rei dos Reis*, para cuja côrte subiu sua alma como aquele *Pássaro Rumo ao Espaço*.

Quando Constantino Brancusi chegou a Paris, vindo da Rumania, e principiou a trabalhar no ateliê de Rodin, a escultura do século XIX tinha atingido o máximo da expressão antropomórfica e zoomórfica através de sete grandes escultores: Jean-Léon Gérôme, Jean Baptiste Carpeaux, Antoine-Louis Barye, Auguste Rodin, Lord Leighton, Constantin Munier e Aristide Maillol. E algo novo, diferente, surgia com Jacob Epstein.

O que teria salvo Brancusi do redemoinho romântico-simbolista de Rodin? Evidentemente foi a sua amizade com três figuras de mentalidade revolucionária: Erik Satie, Marcel Duchamp e, principalmente, Modigliani. Esses três serviam de válvulas de manômetro para que Brancusi descarregasse os eflúvios emanados das barbaças proféticas de Rodin.

Metido bem cedo no mundo maciço e dinâmico da escultura, achou caminhos da mais diversa irradiação. Mas trazia consigo uma índole de prudência, mercê da qual soube esgueirar-se entre os cavaleiros de Gérôme, os novos Ugolinos de Carpeaux, as feras indomáveis de Barye, o victorhugoísmo de Rodin, os atletas de Lord Leighton, os cam-

poneses iracundos de Meunier, os torsos tentadores de Maillol, as madonas góticas de Epstein.

Diz muito bem Michel Seuphor que a escultura deve ser uma arte lenta, medida e voluntária, que exige precisão e uma certa modéstia artesanal.

Que o "panache", o brio e todo e qualquer "trucage" para embair o olhar são incompatíveis com a sua nudez.

De fato, a índole ascética de Brancusi, vindo dum meio bizantino ortodoxo, o fêz refugar aqueles mestres e procurar uma nobreza de criação partindo duma pobreza quase franciscana de intentos comeditos, puros e humildes.

Optou, pois, por uma forma aparentemente primária ou melhor primitiva, de nascimento das coisas, de infância quase uterina ainda de morfologia embrionária.

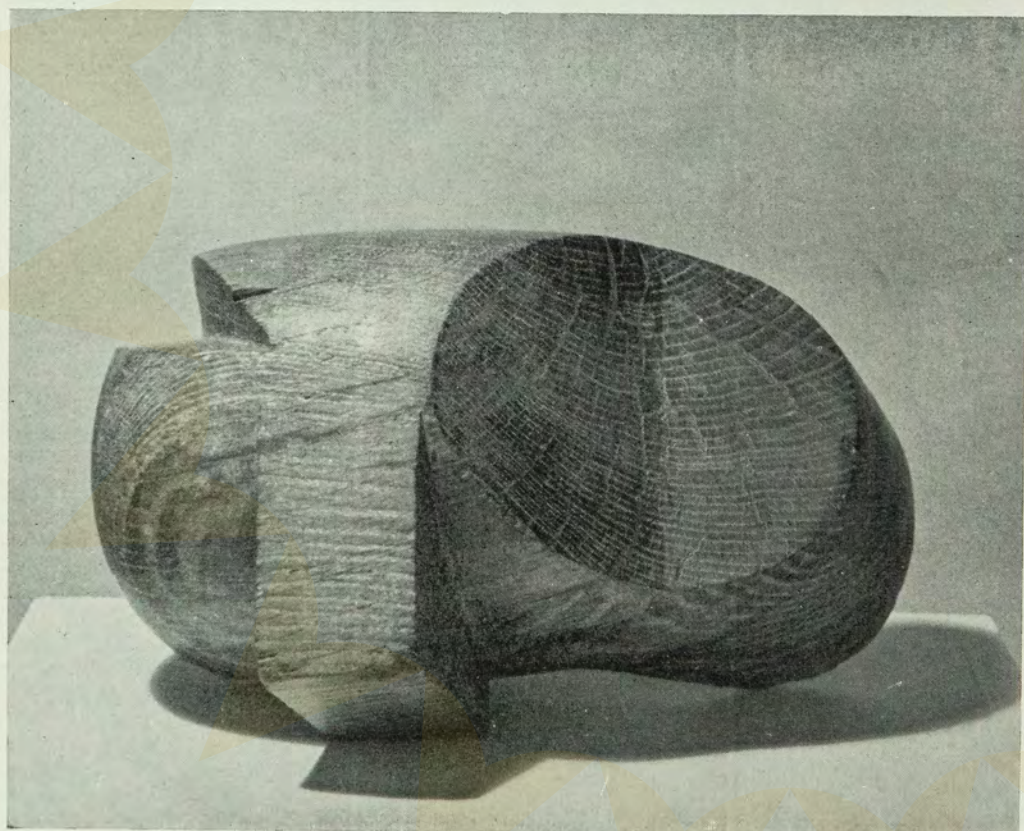
A forma nascente, o movimento placentar, pueril, mal desligado ainda do regaço. Algo assim como o feto humano no dia do nascimento, do olho de água ainda na nascente. Retirou das madres puras e telúricas, formas de ovos, de botões, de linguagem ainda gnômica, inarticulada, em estado de inocência. Essa verdade da forma nascente, sugerida apenas, apresentada antes da conspurcação



Constantin Brancusi, "Cabeça". Madeira. Coleção Yolanda Penteado Matarazzo, Foto: Solomon R. Guggenheim Museum.



Constantin Brancusi, "O Recém-Nascido", marfim, 1915; Coleção Arensberg. Foto: Philadelphia Museum of Art.



Constantin Brancusi, "Cabeça", madeira. Coleção de Yolanda Penteadó Matarazzo. Foto: Oliver Bakes, New York.

com o mundo, com as escolas, com a iteração, foi sempre o seu cuidado.

Por isso sua escultura é um início diferente, uma arte eurística que não busca a invenção disparatada, o arroubo barroco, o virtuosismo paroxístico.

E que foi que principiou a apresentar o escultor nesses seus viveiros de pedras brancas como pombas de mármore, intatos como hóstias, ou de madeiras extraídas de selvas do Eden?

Hoje, em meio à escultura moderna variadíssima (que se tem que classificar como fecha-

da, maciça, aberta, espacial, espacio-dinâmica) quem conhece o surrealismo balbuciente de poesia de Jean Arp achará decerto que imitaram Arp artistas da categoria de Giglioli, Béothy, Lipsi e Vitullo. Imitaram Arp, mesmo quando queriam seguir as formas recatadas, virginais de Brancusi. E ao se ver um torso incompleto mas harmonioso de André Bloc ou de Viani, a gente se lembra sempre de Jean Arp, pois difícil é retroagir para aquela pureza fundamental e hígida Brancusi.

Este, não pode ser comparado a ninguém,

nem mesmo ao Henri Laurens da fase pós-cubista. Permanece intato, não conseguem nem mesmo uma Cleo Hertwig e um Anthoons, um Henri Puvrez, aquela imaculada emanção quase sobrenatural que reside nas peças de Brancusi.

O mundo da escultura pode ser considerado um circo a rodar com cavalos de pau e crianças de carne, segundo a imagem de Seuphor. Mas é também um dédalo de bric-à-brac macroscópico, onde os Quixotes de Adams e Giacometti, as raízes florestais de Germaine Richier e Coutirier se entrelaçam



Constantin Brancusi, "Leda". Marfim com base; coleção do "The Art Institute of Chicago". Foto: Solomon R. Guggenheim Museum.

com os reis marsupiais de Henry Moore, as estátuas jacentes de Brenninger, as constelações tentaculares de Calder, os jazigos irônicos de Georges Adams, a cavalaria briosa de Marino Marini, os monstros dóceis de Minguzzi, os blocos alfandegários de Wotruba, os totems de Lipchitz, ou touros de Cristino Mallo, os potros de Probst, os grupos caminantes de Kenneth Armitage, as gotas de chumbo derretido em lágrimas e sangue de Reg Butler, os ferros da oficina atacadista de Lynn Chadwick.

De raro em raro os olhos se detêm em formas resultantes da técnica mais avançada dum Naum Gabo ou dum Pevsner e se convencem daquela necessidade para o escultor de fazer arte lenta, medida e voluntária, que exige precisão e modéstia artesanal.

Ora, atualmente a escultura de vanguarda sem ímpeto expressionista mas com poder virtual de dinamismo e estática, está abandonando o ateliê e transferindo-se para oficinas elétricas, para verdadeiras usinas de forjas, a fim de extrair peças equilibradas e finas de geometria espacio-dinâmica que obtém no ar uma inclusão de beleza. Ao passo que no labor digital de Brancusi não se nota a máquina, o torno, o perfurador, a solda, correspondentes ao artesanato técnico moderno. Notam-se as mãos e, como que, o hálito criador.

Não foram os críticos que perceberam as criações de Gênese de Constantin Brancusi. Foram os amadores, os intuitivos, que viram na placidez de certas formas (repito) embrionárias um discreto encantamento, o fascínio simbolista quase ainda de Jean Arp mas já recuado para um primitivismo de inocência criada, quase fluidica, ao mesmo tempo desabrochar a síntese, abrir de sepalas e de asas e cristalização sobrenatural.

Se encarmos com frieza proposital de classificador a obra de Brancusi, esquecendo aqueles se assemelham de longe à sua maneira, os discípulos idôneos ou os imitadores complexados, se esquecermos Viani Puvrez, Béothy, Lipsi, Giglioli, Bloc, Vitullo, e Anthoos, temos que situá-lo apenas entre Henri Laurens e Pevsner. E então verificaremos que ele produziu uma escultura sensitiva em

têrmos de puro interesse estético. Não vemos um técnico de braços arregaçados rente a bancas e fornos de oficina, entre soldas e interruptores; vemos um artista clássico, de mãos nuas querendo e conseguindo extrema simplificação da forma, sublimação do material e do ritmo. Aquilo que tão bem definiu Paul Morand ao dizer nas Brumer Galleries diante dum mármore que parecia uma flor fechada, uma pomba dormindo ou um ombro de arcanjo: "Chegou ao polo extremo, onde só paira a pureza. A satisfação que experimentamos diante da sua arte é de uma qualidade tão imaterial que não a sentimos pelos sentidos mas só pelo espírito".

De fato, mesmo diante da peça híbrida *O Chefe*, com seu considerável senso de humor já observado por Lincoln Rothschild, a reminiscência da escultura dos negros africanos não lhe confere um ar hirsuto de ídolo. Pois não é só a cabeça do *Chefe* que empolga como algo retirado das águas do Congo; é também a madeira em traves superpostas, horizontais, que deixam de agir como suporte para se sublimarem em celuloze telúrica, com a força potencial das selvas.

O afã artístico de Brancusi difere da intenção de harmonia episódica de Henri Laurens e não padece de proveniência de oficina que carimba todos os cristais formidáveis de Pevsner. O que prevalece na sua escultura maciça é a leveza resultante, mesmo em blocos pesados, do tratamento poético, quase litúrgico da "superfície". Há ali uma desteridade digital, de Criador que cria com afago e ternura.

Essa maneira *sui generis* de colocar por exemplo aquela cabeça que está na coleção de Da. Yolanda Matarazzo em cima dum pedestal de madeira como coisa decepada, da cabeça de martir, o contraste da alvura da cabeça exangue com a superfície da ara de fibra de tronco, cria uma lei estética de gravidade. Aquêlê mármore *O Recém-nascido*, da coleção Arensberg, tem o mistério vitelino do ovo que se vai desenvolvendo em ave, é um estágio pré-consciente de forma em potencial já desabrochando, imaculado e liso. A peça *Leda*, tão diferente da de Puvrez e pertencen-

te à coleção do Instituto de Arte de Chicago (donativo de Katherine S. Dreier) tem uma síntese primordial envolta ainda em mistério embrionário.

Repetimos que, com a morte de Modigliani, não caberia à crítica descobrir a arte de Brancusi nem senti-la. Foi a intuição de amadores como John Quinn, Louise e Walter Arensberg e Katherine Dreier que descobriria a especificidade de Brancusi. Por isso, na última exposição global de suas peças na Fundação Solomon R. Guggenheim, os 59 elementos plásticos e os 10 desenhos não foram retirados de museus europeus, a não ser do Museu Nacional de Arte Moderna de Paris; foram descobertos por James Johnson Sweeney em museus norte-americanos e entre colecionadores disseminados desde o Atlântico até o Pacífico. (Museu de Arte de Filadélfia (das coleções Gallatin e Arensberg); da Galeria de Arte da Universidade de Yale; do Museu de Arte Moderna de Nova York; do Instituto de Arte de Chicago; de mãos de colecionadores como Yolanda Matarazzo, Pierre Roché, Lee Aault, Richard Davis, Marchel Duchamp (seu grande amigo), Sturgis Ingersoll, Walt Kuhn, Isadore Levin, Sally Lewis, Pierre Matisse, Hilda Clausen Rodman, Frederick Staffor, Edward Steichen, John Wintersteen e Sra. J. C. Guggenheimer. Do ateliê de Brancusi, em Paris, vieram 7 peças que nunca haviam sido expostas.

Hoje em dia, dentro de certa modalidade já acima citada de produtos análogos em que se empenham André Bloc e Giglioli, Béothy e Viani seguindo e desenvolvendo o surrealismo potencial de Jean Arp, há a bem dizer um caminho para o público chegar a Brancusi, da mesma maneira que uma doutrina de Mestre pode ser conhecida através das epístolas de seus apóstolos.

Ac ver as peças reproduzidas aqui de Brancusi em excelentes fotografias, o leitor se deslumbrará diante duma escultura nova, diferente, mas já preparado pelo trabalho de discípulos divulgadores.

Porém a essência tem que ser sentida diante do mestre, em face dos seus atributos eurísticos de protótipo.



Da "Séria Trágica", (Morte da mãe do artista), 1947, carvão.



"Retrato de René Drouin", 1947, carvão.

Desenhos de Flávio de Carvalho

Sempre estranhamos que Flávio de Carvalho não tivesse exposto nas Bienais de São Paulo os seus desenhos que, sem dúvida, constituem uma série de importância invulgar em nossas artes gráficas e que formam com suas telas, de cromatismo plástico e elaboração ainda dadaísta, uma simetria característica de sua maneira pessoal inconfundível.

Agora Flávio de Carvalho apresentou ao júri de seleção da IV Bienal telas e desenhos. O resultado já é do domínio público e veio exteriorizar mais um aspecto do artista: sua reação humana, através de manifestações, polémicas, e sua solidariedade com os artistas que passaram pelo mesmo transe.

De qualquer forma que o problema se apresente, e que é complexo, o material que Flávio de Carvalho apresentou recentemente na Galeria Ambiente — desenhos — facilita ainda agora uma afirmativa de suas qualidades e possibilita no campo dos debates uma objetividade para que as opiniões se estratifiquem.

Pioneiro do dadaísmo e do expressionismo entre nós, Flávio havia serenado pachorren-

tamente após os debates do modernismo, mormente quando manobrava a estratégia polémica da CAM, êsse prosseguimento junto com a SPAM da demarcação revolucionária da Semana de Arte de 1922.

Desde os briosos tempos do Salão de Maio, que em São Paulo precedeu o de Bernard Dorival em Paris, sua reputação se firmou através duma atividade muito individual através do desenho centrípeto e da pintura pós-dadaísta. A arte moderna entrou no Brasil através do expressionismo germânico, mas não é êsse motivo cronológico que insere Flávio de Carvalho em tal módulo temperamental e dialético. Sua personalidade incisiva marcou desde logo no mormaço pós-impressionista algo da força dos nabis e dos fauves; dêles se diferenciando, porque Flávio de Carvalho nunca foi um empírico. Seu grafismo na atividade antropomórfica do desenho e seu plasticismo parenquimatoso na pintura interpretativa e psicanalítica são atuações que diferem das das turmas da Ponte e do Cavaleiro Azul. Melhor seria filiá-lo primordialmente aos dadaístas de Tzara.

Cuidamos que a categoria do seu desenho tornar-se-á clássica no sentido de perduração. E isso pelos processos técnicos e pelos resultados pois nos retratos êle vinca sarcásticamente a psicologia das pessoas, fazendo-lhes através dos semblantes tomografias cruas da alma e do subconsciente. Obtém isso com uma energia de croquis e *radierung*, numa aparente instantaneidade, depois estrutura, e as linhas estratificam-se, organizam-se resultando uma volumetria pelo efeito cúbico. Êsse nexo de centralização aberra das leis do desenho periférico trabalhado geralmente em contorno. É que aquilo que o interessa no retrato não é o semblante, o porte, a analogia bonita, a psicologia academizante. É a alma, a profissão, o super Ego, são os recalques, as máscaras, as simulações. Seus desenhos são anotações psico-somáticas, verdadeiras verônicas do subconsciente.

Êle tem razão em afirmar que essas linhas de força dos seus desenhos são da maior importância não só para o equilíbrio cúbico da obra de arte figurativa como também para a exteriorização do que está atrás do semblante humano.



"Nú", 1956, nankim.



"Retrato da minha Professora de Canto", carvão.



Retrato da artista Madalena Nicol, cantando Debussy.

"Estudos", 1956, nankim.



"Retrato do pintor Aldo Bonadei", 1946, nankim a pincel.





A celulose dos trapeiros

A propósito dum escultor primitivo: Manoel Gonçalves dos Santos

Fotos: Alice Brill - Czapsky

Os artistas de elaboração primitiva e ingênua vão ficar em foco por ocasião da IV Bienal de São Paulo, pois já se sabe que a França enviará uma equipe do seu bando *naïf*. Assim é que, segundo consta, o lote de primitivos franceses apresentará trabalhos de Serafine Louis, Eve, Bauchant, Bambois, Vivin, etc. Temos os nossos primitivos de índole ecológica e rural, bem como alguns de manifestação diretamente folclórica. Vem pois a propósito lançarmos através de *Habitat* um primitivismo inteiramente inédito nas rodas artísticas. Trata-se de Manuel Gonçalves dos Santos, um escultor.

Na vida civil êsse homem, hoje aposentado de seus cargos rotineiros, foi pintor de paredes, tendo se especializado em letreiros, desenhos para estampania e esmaltação de móveis. Nasceu no Salvador, está agora com cinquenta e quatro anos de idade, veio para São Paulo em 1926. Até 1942 foi guarda ci-

vil. De 1945 a 1949 trabalhou como porteiro do Hospital das Clínicas.

Como e por que inseri-lo entre os nossos artistas ingênuos, sem uma exposição individual que lhe objetivasse o trabalho?

É que suas exposições são permanentes na calçada e no quintal da sua casinha anônima encravada entre palacetes da Alameda Santos.

Manuel Gonçalves dos Santos inventa, compõe e fabrica esculturas com papel. Valse da celulose dos trapeiros, de jornais velhos, restos de embrulhos, trapos, e arma esculturas majestosas, equestres, antropomórficas, históricas, folclóricas e monumentais.

Costuma expor seus bonecos ocos, de tamanho sobrenatural, ali no seu bairro, para gaudío das crianças e dos transeuntes. Forma assim um mafuá *suigeneris* no seu quintal, nas suas salas, na calçada da sua rua.

Impregna o papel de polvilho e cola, dá-lhes pedestais de madeira com rodas primitivas para deslocá-los, varia de temas; *Lampião e Maria Bonita*; *Helena montada no cavalo de Tróia*, *Iemanjá*, *Vaqueiro*, *São Jorge*, etc.

Equilibra isso em plataforma de madeira, dentro de caixas de papelão, arma-lhes chapéus multicores, enfeita tudo com rosáceas vermelhas e verdes, azuis e violáceas, anexa-lhes espadas de pau, luvas carmezin, faixas de pano, serpentinas à guisa de rédeas; e cria assim um circo estático, o seu Museu Grévin particular.

Para "melhorar" efeitos, põe nas damas véus nupciais, botas da Idade Média, e sua Helena de Tróia tanto é grega como é nórdica, tanto é das tragédias como dos menestréis, tanto é histórica como lendária.

No barracão que serve de remise para tudo isso quando recolhido da "exposição pública", há na madeira das paredes capas de revistas, *O Cruzeiro*, *Life*, *Squire*, *The Fortune*, *Revis-*



ta da Semana, Habitat. Ora isso cria ambiência de ateliê.

Nas suas mãos ingênuas de contra-mestre de monumentos de celulose há a febre da realização e do remate.

A realização é paciente, inspirada, de pura tradição popular. Figuras humanas, cavalos, bois, ocos por dentro, frágeis à chuva e às intempéries, demonstram em Manuel Gonçalves dos Santos um primitivo, de artesanato mais que empírico. Seus *prestitos* nada têm de carnavalesco; são compostos de unidades que ele elabora com a celulose e o polvilho, a cola e a tesoura, o fogo e a água, os dedos e o metal, a paciência e o entusiasmo.

O remate são as flores, os chapéus, as luvas, as campainhas, as botas, os lenços, os chapéus, os véus, os cabeçalhos.

Todo esse material à noite assume aspectos de caverna de Ali Babá. Manuel Gonçalves

dos Santos projeta sobre o seu mundo equestre e ortoestático um farol com várias cores, e assim motivos milenários, como Helena no seu cavalo de Tróia, se humanizam em camaradagem com Iemanjá e com Maria Bonita bem locais, do Itapoã e do Nordeste.

É um mundo onírico, emendado, amarrado, cozido, colado, com olhos de vidros, óculos de piloto de avião, botas de sete léguas, sobancelhas de Clemenceau e Monteiro Lobato, cartolas de Mucio Teixeira e luvas de Miss Brasil.

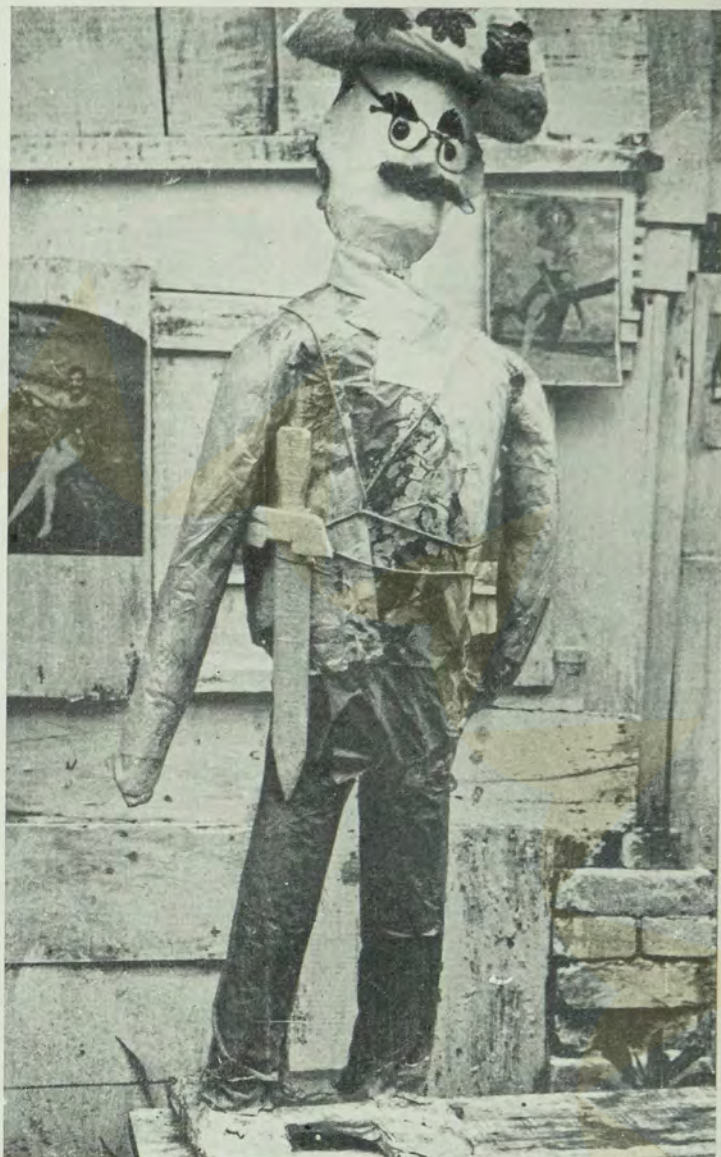
São abundantes em artes visuais os artistas do desenho e da pintura. Mas um escultor primitivo é raro. Mais raro ainda um escultor que consente à suas peças a vida curta e instantânea das rosas de Malesherbes.

Por mais que Manuel Gonçalves dos Santos cole, cosa, pinte, revista, fortaleça e seus cavalos, seus bois, seus cowboys, seus heróis monumentais, suas damas, seus Tritões e suas

Isoldas, a celulose dos trapeiros fura, é corroida por baratas e ratos, a chuva persegue-a, a criançada "tasca-a" como se fôsse papagaio.

Efêmera, de vida curta é a glória de suas esculturas. O papel volta impreterivelmente à celulose donde promanou. Mas Manuel Gonçalves dos Santos reestrutura, emenda, tapa, costura, cola, reorganiza, apoia, equilibra, dá novo alento às suas figuras.

Eis um primitivo que cumpre inserir na nossa equipe de ingênuos. Que seu préstito desfile perante a crítica e que seu nome apareça nas revistas de arte ao lado dos de Bombois e Vivin. É uma justiça que se impõe. Com estas fotografias ilustramos o acima dito e prolongamos em apêndice ainda oportuno um aspecto que faltou no Salão Baiano realizado recentemente no Museu de Arte Moderna de São Paulo: Um primitivo. Um escultor.



A IV^a Bienal de S. Paulo

Convocados para integrar o Juri de Seleção da IV Bienal de São Paulo, desde logo buscamos estabelecer o critério fundamental que, no exercício de nossa função específica, deveríamos observar. Debatido amplamente a questão, assentamos que nosso dever era escolher, entre as peças enviadas espontaneamente pelos artistas, aquelas que merecessem juntar-se num conjunto representativo do melhor da atual produção artística no Brasil. Tal critério, por si só, exigia do Juri, largueza de vistas e severidade de juízos. Por um lado, estávamos impedindo de excluir qualquer das muitas tendências verdadeiramente modernas desde que, na obra por ela inspirada, fosse atingida, com o mínimo imprescindível de domínio técnico, solução satisfatória para o problema proposto. De outra parte, deveríamos manter-nos sempre fieis ao desígnio de não permitir que os juízes se abrandassem por considerações exteriores à órbita da ação seletiva. Em outras palavras: as obras seriam escolhidas tão só por seu valor intrínseco.

Poder-se-á assinalar — e, de fato, existe — uma discrepância entre o critério ora adotado pelo Juri de Seleção e o que ditou a composição do conjunto nacional em Bienais anteriores. Poder-se-á também observar — novamente com razão — que outras distinções anteriormente conferidas, nas Bienais ou fora delas, não influíram na atual escolha. Tais fatos e as vozes autorizadas que defenderam a possibilidade de aproveitar-se um maior número de obras e artistas, sem, contudo, desmentir-se o critério fundamental. Entretanto, conclui-se afinal, pela necessidade de colocar acima de quaisquer considerações o objetivo primordial de compôr um conjunto de peças, heterogêneo pelas tendências, porém unificado num mesmo e bom nível artístico que pudesse assegurar ao Brasil a posição que verdadeiramente lhe cabe no confronto internacional.

A consolidação do critério exclusivamente seletivo não chega, aliás, a configurar uma solução de continuidade. Antes de mais nada cabe observar que as três Bienais já realizadas, longe de continuarem uma tradição, representam, na melhor das hipóteses, três etapas duma experiência que deverá prosseguir até alcançar-se o resultado melhor, ainda no longínquo.

Depois, vale observar que, realizadas enquanto se constituía e desenvolvia a instituição promotora, aquelas primeiras tentativas não puderam por fatores circunstanciais irremovíveis, escapar a certas falhas que estávamos no dever de corrigir na situação atual, sobretudo quando desejávamos contribuir com um progresso, pequeno, embora, no sentido dos objetivos superiores e permanentes da Bienal de São Paulo. Se nas ocasiões anteriores a participação de artistas e a apresentação de obras de reconhecido valor não bastariam para desfazer a impressão de que, artisticamente, o Brasil se encontrava, aquém das mais modestas previsões, forçoso se tornava concluir que aqueles índices altos então se viram sacrificados por uma vizinhança menos meritória e por demais numerosa. Impunha-se, agora, preferir a quantidade à quantidade. O critério inicialmente estabelecido pela consideração genérica do problema da seleção, de tal modo acabava por firmar-se, na apreciação da situação concreta, como uma necessidade.

Obediente a tais diretrizes, trabalhou o Juri de Seleção, na humana medida das suas reais possibilidades de juízo coletivo. Teve sua atividade facilitada pela ausência de artistas convidados, como desta feita decidiu a direção da Bienal, pois quantos se inscreveram e apresentaram obras que puderam ser considerados num mesmo pé de igualdade, o que equivale a dizer que só se atendeu ao valor específico das suas produções.

Não caberiam, portanto, no conjunto selecionado, nem trabalhos apenas promissores, nem peças que só se justificassem pelo anterior a inspirar respeito ou restrições a cada membro do Juri, individualmente — foi ignorado no juízo coletivo que não poderia permitir desafios sentimentais ou opinativos ao desejado nível comum da representação brasileira. Se esse nível realmente acabou por estabelecer-se e vuderam os visitantes da IV Bienal reconhecer que, em relação às tentativas anteriores, houve melhoria qualitativa da representação brasileira, conseguiu o Juri de Seleção cumprir o que entendeu de seu dever e, portanto, considerar bem recompensados seus trabalhos e preocupações. Que, aliás, não tem, nem poderiam ter outra paga.

Resultou, da seleção realizada, a seguinte relação de artistas que integrarão a representação brasileira à IV Bienal de São Paulo:

PINTURA: Aloísio Carvão, Alfredo Volpi, Clara Heteny, Danilo Di Prete, Elisa Martins da Silveira, Elide Monzeglio, Emeric Lany, Ernani Vasconcelos, Frans Krajeberg, Hermelindo Fiaminghi, Ione Saldanha, Ivan Ferreira, Serpa, Jacques Douchez, José Fábio Barbosa da Silva, Leopoldo Raimo, Leyla Perrone, Luiz Sacilotto, Lygia Clark, Maria Leontina, Mauricio Nogueira Lima, Milton Dacosta, Paulo Rissone, Raymundo Nogueira, Sanson Flexor, Tereza Nicolao, Waldemar Cordeiro, Willys de Castro.

ESCULTURA: Agnaldo dos Santos, Bruno Giorgi, Franz Josef Weissmann, José Pedrosa, Sérgio de Camargo, Mario Cravo, Moussia Pinto Alves, Zélia Salgado.

DESENHO: Aldemir Martins, Anatol Wladyslaw, Arnaldo Pedrosa d'Horta, Fernando Lemos, Francisco Amendola da Silva, Helio Oiticica, Hercules Barsotti, Hilde Weber, José da Silva, Karl Plattner, Lothar Charoux, Wega Nery Pinto, Yolanda Mohalyi, Tiziana Bonazzola.

GRAVURA: Anna Letycia, Edith Behring, Arthur Luiz Piza, Dorothy Bastos, Faiga Ostrower, Karl Heinz Hansen, Isa Leal Ferreira, João Luiz Chaves, Lygia Pape, Rossini Perez.

Essa relação, completa e definitiva no que respeita às peças que chegaram efetivamente à sede da Bienal e foram submetidas ao Juri de Seleção, poderá ainda sofrer alguns acréscimos no que respeita aos trabalhos de artistas brasileiros que, enviados do estrangeiro, aportarem ao Brasil em tempo hábil para cumprir as exigências regulamentares, mas foram retidas na Alfândega por dificuldades burocráticas de desembaraço aduaneiro. Resolveu a direção da Bienal que, para todos os efeitos, essas obras permaneceram no direito de serem submetidas à comissão selecionadora. Só por acreditar possível sua chegada a São Paulo durante semana é que o Juri de Seleção retardou a assinatura e publicação desta ata de trabalhos, na esperança de evitar listas aditais. O que, contudo, se tornou impossível, pois não se confirmou aquela previsão, fazendo-se imperativa a necessidade de, na ocasião oportuna, publicar-se a relação suplementar das peças que eventualmente venham a ser selecionadas entre as do lote que ainda permanece na Alfândega.

(ass:)

Lourival Gomes Machado - Livio Abramo
José Geraldo Vieira - Flávio d'Aquino
Armando Ferrari

São Paulo, 21 de Maio de 1957

A secretária da IV Bienal de São Paulo, está remetendo para cada artista inscrito comunicação pessoal com a decisão do juri, especificação das obras aceitas e, para os artistas cujas obras não foram aceitas as modalidades para a retiradas das mesmas, seja em São Paulo como no Rio.

A Turquia na IV Bienal

"Para a sua primeira participação da IV Bienal de São Paulo, a Turquia escolheu seis artistas, com idade de trinta a cinquenta anos, que constam entre os mais representativos da categoria dos "modernos". Estes artistas, na maioria formaram-se nos ateliês parisienses em contato com os grandes precursores de nossos tempos" escreve o Sr. Sabri Berkel na introdução ao catálogo que acompanha as obras enviadas para o certame paulista.

Bedri Rahmi cultiva uma cultura de caráter popular, si bem que moderno, sendo o único artista figurativo da delegação. Os outros cinco são todos de tendência abstrata, sendo dois (Bara Hadi e Koman Ilhan) escultores; o restante (Berker Sabri, Yem Nuri e Muritoglu Zuhtu), pintores; num total de 25 obras.

A Colômbia na IV Bienal

Quatro artistas vão integrar a delegação colombiana na Bienal deste ano, sendo três pintores e um gravador (Guilherme Silva Santamaria), num total de 17 obras. Entre eles encontra-se Alejandro Obregon, bastante conhecido pela constante divulgação dada a suas obras pela imprensa de toda América. (e que já participou com a União Panamericana, da III Bienal) que enviará quatro óleos. Virão também o conhecido pintor Enrique Grau e o abstracionista Eduardo Ramirez.

A diretoria do Departamento de Arte da Universidade de América de Bogotá, Sra. Marta Traba, informou a Bienal que a delegação tem sido organizada por aquela instituição universitária que tem o maior interesse e empenho em ver participar alguns dos mais notáveis artistas jovens colombianos, num certame da ordem internacional e da projeção qual a Bienal de São Paulo.

A Espanha na IV Bienal

A Secretária da IV Bienal de São Paulo comunica ter já recebido da Espanha o material de inscrição relativo à sua delegação. Trata-se de cerca de 100 obras dos mais destacados valores modernos daquele país, que poderão dar uma perfeita visão panorâmica do momento plástico espanhol.

"A arte espanhola contemporânea é uma realidade", escreve o sr. Luis González Robles, do Museu de Arte Contemporânea de Madrid", indicado também como comissário da delegação; "a atual pintura espanhola é uma lógica continuação histórica da pintura espanhola de sempre". Escreve ainda na introdução do catálogo: "sendo nosso propósito apresentar uma participação espanhola equilibrada ao máximo, tentamos mostrar as últimas tendências da nossa pintura dentro de suas grandes linhas tradicionais. Escolhemos Quirós, Guinovart, Vento, Capuleto e o escultor Planes, entre os de tendência expressionista; Tapiés, Feito, Rivera, Millares e o escultor Oteiza, por considerá-los mais expressivos entre os de tendência abstrata". A delegação é constituída por dez artistas entre os quais Antonio Tapiés, que já expôs no Brasil (na II Bienal de São Paulo, em que obteve um prêmio de aquisição), sendo todos os outros conhecidos através das publicações de arte e pelas inúmeras exposições no mundo todo, inclusive a Bienal Hispano-Americana.

A delegação apresenta um material variado e interessante apresentando todos artistas da nova geração (nascidos entre 1910 e 1930) com a única exceção de José Planes (1893), que se inscreve perfeitamente no quadro constituído, trazendo-nos o que pode haver de mais atual na contribuição espanhola à arte contemporânea.



"Au Dôme".



Retrato de Bandeira.



Testemunhos próximos

Desenhos de Sylvio Jaguaribe Ekman



O mundo artístico e intelectual de Paris não está concentrado apenas em ateliês e bibliotecas; extravasa-se para os cafés e as *brasseries*, e entre os gráficos que surpreendem e testificam essa atividade a atração deixou há muito tempo de ser Montmartre e Clichy para ser Montparnasse e Saint-Germain-des-Prés.

Entre os desenhistas "Testemunhas do seu Tempo", e que, na expressão de Gérard Bauer, "vêm não só o ar e a luz mas também a alma da época que passa", existe uma organização objetiva, direta, com programação real no tempo e no espaço. Basta dizer-se que esse grupo definido da realidade presenciada pela arte tem como diretores de sua entidade elementos como Jean Cassou, Yvon Bizardel, André Chamson, Raymond Cogniat, Isis Kischka e Georges Recio. O grupo expõe anualmente no Museu Galliera.

Será uma reação à fuga do meio, uma reação ao abstracionismo? Pondo de lado polêmicas, aceitemos a explicação de Elie Faure: "Cansado da solidão, o homem chama o seu semelhante para a construção da casa comum...".

Ora, é evidente que esses meios registrados por desenhistas e gravadores não atraem apenas os artistas residentes em Paris; natural mesmo, que a atração se exerça mais sobre os gráficos estrangeiros que chegando a Paris acertaram logo por instinto e se filiam aos bairros comuns da arte.

Assim, se um Tony Agostini desenha a fachada e o terraço do *Café Les Deux Magots*; se Roger Bezombes se planta naquele café e através da vidraça desenha a igreja de Saint-Germain, se Carzou risca de negro em papel quadriculado a perspectiva da Rue des Rennes; se Jean Cassarini surpreende os alfarabistas do Cais Conti onde se dependuram gravuras velhas; se Emile Compard faz croquis da Praça Mabillon; se Raffy Le Persan desenha a Praça du Tertre; se Gaétan de Rosnay risca em síntese de rabiscos vivos a Praça de Furstemberg; — não é de estranhar que um artista estrangeiro, uma vez assimilado por aquele meio de disponibilidade e existencialismo, queira abrir seu canhenho e encher-lhe as páginas com anotações. Foi o que fez Sylvio Jaguaribe Ekman. Sendo, além do mais acima de tudo um arquiteto, compreende-se que aquelas perspectivas de bulevares, ruas, becos, *impasses*, *carrefours* e aqueles interiores de cafés, *brasseries*, recantos de *caves*, fundos de ateliês, fisionomias de colegas célebres e anônimos atraíssem sua atenção.

Ao invés de fotografar, o que seria uma visão direta porém limitada, ele anota o principal, registra a essência, rabisca a minúcia, surpreende o instante, colhe a atmosfera.

Os desenhos aqui disseminados neste artigo não só significam a manifestação ainda não divulgada de sua capacidade para a síntese gráfica, como também o qualificam voluntariamente ou não entre os Artistas Testemunhas do seu Tempo.

Não resta dúvida que Sylvio Jaguaribe Ekman ao aclimatar-se, mesmo momentaneamente à atmosfera típica de Montparnasse, de Saint-Germain, das galerias de arte das exposições, dos terraços e recantos de cafés, das rodas de



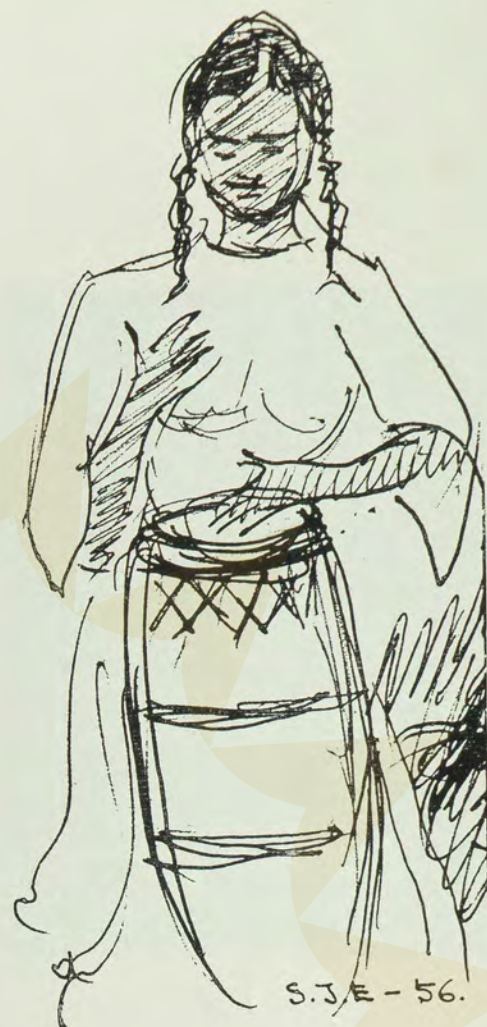
"Heros".

"Youp".





"Club de Saint Germain".

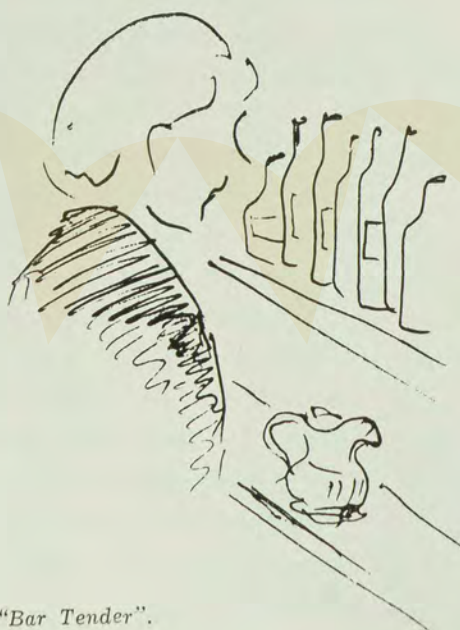


S.J.E - 56.



"Guarani".

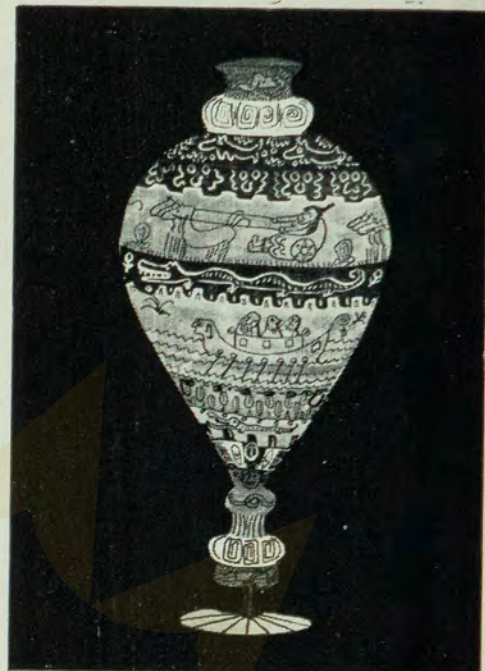
figurativos, abstratos e concretos, não só se enriqueceu com um material local e cosmopolita bem recente e predominante, como também sentiu a necessidade duma atuação. Comparticipou, portanto, reconhecendo inconscientemente ou deliberadamente aquelas palavras de Raymond Cogniat: "Num mundo que tende cada vez mais para a organização de todos os momentos da vida, que procura eliminar as chances e os riscos do acaso, se pode afirmar que a presença e a vigilância do artista formulam um problema que deve ser resolvido. O artista parece, com efeito, encarnar contradições essenciais e incorporar-se mal à sociedade nova que se elabora; mas é exatamente na medida em que ele incorpora tudo isso em si e em sua arte que revelará sua atividade criadora registrando valores ambientes e humanos. (...) Há inúmeras maneiras de sentir-se o artista em comunicação com o seu tempo e expressar isso. Uma delas é averiguar o seu próprio meio, recordar e fixar seus ambientes coletivos, testemunhar aquilo a que assiste e que, sendo obra vária de seus semelhantes, lhe inspira sua própria obra".



"Bar Tender".



"Calipso".



Gerda Brentani

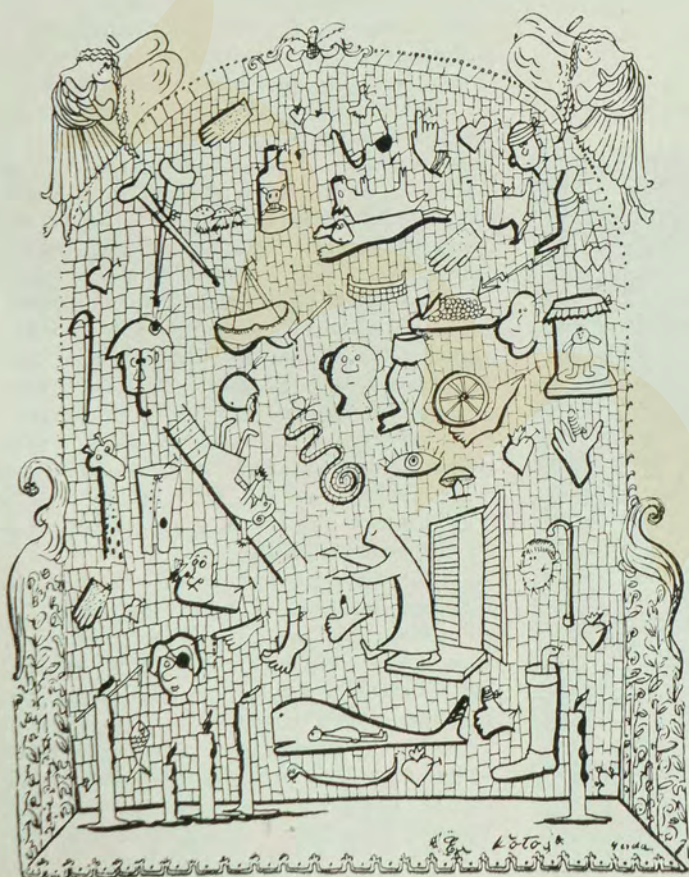


Logo após sua aclimação nas rodas gráficas brasileiras, Gerda Brentani introduziu entre nós uma certa modalidade da caricatura que se diferenciava da *charge* política e da crítica sarcástica de costumes. Sua primeira exposição filiava-se de certo modo a uma aparente ingenuidade primitivista de Ben, o caricaturista de *Nouvelles Littéraires*. Já a segunda exposição, relativamente recente e anterior à publicação dum album, entremostrava um caminho mais amplo, no tempo e no espaço, propendendo para sínteses de nexos episódico. Isso aproximou-a um pouco daquelas características que Conrade Nalé Roxlo soube acentuar nos desenhos humorísticos de Saúl Steinberg.

Agora, na atual exposição realizada no Instituto dos Arquitetos, Gerda Brentani apresenta vários testes de capacitação em artes visuais aplicadas. É outro rumo no sentido de pesquisas artesanais e é outro rumo quanto a objetivos e intuítos. Amplia assim sua indi-

vidualidade, abandona conceituações satíricas, não dá à sua arte uma motivação tão imediata, os enredos, as críticas e a ingenuidade temática desaparecem, e vemos um caminho outro na fatura, na composição, na pesquisa e na finalidade.

Se com isso perde aquela personalidade que as *charges* popularizaram, ganha porém um tirocínio que se adequará progressivamente a intuítos menos diretos com a motivação e mais consentaneos com a criação propriamente gráfica e plástica. A anedota, o episódio, o enredo desaparecem como efeito. A artista volta-se para a obra em si, para os processos puros, neutros, para a organização enfim de suas unidades bem diferentes da antiga. Aqueles, de reportagem através das criaturas e dos ambientes, dão lugar a pesquisas de ordem mais generica, criando ao mesmo tempo uma outra especialização na qual Gerda Brentani modifica e amplia seu setor de atuação.



Artistas argentinos

Leopoldo Presas

Sigwart Blum, Buenos Aires



Leopoldo Presas, "Primavera", Têmpera.



Leopoldo Presas, "Maternidade", Óleo.

Uma obra de arte representa o complexo da experiência da vida, em uma forma imediatamente inteligível. Mas como poderemos, nós espectadores, avaliar o resultado sem conhecer a idéia, a imagem ou sensação que a originaram, sem experimentar nós próprios a mesma intuição ou sermos também diretamente tocados, de uma forma ou outra? No entanto, esta experiência poderá ser comunicada por meio da pintura, e será tanto mais evidente para quem é sensível à magia emanada das telas de Leopoldo Presas. Presas entende a pintura como a transformação de uma superfície, por meio de desenho e cor, até converter-se em quadro. Mas não em quadro representativo, tampouco um quadro simbólico, mas num quadro que tenha vida independente, um quadro-objeto, em que o objeto-sujeito perca a sua soberania tradicional. A arte, - como o sentimento - existe por vontade própria. E por essa vontade própria, pelo evidente prazer de pintar, nascem das mãos de Presas obras de arte que figuram entre as mais belas e decisivas criadas nestes últimos anos na Argentina. São inúmeras as qualidades que concorrem para esse fim, desse pintor que hoje tem pouco mais de 40 anos. Ao lado de um verdadeiro prazer para a experiência, possui Presas uma sólida base de artesanato, uma sensibilidade fora do comum e, em última análise, o talento artístico. Seus quadros não são ridículamente apurados nem revolucionários. Poderiam antes, ser chamados líricos, a maioria tem cores delicadas, sempre muito harmoniosas. Presas gosta de colocar os roxos e azuis ao lado dos verdes e castanhos, misturando-os com delicados tons de rosas para formar com essas cores mosaicos maravilhosos. Na sua arte podemos descobrir inclinações clássicas ao lado de puras abstrações, sendo isto completamente em consonância com o temperamento e a rejeição de qualquer compromisso por parte do artista. O prazer da forma humana que está na base de seu desenvolvimento, se manifesta ainda, mas agora com um anti-naturalismo que testemunha quanto e quão notável caminho Leopoldo Presas percorreu nestes últimos anos. Esse caminho não foi sempre fácil: procedente de um ambiente de pequena burguesia, sua luta para a arte tem sido dura e honesta. Em 1952, após regressar da Europa, a primeira exposição de Presas foi feita novamente em Buenos Aires. Uma grande parte da crítica afirmou naquela ocasião que os novos quadros eram muitos diferentes daqueles que até antes eram conhecidos como "legítimos Presas". Numa longa carta que me dirigiu, Presas lamentava essas críticas, escrevendo: Quero dizer a todos aqueles que pensam que minha viagem não foi sucedida que eu poderia ter facilmente pintado 500 figuras "à maneira de Presas" para vendê-las a essas mesmas pessoas. Mas minha pintura se teria tornado então um triste ofício, e eu não teria mais o prazer e a liberdade que encontro em pintar e que espero aumente cada dia". As telas aqui reproduzidas apresentam tão somente uma pequena mostra de sua produção atual. Mas mesmo nas reproduções em branco e preto podemos facilmente reconhecer a harmonia vibrante de uma composição audaciosa, que empresta a cada tela sua nota especial, que é própria de todas suas obras. Qualquer representação da arte contemporânea da Argentina estaria incompleta sem a inclusão deste pintor. É um nome que devemos lembrar, em nosso continente.

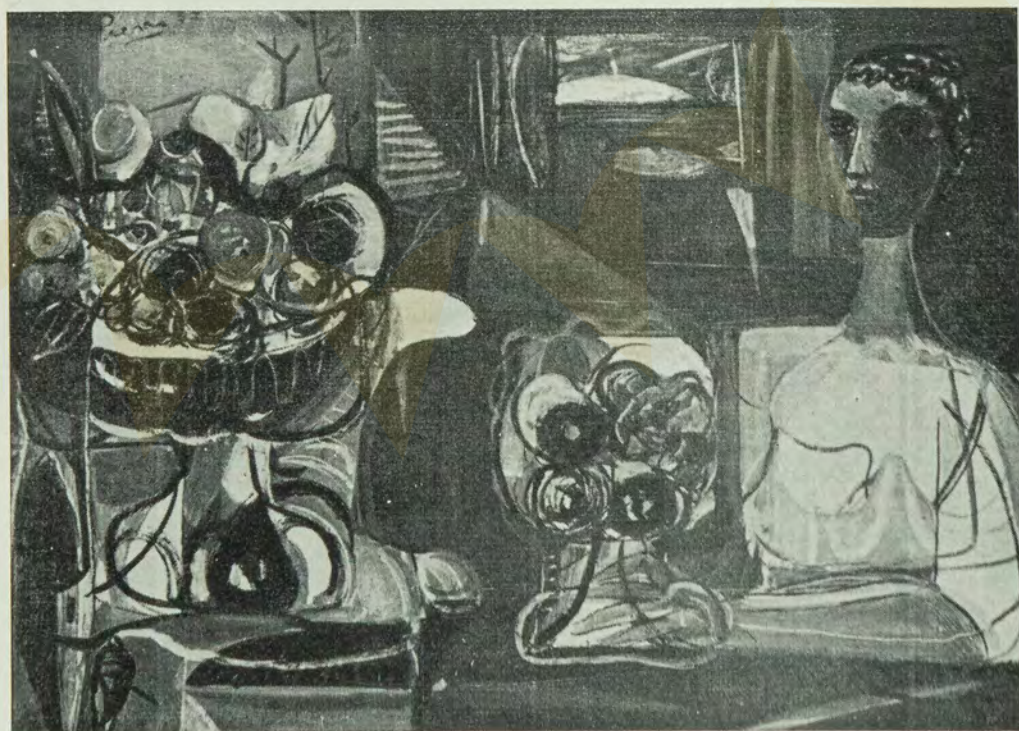


Leopoldo Presas, "Figura", Têmpera.



Leopoldo Presas, "Mulher grávida", Óleo.

Leopoldo Presas, "Natureza morta", Óleo.



Raul Russo



Raul Russo, "Natureza morta", óleo.

Raul Russo, "Paisagem de San Telmo", óleo.



Nascido em 1912, Raul Russo pertence àquela geração de jovens pintores argentinos que integram a representação artística de nossos dias. A pintura de Russo é uma luta empenhativa para a realização de suas intenções artísticas. Ele quer, como todo artista verdadeiro, representar a vida com a mesma força com que ele próprio a sente. O problema que o preocupa poderá ser resumido nessas palavras; "como posso encerrar as minhas sensações da vida em formas artísticas que tenham a força de despertar no espectador os mesmos sentimentos, de modo que não possa mais furtar-se deles?" Esse esforço se afigura tanto maior por ser Russo impelido, pela sua própria sensibilidade artística a escolher a cor como principal meio de expressão. É necessário muito brilho e espontaneidade para ver a Natureza em valores colorísticos, sem qualquer objeto, como Russo quer vê-la. Com audácia pictórica, às vezes lembrando Gischia, em Russo tudo se transforma em cor, sem contudo cair prisioneiro dessa idéia ou de um puro abstracionismo. A lei da harmonia rege suas telas, nas quais sempre persiste o conteúdo pictórico, às vezes um colorido tropical e uma força de luminosidade que essas reproduções não podem, infelizmente, transmitir. Os quadros de Russo brilham como joias e devem ser vistos em cores para que se possa senti-los. Esse colorido vigoroso, em que as cores vibrantes de fortes tonalidades são delimitadas por linhas escuras, e essa simplificação intencional das formas, emprestam a seus trabalhos um acento lírico.

Ao lado de Cogorno, Presas, Soldi, para mencionar somente alguns, Russo pertence àquelas pintores argentinos românticos de nossos dias, que procuram expressar uma beleza não consciente e uma nova forma de humanismo. Seria tarefa dos sociólogos definir até que ponto a pintura do Rio de la Plata foi influenciada pela situação especial em que se encontrou por estar a Argentina longe da segunda guerra mundial. Se não considerarmos a obra da importante pintora Raquel Forner, cujos quadros são uma acusação à humanidade, encontramos raramente traços macabros na arte contemporânea desse país. O conhecido sentimentalismo dos argentinos, como o tango o simboliza, não é encontrado nas obras de pintores de categoria; mas estou convencido de que o pintor que apelar para esse sentimentalismo, encontraria justamente entre nós um especial consentimento. Todavia, os interessados na arte e que pertencem àquele ambiente pseudo-burguês que possui um poder aquisitivo não são ainda tão importantes para que influam, de um modo geral, com algum peso. Assim, com o tempo, manifestam-se sempre mais cristalinos aqueles talentos verdadeiros, entre os primeiros dos quais devemos lembrar Raul Russo.

A sua obra, que figurou em muitas exposições internacionais (Tel-Aviv, Israel, em 1952, Bienal de São Paulo em 1953, "Cinquenta anos de pintura argentina", Chile, Perú, Equador, Exposição Argentina em Nova York e Washington em 1956, Bienal de Veneza do mesmo ano), tende para uma sempre maior simplificação, sem no entanto perder aquele acento que empresta à sua pintura a nota pessoal, que é a marca de toda realização original e fecunda.



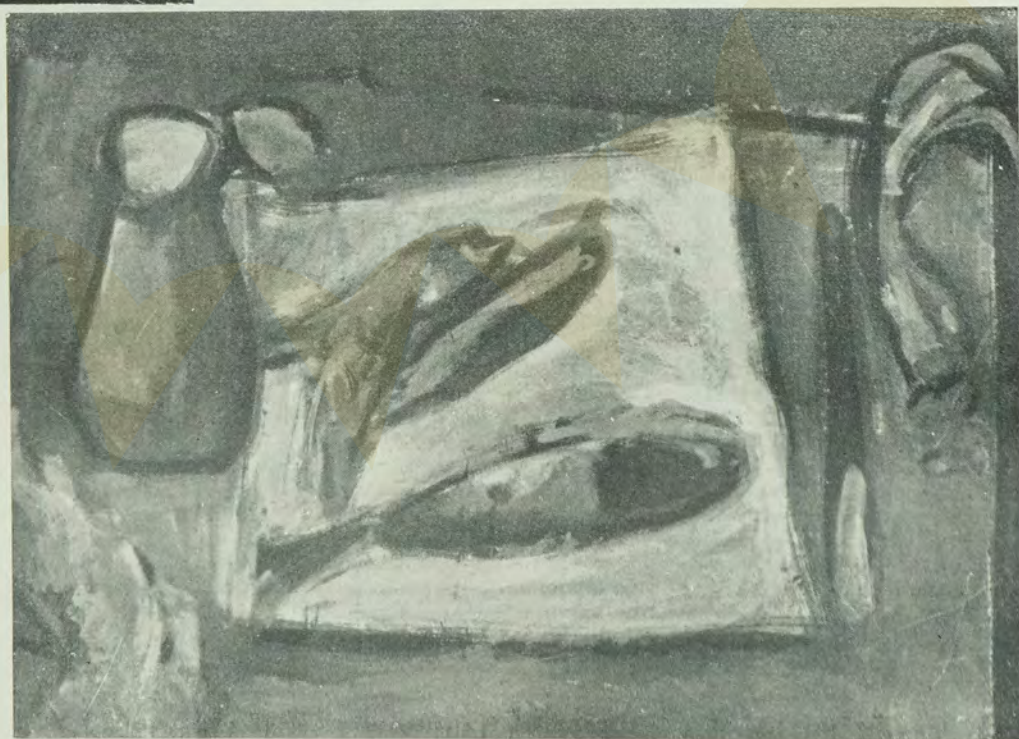
Raul Russo, "Figura de criança", Óleo.



Raul Russo, "Ação", Têmpera.



Raul Russo, "Paisagem urbana", Óleo.



Raul Russo, "Natureza morta", Têmpera.



Thamar de Létay

A propósito de sua exposição na Galeria Ambiente

Yvonne Jean

Havia uma vez uma moça que se chamava Thamar. O lindo nome fora escolhido pela mãe que se lembrava de seu país natal: a Georgia, dos vales férteis, a terra que possui, segundo dizem, as mais belas mulheres do mundo. O pai de Thamar, era magyar; vinha das planícies infinitas nas quais os trigais ondulam, os cavalinhos correm e os tziganos choram. Foi numa terceira terra, não menos poética, que a menina nasceu: na Pérsia das miniaturas e das lendas antigas.

Nasceu sob o signo dos cavalinhos fogosos: os cavalos de raça da Hungria. Os cavalos fabulosos da Pérsia. Como eles, batia com o pé no chão, repetidamente. E ainda criança começou a dançar.

Começou a carreira apresentando danças geórgicas. Durante oito anos familiarizou-se com o mundo da dança e das artes. Dançava e desenhava. Desenhava e dançava. Até o dia em que um acidente no joelho pôs fim à carreira de bailarina. Não desanimou, e aqui que a nossa história começa. Ou, melhor, nossa realidade. Eu estava tão enlevada pelos quadros mágicos que o nome de Thamar evoca, que dava a impressão de um conto de fadas. Entretanto, trata-se de uma pessoa de carne e osso, que mora em São Paulo, há alguns anos. Resolvi entrevistá-la porque se dedica a uma especialidade que poucos poderiam escolher. Prepara ballets completos, escreve o libreto, pinta o cenário, desenha o figurino, faz a marcação, indica todos os detalhes técnicos. Quando idealiza uma dança coreógrafo e costureira encontram o trabalho preparado.

Disse que poucos poderiam desempenhar-se eficientemente dessa tarefa. Com efeito, é preciso conhecer as exigências da dança e a técnica coreográfica. O ballet requer um palco vazio, sem acessórios. Entretanto, é preciso criar um ambiente através do cenário. O ballet tem ainda uma outra exigência: a roupa deve ser pouca, deve permitir movimentos à vontade... entretanto é preciso dar uma impressão de riqueza, dar a impressão que os bailarinos de pernas nuas estão muito vestidos. Nos ballets para crianças que Thamar já realizou aqui, no "show" do Copacabana Palace, do Rio, que preparou, no ballet do Teatro Municipal do Rio, e principalmente nos inúmeros projetos que se encontram

nas gavetas de sua casa, vemos quão bem realizou esta tarefa difícil. Escolhemos um exemplo: o ballet chamado "Os sete pecados capitais".

O cenário é uma grande e luxuosa sala de baile. Sete arcos no fundo. Dois imensos espelhos aos lados. Brancos e pretos, com uma cortina drapeada de um violeto rico. O herói, todo vestido de cinza, com as mãos nuas, em trajes do Primeiro Império, participará do baile e será seduzido pelos sete pecados. Os pecados, que são lindos, dominam o moço, um após outro. O moço sente que algo terrível está para lhe acontecer. Grades acabarão descendo nas sete saídas e ele será morto pelos pecados. E o baile continuará com suas belas mulheres, cujos trajes se harmonizam de maneira extraordinária.

Quanto aos pecados, seria preciso reproduzir as maquetas coloridas para explicar a idéia da desenhista. Um só homem, o orgulho. Os outros são representados por mulheres. Todas envergam um maiô apertado. Seis maiôs pretos. Um branco, o do orgulho. A gula está enfeitada de frutas; a preguiça com papoulas azuis, a córa do sonho e do bem-estar; a cólera, verde e vermelha, possui os guizos da loucura; a luxúria tem longas luvas roxas, uma peruca de lã de vidro, joias; na cabeça de inveja, mãos de estuque se torcem e reforçam: a avareza está tolhida por cordas e moedas de ouro e carrega chaves no cinto. E o orgulho está enfeitado com penas de pavão, de um azul profundo.

Os materiais empregados são todos levíssimos; as ricas roupas das bailarinas que participam da festa são feitas de gaze e organdi, cortadas de modo a não tolher os movimentos e a não caírem após alguns minutos de dança.

"É preciso desembaraçar as pernas, explica Thamar, mas não dar uma impressão de pobreza. Também é preciso conseguir unidade sem que haja identidade."

E aponta para o conjunto de figurinos em cinzento, cor de rosa e branco. Todos os trajes são diferentes, e o conjunto é muito equilibrado. Thamar mostra um projeto para um ballet clássico, com trajes do século XVIII: os "papiers" são sugeridos por simples fitas enroladas de latão. Mostra-me o ballet de Marionetas, de cores vivas, à base

de vermelho indo para o violeta; com enfeites ricos, que na realidade são feitos de palha, celofane, tule. Conta os enredos, que são poéticos.

"Você gosta desse trabalho, não é?", perguntei.

"Permite realizar os nossos sonhos. Fazer passar em desfile, perante a gente, todas as fantasmagorias dos sonhos. Rilke fala, numa poesia, do poeta que constroa sonhos... Depois de realizados, desmoronam, como todos os sonhos... E está muito bem assim. O sonho passou. Chegou a hora de fazer desfilar novas personagens, de animar um outro sonho."

Ultimamente Thamar resolveu trabalhar com intensidade, ou melhor, ver seus sonhos desfilar em vez de evoca-los no papel e deixá-los repousar numa gaveta. Quer dizer que os mais belos sonhos nascem da realidade. Está preparado o roteiro para um novo bailado, um espetáculo que desde já esperamos com interesse.



O 5.º Congresso Brasileiro de Arquitetos - Regulamento

I

OBJETIVOS DO CONGRESSO

Art. 1.º — Será um Congresso Nacional de Arquitetos, para debates de temas, de interesse da coletividade brasileira.

Art. 2.º — O Congresso se destina:

- a) a sugerir e debater soluções concernentes à Arquitetura Popular no Brasil;
- b) discutir a influência da cultura popular e das tradições brasileiras na criação e desenvolvimento da Arquitetura Popular Nacional;
- c) sugerir e discutir soluções urbanísticas que focalizem objetivamente a realidade brasileira;
- d) analisar através de exposição de caráter histórico a evolução da Arquitetura Brasileira.

II

Art. 3.º — O temário do V Congresso será o seguinte:

1) ARQUITETURA NO BRASIL

1-1) Arquitetura Popular

1-2) Conceituação, objetivos e soluções

2) URBANISMO NO BRASIL

- 1-1) Da necessidade de um Planejamento nos três níveis: Nacional, Regional e Local
- 1-2) Divulgação dos princípios gerais, sua legislação adequada e criação de órgãos controladores.

III

SEDE

Art. 4.º — O Congresso se realizará na Capital do Estado de Pernambuco, de 28 de julho a 4 de agosto de 1957.

IV

MEMBROS

Art. 5.º — Os membros do V Congresso serão: titulares, colaboradores e aderentes.

§ 1.º — Titulares serão os sócios titulares do Instituto de Arquitetos do Brasil.

§ 2.º — Colaboradores serão os delegados oficiais, designados pelos Governos Federal, Estaduais e Municipais, os delegados das Repartições Públicas, os das Escolas de Arquitetura, os dos Diretórios e Centros de Estudantes de Arquitetura e Convidados Especiais.

§ 3.º — Aderentes serão os estudantes de Arquitetura e todos os que se interessarem pelo Congresso.

Art. 6.º — Os membros titulares e colaboradores terão direito a tomar parte com voz e voto nas Comissões de Estudos e nas Sessões Plenárias.

§ Único — As entidades representadas por membros colaboradores poderão ter vários delegados, mas somente terá direito a voto um único representante, devidamente credenciado.

Art. 7.º — Os membros aderentes terão direito de tomar parte nas Comissões de Estudos e sessões plenárias, com direito de voz e voto somente nas discussões das teses por eles apresentadas.

Art. 8.º — A inscrição como membro do Congresso será feita pela Comissão Organizadora mediante pagamento das seguintes contribuições:

Instituições estatais e para-estatais Cr\$ 5.000,00.

Associações Cr\$ 1.000,00.

Titulares Cr\$ 200,00.

Aderentes Cr\$ 100,00.

§ 1.º — As contribuições serão pagas à Comissão Organizadora cuja sede será no Instituto de Arquitetos do Brasil — Departamento de Pernambuco, na sala 720, da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, e aos seus representantes devidamente autorizados nos demais Departamentos.

§ 2.º — As inscrições e pagamentos deverão ser efetuados até a data de abertura do Congresso.

Art. 9.º — Os membros titulares, colaboradores e aderentes apresentarão à Comissão Organizadora as suas credenciais antes da Sessão Plenária preparatória, a fim de receberem os cartões e distintivos que deverão usar durante os atos e sessões oficiais.

V

ÓRGÃOS DE DIREÇÃO

Art. 10.º — Os órgãos de direção do V Congresso são:

A Comissão Organizadora, com sede no I.A.B. — Departamento de Pernambuco e a Comissão Executiva que presidirá os trabalhos.

Art. 11.º — A Comissão Organizadora é constituída de dez (10) elementos membros titulares do IAB — Departamento de Pernambuco, eleitos por Assembléia Geral conforme Deliberação e autorização da Direção Nacional do I. A. B..

§ 1.º — Os trabalhos da Comissão Organizadora são dirigidos por um (1) Presidente, um (1) Tesoureiro e um (1) Secretário, desempenhando os demais membros a função de vogais.

§ 2.º — A Comissão Organizadora funcionará com assistência de 5 (cinco) membros no mínimo e suas deliberações constarão do livro de atas.

§ 3.º — A Comissão Organizadora terá as seguintes atribuições:

- a) estudar, organizar e resolver, sem ulterior recurso, a preparação e a elaboração do Congresso e os assuntos omissos neste Regulamento.
- b) fixar os temas oficiais e designar os presidentes e membros das Comissões Especiais.
- c) obter recursos pecuniários e administrativos.
- d) presidir as sessões preparatórias.
- e) nomear representantes nos vários Estados.

Art. 12.º — A Comissão Executiva será formada por 12 (doze) membros eleitos pelo Congresso na sessão plenária, e será constituída de: 1 (um) Presidente, 4 (quatro) Vice-Presidentes, 1.º Secretário, 2.º Secretário e 5 (cinco) vogais.

§ 1.º — A Comissão Executiva terá a seu cargo a direção dos trabalhos desde a 1.ª sessão plenária até a de encerramento.

VI

COMISSÕES ESPECIAIS

Art. 13.º — Durante a preparação e realização do Congresso serão criadas as seguintes Comissões Especiais:

Comissão de Exposição — Comissão de Teses — Comissão de Estudos — Comissão de Resolução — Comissão de Noticiário e Propaganda — Comissão de Recepção e Comissão de Serviços.

Art. 14.º — A Comissão de Exposição será constituída de 5 (cinco) membros designados pela Comissão Organizadora. Terá a seu cargo a organização da Exposição de Trabalhos de Arquitetura e Urbanismo programada pelo Congresso.

Art. 15.º — Na fase preparatória do Congresso será constituída a Comissão de Teses formada, no mínimo, por 5 (cinco) membros designados pela Comissão Organizadora. Terá a seu cargo a classificação das teses apresentadas. O trabalho dessa Comissão será encaminhado às Comissões de Estudos.

Art. 16.º — Na sessão preparatória serão eleitas as Comissões de Estudos, tantas quantas necessárias de acordo com as teses apresentadas, formadas de 5 (cinco) membros, no mínimo, cada uma. Essas Comissões terão a seu cargo o estudo das teses apresentadas que serão encaminhadas ao plenário com parecer.

§ 1.º — A Mesa que dirigirá os trabalhos das Comissões de Estudos, será constituída de Presidente e Secretário, desempenhando os demais membros função de vogais. Os pareceres e estudos da Comissão serão entregues à Secretaria que os encaminhará às sessões plenárias, distribuindo cópias dos mesmos aos congressistas.

§ 2.º — As Comissões de Estudos funcionarão com assistência de 3 (três) membros no mínimo.

§ 3.º — As Comissões de Estudos só poderão considerar matéria de sua deliberação a que fôr entregue pela Secretaria.

Art. 17.º — As teses e estudos devem ser apresentados em 10 (dez) vias datilografadas ou mimeografadas em papel formato carta 22 x 28 cm e entregues até 20 (vinte) de julho de 1957, na sede do Instituto de Arquitetos do Brasil — Departamento de Pernambuco.

Art. 18.º — A Comissão de Resoluções será formada de 10 (dez) membros designados pela Comissão Organizadora e terá a seu cargo a redação final e publicação das Relações do Congresso.

Art. 19.º — A Comissão de Noticiário e Propaganda será constituída de no mínimo 5 (cinco) membros designados pela Comissão Organizadora, tendo a seu cargo o noticiário e propaganda interna e externa de todos os assuntos relacionados com o Congresso, antes e durante sua realização.

Art. 20.º — A Comissão de Recepção será constituída de no mínimo 5 (cinco) membros designados pela Comissão Organizadora. Terá a seu cargo organizar as recepções sociais e visitas de interesse arquitetônico e urbanístico.

Art. 21.º — A Comissão de Serviços será constituída de no mínimo 5 (cinco) membros designados pela Comissão Organizadora. Terá a seu cargo a organização e manutenção dos serviços relacionados com o preparo e realização do Congresso, tais como: hospedagem, transporte, informações, instalações, traduções e outros que se tornem necessários.

VII

SESSÕES PLENÁRIAS

Art. 22.º — O Congresso realizará uma sessão preparatória de abertura, uma de encerramento e tantas sessões plenárias quantas forem precisas a juízo da Comissão Executiva.

§ 1.º — A sessão preparatória terá como objetivo eleger a Comissão Executiva e as Comissões de Estudos.

§ 2.º — O uso da palavra nas sessões plenárias será limitado da seguinte forma:

a) Relatores das Comissões de Estudos, 30 minutos.

b) Autores de Teses e Estudos, 10 minutos.

c) Congressistas em geral, 5 minutos.

§ 3.º — Esgotado o tempo regulamentar o Presidente poderá, quando oportuno e conveniente, prorrogá-lo.

§ 4.º — Os assuntos a serem considerados nas sessões plenárias serão os seguintes:

a) resoluções apresentadas pelas Comissões de Estudos;

b) comunicações, menções e votos propostos por escrito, pela Comissão Executiva, pelas Comissões de Estudos e pelos congressistas em geral.

Art. 23.º — Na sessão de encerramento serão retificadas as conclusões aprovadas nas sessões plenárias.

Art. 24.º — As atas e documentos relativos ao Congresso ficarão pertencendo ao Instituto de Arquitetos do Brasil.

Art. 25.º — A Comissão Executiva do Congresso determinará os trabalhos que de preferência deverão ser publicados nos Anais do Congresso.

Recife — Pernambuco — 1957.

Instituto Brasileiro de Acústica

O "I.B.A." com sede na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, promoverá a partir do próximo dia 4 de junho, uma série de cursos sobre os mais importantes problemas de acústica aplicada.

Esses cursos, que durarão, aproximadamente, 40 dias, serão de grande valia aos engenheiros, médicos, arquitetos, físicos, estudantes e técnicos interessados.

Além de apostilas, serão distribuídos, também certificados de frequência.

O primeiro desses cursos, terá início no dia 4 de junho às 18 horas, no Edifício da Associação Paulista de Medicina, sita à Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 278 — 8.º andar, devendo ser desenvolvido todas as terças e quintas feiras, no horário das 18 às 19 horas. O curso que se denomina "Introdução às técnicas ultra-sônicas", será ministrado pelo físico Lauro Nepomuceno, professor de Eletro-Acústica do Instituto Tecnológico de Aeronáutica de São José dos Campos e membro do conselho diretor do Instituto Brasileiro de Acústica.

O programa será o seguinte:

I — Noções Fundamentais

- Propriedades Físicas das Vibrações Mecânicas.
- Propriedades Psicológicas das Vibrações. Mecanismo do Ouvido. Acústica. Curvas de Audibilidade. Frequência. Ultra-sons.
- Analogias Dinâmicas. Circuitos Elétricos, Mecânicos e Acústicos. Conversão Eletromecânica e Mecano-Eletrica.
- Métodos Gerais de Solução dos problemas Acústicos.

II — Geradores de Som e Ultra-Som. Transdutores.

- Transdutores Eletromagnéticos.
- Transdutores Magnetostritivos. Materiais Magnetostritivos.
- Transdutores Eletrostáticos, Piezoelétricos e Eletrostritivos. Materiais Piezoelétricos e Eletrostritivos.
- Apitos. Geradores a Jato.

III — Cavitação

- Propriedades da Cavitação. Limites de Potência. Efeitos.
- Emulsificação e Dispersão.
- Processos Industriais a Base da Cavitação. Limpeza Industrial por Processos Sônicos.

IV — Aplicações Industriais do Ultra-Som

- Tratamento de Metais. Solda Elétrica a Arco e a Pontos.
- Aplicações ao tratamento de Superfícies.
- Perfuração de Materiais Duros. Perfuração de Poços.
- Cobertura de Metais. Estandagem Eletrolítica.
- Solda a Estanho.
- Mistura de líquidos Imiscíveis. Processamento Industrial.

V — Sistemas de Análises. Medidas por Ultra-Som.

- Técnicas de Ressonância.
- Técnicas de Interferometria.
- Análise Ótica de Ondas Acústicas Estacionárias.
- Técnicas de Impedância Elétrica.
- Técnicas de Pulsos. Aplicações Náuticas. Alguns Processos industriais Patenteados.
- Amortecimento Interno nos Metais.

VI — Aplicações Médico — Biológicas

- Ação das Vibrações do Ar nos Insetos e Mamíferos.
- Ação das vibrações nos Líquidos em Pequenos Animais e em Grandes Complexos Celulares. Destruição Celular.
- Ação Catalítica e Ação sobre Enzimas.
- Ação Bactericida. Reações Terapêuticas.
- Aplicações em Diagnóstico. Aplicações em Prognóstico.
- Possibilidades e Limitações da Técnica no Estado Atual.

Para maiores informações e inscrições:

Arq. Rino Levi

Rua Bento Freitas, 306 — 7.º and. — sala 72
fone: 34-0595

Eng. Roberto Paulo Richter

Av. Francisco Matarazzo, 530 — fone: 51-9108
Laboratório de Fonetica e Acústica da Prefeitura

Prof. Lellis Cardoso

Praça da Sé, 323 — 9.º andar — fone: 35-9425
(Todos em São Paulo).



O INSTITUTO BRASILEIRO DE ACÚSTICA — "I.B.A.", promoverá, a partir de junho, uma série de cursos sobre os mais importantes problemas de acústica aplicada, abrangendo os seguintes setores:

- Técnica Ultrassônica, pelo Prof. Lauro Nepomuceno, para médicos e engenheiros.
- Técnica de Hi-Fi, pelo Eng.º Paulo Taques Bittencourt, para rádio-técnicos, engenheiros e amadores.
- Acústica Básica, pelo Eng.º Cintra do Prado, para engenheiros, arquitetos, médicos e demais.
- Acústica e arquitetura, pelo Eng.º Roberto Paulo Richter, destinado a engenheiros, arquitetos, etc.
- Acústica Médica, pelo Dr. Bernardo Bedrikow, destinado a médicos, técnicos, etc.
- Acústica da fala, por João Lellis Cardoso, destinado a audiometristas, professores, locutores, musicólogos, etc.
- Medidas Acústicas (acústica de laboratório), pelo Eng.º Dr. Jorge Edo, para engenheiros, arquitetos, médicos, etc.
- Bio-Acústica, pelo Dr. Rezende Barbosa, para audiometristas, técnicos, etc.

Estão no programa do Instituto Brasileiro de Acústica ainda os seguintes cursos:

- Medições Acústicas, para formar técnicos audiometristas.
- Acústica na Higiene do Trabalho, a cargo do Dr. Eudoro Berlinck.
- Acústica Hospitalar, a cargo do Dr. Jarbas Karman.

O primeiro curso terá início a 4 de junho próximo, com aulas duas vezes por semana. Os preços, para o curso total, serão de Cr\$ 300,00 para sócios do Instituto Brasileiro de Acústica e Cr\$ 500,00 para os não sócios. Haverá apostilas.

Para maiores informações e inscrições, os interessados deverão dirigir-se à Sede do I.B.A., à Rua Maranhão n.º 88 — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Portugal na IV Bial

A representação portuguesa deste ano é assegurada por artistas de feição moderna, a maior parte dos quais já concorreu à Bial. Foram designados os pintores Vespeira, Carlos Botelho, Júlio Rezende, Fernando Azevedo, Nikias Scapinakis, Fernando Lanhãs, Navarro Hogan, Joaquim Rodrigues e José Julio.

Alguns desses artistas são conhecidos no Brasil e no estrangeiro.

Carlos Botelho tem tomado parte em numerosas exposições internacionais, nomeadamente na I e II Bial de São Paulo, e conquistou, entre numerosos prêmios, o primeiro da exposição internacional de São Francisco e o "Prêmio Portugueses", na I Bial de São Paulo. José Julio e Navarro Hogan, ambos premiados nas exposições portuguesas e representados em várias galerias do seu país, estiveram presentes na I Bial de São Paulo.

Caderno 21

Escolas Primárias e Ginásios

(Architektur-Wettbewerb)

Seleção de Günter Wilhelm (professor da Escola Superior Técnica de Stuttgart) com a colaboração de Karl Wilhelm Schmitt (Eng. assistente). (Arquitetura-Concurso)

Editora: Karl Krämer - Verlag, Stuttgart (Ale.)

Neste novo caderno da conhecida coleção ARCHITEKTUR-WETTBEWERBE, são publicados os concursos mais importantes realizados nesses últimos anos, para escolas primárias e ginásios. Günter Wilhelm, um dos principais construtores de escolas, explica e ilustra o problema das escolas primárias e ginásios. No quadro dessa contribuição, são publicadas — pela primeira vez na Alemanha, as Diretivas de Zürich, que são, dessa feita, tornadas finalmente acessíveis à maioria dos arquitetos alemães.

Partindo das advertências que resultaram de sua colaboração (Zürich, 1953), Günter Wilhelm toma claramente posição no problema da orientação das classes, especialmente nas escolas primárias. Ele consegue expor seus argumentos de maneira convincente, contra a orientação oeste, ou sul-oeste, a única enaltecida. Examinando de perto os projetos dos concursos que tem selecionado, o autor comenta a evolução das escolas primárias, os diversos tipos e plantas, e as transformações para os ginásios. Nessa exposição, são menos ressaltados os pontos de vista formais, do que o pedagógicos e funcionais. Não poupa críticas a alguns dos trabalhos publicados e mesmo a pareceres do Juri.

Para essa apresentação dos trabalhos para concursos, não foram escolhidos somente aqueles bons, em sentido absoluto, mas também os medíocres, oferecendo-se assim um panorama dos concursos e dando-se a possibilidade de compará-los. Foram tomadas em consideração as pequenas escolas de campos, escolas de tamanho médio, a reforma de antigos edifícios escolares, a construção em grande estilo de novas escolas primárias, de escolas médias e ginásios. O apanhado desses trabalhos mostra um alto nível surpreendente que, comparado a outros concursos, testemunha claramente como, em geral, venceram os novos conhecimentos no campo da construção escolar. A direção dessa coleção, digna de merecimento, exprime justamente este ponto, no prefácio. Entre os principais concursos, podem-se mencionar os seguintes: escola primária de Coblenza, ginásio de Göppingen e a escola secundária de Zürich-Letzgraben. Este novo caderno de ARCHITEKTUR-WETTBEWERBE (Arquitetura-Concursos), é uma contribuição significativa ao problema da construção de novas escolas.

Julio Rezende, que esteve na II Bial de São Paulo, realizou uma exposição individual na I Bial e ganhou, também, então, o "Prêmio Portugueses". Fernando Azevedo e Marcelino Vespeira participaram, igualmente, da representação de Portugal na II Bial de São Paulo. Fizeram ambos parte do grupo surrealista d Lisboa e causaram grande escândalo com a exposição que realizaram em 1952 nesta cidade, juntamente com o pintor Fernando Lemos, que hoje reside no Brasil.

Fernando Lanhãs esteve, igualmente, incluído na representação portuguesa da II Bial de São Paulo. Desde 1944 se dedica à pintura abstrata, sendo considerado um dos melhores expoentes dessa corrente em Portugal. Scapinakis, artista figurativo de tendências abstratizantes, e Joaquim Rodrigo, pintor que se inclue na escola abstrata — geométrica — figurarão pela primeira vez na Bial de São Paulo.

Um ambiente acolhedor...

com tapêtes macios, coloridos, aveludados...

Copacabana, Bienal, Xadrês, Espuma –

quatro tipos da linha de tapêtes

Chenibra

a perfeição em Chenile

veja só quantas vantagens!

- são facilísimos de lavar, a mão ou em máquinas comuns.
- fornecidos em tôdas as medidas ou formatos.
- em 25 côres diferentes, para combinar com qualquer ambiente ou decoração.

Os Tapêtes **Chenibra**
não escorregam porque
têm base de latex!

a venda nas boas casas do ramo

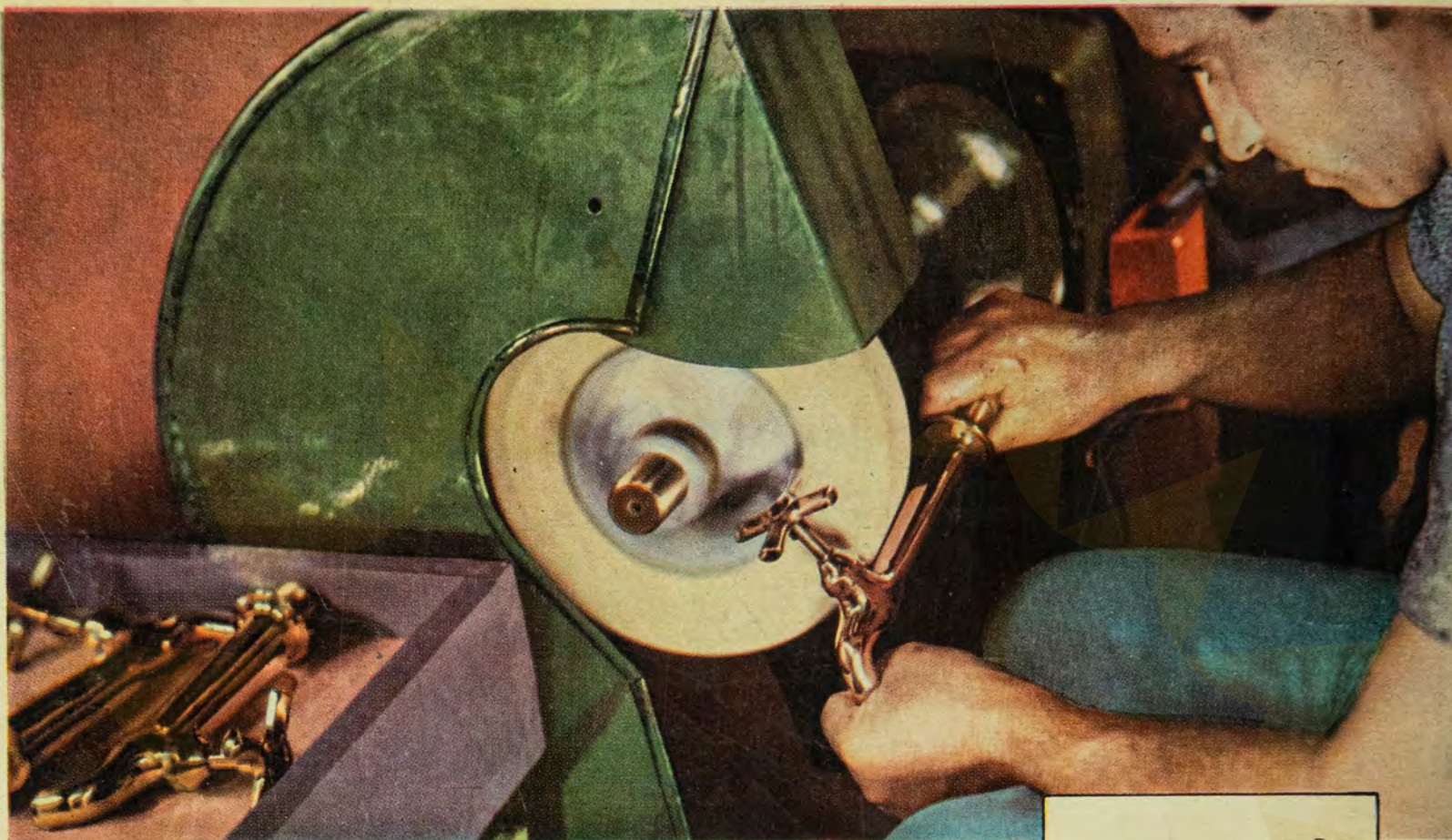
Chenibra

A PERFEIÇÃO EM CHENILE

CHENILE DO BRASIL, TEC. E CONFEC. S. A.

FÁBRICA PRÓPRIA – Rua Dr. Silva Airosa, 22 – Vila Leopoldina – São Paulo

Departamento de Vendas: Rua Oscar Thompson, 36 – Tel. 52-2279



FASE FINAL DO POLIMENTO DE UMA TORNEIRA

de 8 em 8 segundos...

um produto DECA chega ao término do ciclo de fabricação. 100.000 unidades por mês são produzidas na maior fábrica de metais sanitários do país. Esta produção em larga escala permite que a DECA mantenha, além de modernas instalações, uma equipe de técnicos especializados. O elevado padrão de qualidade dos artigos DECA, já conhecido por todos os engenheiros e instaladores é portanto o produto destes fatores e mais:

- Projeto racional de cada detalhe.
- Utilização exclusiva de bronze da melhor qualidade.
- Rigoroso controle técnico na fundição.
- Usinagem de precisão em máquinas modernas.
- Ensaio de funcionamento e vedação de cada peça produzida.
- Acabamento perfeito e cuidadosa inspeção.
- Modernos processos de niquelação e cromação.

a venda nos melhores distribuidores do ramo

ARTEFATOS DE METAL DECA S. A.

Escritório: Rua Líbero Badaró, 582 – 11.º andar
Fábrica: Rua Comendador Souza, 179 – São Paulo

